

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ESTUDOS DO LÉXICO POTIGUARA (PB): LINGUAGENS DO MANGUE E
IDENTIDADE**

IVANILZA CINESIO GOMES

JOÃO PESSOA

2025

IVANILZA CINESIO GOMES

**ESTUDOS DO LÉXICO POTIGUARA (PB): LINGUAGENS DO MANGUE E
IDENTIDADE**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, área de concentração Teoria e Análise Linguística, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Carolina Coelho Aragon

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633e Gomes, Ivanilza Cinesio.

Estudos do léxico Potiguara (PB): linguagens do
mangue e identidade / Ivanilza Cinesio Gomes. - João
Pessoa, 2025.

122 f.

Orientação: Carolina Coelho Aragon.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Lexicologia. 2. Língua tupi. 3. Povos potiguara -
Paraíba. 4. Identidade étnica. I. Aragon, Carolina
Coelho. II. Título.

UFPB/BC


CDU 81'373:811.8(813.3)(043)

IVANILZA CINESIO GOMES


**ESTUDOS DO LÉXICO POTIGUARA (PB):
Linguagens do Manguê e Identidade**

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca examinadora em 26 de setembro de
2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINA COELHO ARAGON**
Data: 10/12/2025 14:24:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Carolina Coelho Aragon
Orientadora

 Documento assinado digitalmente
Juliana Salles Machado Bueno
Data: 11/12/2025 09:14:39-0300
CPF: ***.196.228-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Juliana Salles Machado
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
 **JULIENE LOPES RIBEIRO PEDROSA**
Data: 10/12/2025 16:20:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
Examinadora Interna

JOÃO PESSOA – PB
2025

Aos Potiguara da Paraíba. Povo que se mantém forte na busca pela preservação de sua cultura e identidade étnica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às forças da natureza e a todos os encantados que me guiam e me protegem em todos os momentos da minha vida. Foi, majoritariamente, graças a minha conexão com meus ancestrais e a todas as forças que me regem, que consegui adentrar ao mestrado e concluir esta dissertação. Seres esses, que me deram clareza, discernimento e muita força para prosseguir a pesquisa mesmo diante de tantos obstáculos. A eles, minha infinita gratidão.

Também graças aos esforços de Maria Cinesio e João Condado, meus amados pais, pude alcançar o ingresso no mestrado e todos os títulos e oportunidades que alcancei e alcançarei. Pois foi a partir do esforço, incentivo e colaboração deles que me tornei a pessoa que sou hoje. Não há palavras suficientes que possam demonstrar toda minha gratidão pelo que fizeram e fazem por mim e por nossa família.

Além disso, agradeço mais uma vez ao meu pai, por toda colaboração e especialmente pela paciência ao me levar para o mangue, me passar todo seu conhecimento sobre o manguezal e aos demais dados que alcancei mediante sua contribuição.

Minha mais sincera gratidão a todos os colaboradores e todas as colaboradoras da pesquisa. Pessoas amáveis, que me acolheram nos quintais de suas casas. Agradeço por terem me passado seus conhecimentos referente ao mangue e por terem transmitido em seus discursos tanta verdade, gratidão, apreço e afeto pelo mangue.

Agradeço grandemente à Rogério Alves, a pessoa que, desde o processo de seleção para o mestrado até a conclusão da dissertação, acompanhou de perto meus momentos de vitória e de evolução e que também esteve presente nos impasses, obstáculos e em todas as vezes que pensei que não fosse conseguir. Foi ele quem me apoiou, me incentivou e me relembrou tantas vezes de que eu sou capaz. Agradeço muito por tudo.

Sou imensamente grata a Iracilda Cinesio, Eduardo Cinesio, Raimundo Soares, Iranilda Cinesio, Tiago Cinesio, Patrícia Cinesio e Fabrícia Cinesio. Minhas queridas irmãs e irmãos que são verdadeiros exemplos para mim e que sempre me apoiaram.

Em especial, agradeço aos meus irmãos Iranilza Cinesio e Leonardo Cinésio, que, sempre estiveram a postos para ouvir minhas críticas e desabafos a respeito das burocracias para a realização da pesquisa de campo e defesa; e por tantas vezes, me auxiliaram nesses processos. Vocês me ajudaram muito. Obrigada!

Agradeço também aos meus irmãos paternos, por todo carinho.

Sou grata por minhas sobrinhas e sobrinhos, que me proporcionaram tantos sorrisos e momentos de descontração.

Minha eterna gratidão à minha querida orientadora, Carolina Coelho. Agradeço por não ter olhado para mim, apenas como orientanda, mas como ser humano, por não ter analisado minha pesquisa visando apenas dados e por ter enxergado as singularidades do meu povo.

Toda minha gratidão às professoras Juliana Salles Machado e Juliene Lopes pelas contribuições enriquecedoras que, desde a qualificação, deram a este trabalho.

Agradeço a todo o corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que em dados momentos proporcionaram grande aprendizado e acolhimento.

Meus sinceros agradecimentos às pessoas que passaram por minha vida, nesse período, e sobretudo, às que permaneceram nela, e que, de algum modo, contribuíram em minha formação acadêmica, pessoal e profissional.

Aos Potiguara da Paraíba, que permanecem lutando pela perpetuação da identidade, cultura e religiosidade tradicional, minha profunda gratidão.

“Num tem coisa mais importante, primeramente aqui na gente a saúde, segundo o mangue [...] Quantas pessoa hoje num ta aqui encima da terra que sobreviveu derna de criança desse mangue?!” (Col. 1).

“Eu vivi muitos anos trabalhano no mangue e graças a Deus foi quando eu senti saúde, parece que enquanto mais eu trabalhava mais bem eu ficava e não me queixava de dor, eu não me queixava de nada, sabe?!” (Col. 2).

“É de lá do mangue que eu tiro sustento aqui pa minha família” (Col. 3).

“O mangue é tipo uma mãe pras pessoas que gosta de conviver lá” (Col. 4).

“Eu sempe digo a meus fio que, ói, a maré e o mangue é bom, é bom de trabaiá, mai tem a hora, tem os dia. Infada muito, mai é bom. Que num fô o mangue e a maré ninguém num vevi aqui” (Col. 5).

MIMOMIRĨ

A'e abaeté anama, a'eibé nabaeté ruãetá remierobykatãnamo sekóreme okanhem o amyipaguama rekoabeté mba'e aé, a'e oiporará a'epuerabé tekomonhangaíba inã, ta'angabatã'uba abé a'e abaeté apytĩndaba resé. Kó nhembo'esaba Potĩguara anama Paraĩbyguara resenduara rupi, kó dissertaçã oipotar 'anga'umombora ta'angabatã'auga oioguerekó i anama rekoesaba i anama abanhe'engypy poru resenduara. Kó morabykyaba oguerekó nhembo'esaba mba'eetéramo Potĩguara nhe'endybeté guapara'ytyba pupé i porupyra. Kó mingwabekara osobaixuara'ang kó marandaba: marãngatueté Potĩguara Paraĩbyguara nhe'endybeté tyba a'e nhẽ i nhe'endyba guapara'ytyba pupé i porupyra, a'e oioguerekó serã i anama rekoesaba resé? Oré aipo robaixuapotara resé, oré remingwabekara remiekarusu nã: nhe'endybeté mba'e ra'anga, a'e Potĩguara Paraĩbyguara remiporu guapara'ytyba pupenduara, ananhe'egakuapaba rekoaba moatãndaguama resé Potĩguara retãme sa'angypyra resé. A'e miekara paraba resé, oré orosa'ang: nhe'endybeté mba'e Potĩguara nhe'enga pupé oikoba'e guapara'ytyba pupé sekó resenduara supé guasema; marã nhe'endybeté resé nhembo'esaba guapara'ytyba resé Potĩguara anama rekobesaba resé ioguerekó ra'anga; iekuapabesabetá kuabekara aipó nhe'endybeté mba'e poruaba Potĩguara rekoesaba mba'emombeguaba pupé oikoba'e, miekara supé îekosupápe, oré oroimoingó nhũme miekara mba'eandupaba rupi, oroimoingó anamaresé-papera (Bortoni-Ricardo, 2004) morandutyba abé. Kó nhembo'esaba oguerekó mbó Potĩguara moropytỹboana a'e guapara'yba pupé umã oporabykýba'e. Oré orosa'ang aipó nhe'endybeté iekuapaba i po'opyra nhembo'esabusu porabykyabetá resé kó nhe'enguru resebé: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); a'e Dicionário de Eduardo de Almeida Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); a'e Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1913); a'e Dicionário Michaelis Online abé. Oré iekuapaba ra'anga moauié riré, oré oroindub, nhe'endybeté mba'e ra'anga rupi guapara'ytyba mba'e resé abá nhe'engabetá rupi guapara'ytyba tekoaba resé abá ioguerekosaba, Potĩguara Paraĩbyguara oiporu nhe'endybeté mba'e anamboranduba ri i mopyatãmbyra onhe'engyba'e setama setama resenduara abé ioguerekosaba suí.

Nhe'eng-okendaba: Potĩguara Paraĩbyguara; Guapara'ytyba Nhe'engaba; Tekoesaba; Nhe'enga; Nhe'endybeté.

RESUMO

Os povos indígenas que, em algum momento, sofreram contato incisivo com não indígenas perdendo aspectos característicos de seus ancestrais vêm passando, desde muito tempo, por preconceitos, devido, principalmente, aos rótulos que são atrelados aos indígenas. A partir de um estudo realizado com o povo Potiguara da Paraíba, esta dissertação tem como intuito desmistificar o estereótipo que se relaciona à identidade étnica atrelada ao uso da língua ancestral indígena. Este trabalho teve como objeto de estudo o léxico Potiguara usado no manguezal. A presente pesquisa visou responder à seguinte problemática: de que modo o repertório lexical dos Potiguara da Paraíba, mais especificamente o vocabulário utilizado no mangue, está relacionado à identidade étnica desse povo? Com a intenção de responder ao questionamento, tivemos como objetivo geral da pesquisa: analisar itens lexicais usados no contexto do mangue pelos Potiguara da Paraíba, com o intuito de fortalecer as características etnolinguísticas marcadas ao longo do território Potiguara. Quanto aos objetivos específicos, visamos: identificar os itens lexicais presentes na fala dos Potiguara relacionados à vivência no mangue; examinar de que forma o estudo do léxico relacionado ao mangue se articula com os aspectos sociais da vida Potiguara; investigar os significados e os usos desses itens lexicais na enunciação da identidade Potiguara. Para alcançar os objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo contendo observação, aplicação de fichas-sociais (Bortoni-Ricardo, 2004) e de questionário. O estudo contou com cinco colaboradores Potiguara que trabalham ou já trabalharam no mangue. Os dados lexicais coletados foram analisados comparativamente com trabalhos acadêmicos e com os seguintes dicionários: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); Dicionário de Eduardo de Almeida Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1913); e o Dicionário Michaelis Online. Ao finalizarmos a análise dos dados foi perceptível que, por meio da análise das unidades lexicais e dos discursos de pertencimento e de conexão com o ambiente mangue, os Potiguara da Paraíba utilizam itens lexicais sócio-historicamente motivados a partir das relações dos falantes com o território e suas territorialidades.

Palavras-chave: Potiguara da Paraíba; Linguagem do Mangue; Identidade; Língua. Léxico.

ABSTRACT

Indigenous peoples who, at some point, have suffered incisive contact with non-indigenous people, losing distinctive aspects of their ancestors, have been undergoing prejudice, mostly due to stereotypes linked to the indigenous people. As a study with the Potiguara people of Paraíba, this master's thesis aims to demystify the stereotype related to ethnic identity linked to the use of the indigenous ancestral language. The object of this study is the Potiguara lexicon used in the mangrove (manguezal). This research aimed to answer the following problem: how does the lexical repertoire of the Potiguara people of Paraíba, specifically the vocabulary used in the mangrove, relate to their ethnic identity? To solve the question, the research was based on the following general objective: to analyze lexical items used in the context of the mangrove by the Potiguara people of Paraíba to support the ethnolinguistic characteristics marked along the Potiguara territory. The specific objectives are the following: identify the lexical items present in the speech of the Potiguara people related to the mangrove experience; examine how the study of mangrove lexicon is articulated with the social aspects of Potiguara life; investigate the meanings and uses of these lexical items in the utterance of Potiguara identity. To achieve the objectives, field research employed observation and application of social forms (Bortoni-Ricardo, 2004) and a questionnaire. The study featured five Potiguara employees who work or have worked on the mangrove. The lexical data collected were compared to academic papers and the following dictionaries: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); Dicionário de Eduardo de Almeida Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1913); and the Dicionário Michaelis Online. The results showed that, through the analysis of lexical units and discourses of belonging and connection to the mangrove environment, the Potiguara people of Paraíba use lexical items socio-historically motivated by the relations of speakers to the territory and their territorialities.

Keywords: Potiguara of Paraíba; mangrove language; identity; language; lexicon.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Divisão territorial Potiguara	21
Imagem 2 - Ambientes de usos e subsistência Potiguara	24
Imagem 3- Camboa	26
Imagem 4 - Porocotó	51
Imagem 5- Sapateiro	52
Imagem 6- Caranguejo sal	55
Imagem 7- Caranguejo Guaiamum	56
Imagem 8 - Aratu ~ Arastovis ~ Arastévis ~ Araeu	57
Imagem 9 - Mufada ~ Bunda	58
Imagem 10 - Buzana	59
Imagem 11 - Chama maré	60
Imagem 12 - Tesoureiro ~ Tesourão	61
Imagem 13 - Siri açu	60
Imagem 14 - Catapu de dedo	61
Imagem 15 - Catapu de tampo	64
Imagem 16 - Maçunim preto ~ Maçunim ~ Mela pau	65
Imagem 17 - Maçunim branco ~ Maçunim ~ Mela pau	65
Imagem 18 - Gaita ~ Morão	66
Imagem 19 - Caranguejo tapado ~ Tapagem	67
Imagem 20 - Siri engranzado	68
Imagem 21 - Siri de seco	69
Imagem 22 - Maré morta	70
Imagem 23 - Covo	70
Imagem 24 - Tomada	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIS	Agente Indígena de Saúde
APA da Barra do Rio Mamanguape	Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape
ARIE da Foz do Rio Mamanguape	Área de Relevante Interesse Ecológico Manguezais da Foz do Rio Mamanguape
Col	Colaborador(a)
DILI	Década Internacional das Línguas Indígenas
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
PB	Paraíba
RN	Rio Grande do Norte
TI	Terra Indígena
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
2 TERRITÓRIO, IDENTIDADE E LÍNGUA DOS POTIGUARA DA PARAÍBA	19
2.1 Povo Potiguara da Paraíba	19
2.2 O Manguê	23
2.3 A língua Tupi no contexto atual	29
2.4 A língua portuguesa e identidade indígena	31
3 ESTUDOS DO LÉXICO E SUAS CORRELAÇÕES COM A HISTÓRIA E A IDENTIDADE	34
3.1 Explorando a dimensão da palavra	34
3.2 Relações entre léxico, cultura, sociedade e história	35
3.3 Variações e fronteiras lexicais	38
4 DESENHO METODOLÓGICO	42
4.1 Natureza da pesquisa	42
4.2 Local da pesquisa e período de referência	43
4.3 Colaboradores da pesquisa	44
4.4 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados	47
4.4.1 Questionário	49
5 ITENS LEXICAIS E IDENTIDADE: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	50
5.1 Descrição dos itens lexicais usados no manguê pelos Potiguara	50
5.1.1 Discussão dos dados	73
5.2 Língua e Identidade	74
6 ESTUDO COMPARATIVO DOS ITENS LEXICAIS	82
6.1 O léxico Potiguara x o léxico não indígena	82
6.2 O léxico Potiguara e o léxico dos Dicionários	87
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	121

INTRODUÇÃO

Sou indígena Potiguara¹, cresci e vivi por muito tempo em Boa Esperança, Aldeia Jacaré de César. Especialmente em minha infância e adolescência, as águas do território Potiguara sempre estiveram muito presentes em minhas vivências, tanto a água doce, pelos rios que banham Boa Esperança, onde até hoje moram meus pais, quanto pela água salgada, em especial da aldeia Tramataia, local onde mora grande parte da minha família (irmãos(ãs), tios(as), primos(as), avô e sobrinhos(as)).

Com bastante frequência, meus pais nos levavam e vamos até hoje à maré que é localizada na aldeia Tramataia. Local com muitos pés de mangue e foi onde tive meu primeiro contato e conhecimento básico sobre o mangue. Mesmo não tendo entrado no manguezal na infância e na adolescência, desde muito cedo admirava os manguezais. Fui ensinada sobre sua importância para a sobrevivência de muitos, bem como o quanto o mangue é rico econômica, turística e espiritualmente. Muitos dos meus parentes mais próximos como primos e irmãos tiram todo o sustento por meio do mangue e, por muito tempo, foi do mangue que meu pai sustentou nossa família.

Quando solteiro, meu pai morava na aldeia Tramataia com seus pais e, desde criança, começou a ir ao mangue com minha avó. Quando casou com minha mãe, as idas ao mangue não pararam e o manguezal foi por muito tempo o principal sustento dos filhos dos meus avós paternos, de meus pais, meu e de meus irmãos. Sou a filha mais nova dos onze filhos que minha mãe teve com meu pai. Por anos meus pais tiveram onze filhos dentro de uma casa, tendo o mangue e a agricultura como os principais meios de subsistência que possibilitaram manter nossa família. Atualmente, nem meus pais nem seus filhos, dependem do mangue para sobreviver, mas compreendem sua importância em nosso território.

Portanto, inicio(amos) este trabalho pela justificativa da pesquisa, a qual está intrinsecamente vinculada à minha vida, dado o quão fundamental o mangue foi para ela, bem como a sua rica contribuição à vida de muitos Potiguara, e pelo quanto anseio realizar um estudo linguístico e social que contemple a identidade étnica do meu povo Potiguara da Paraíba. Além disso, este trabalho contempla uma temática inédita no que tange os indígenas Potiguara da Paraíba, já que não foi encontrado, até o presente momento, discussões na literatura que abordem esse tópico.

¹ Os indígenas foco deste trabalho é o povo Potiguara da Paraíba. Por isso, mesmo nos casos que não for especificado no texto, quando nos referimos aos Potiguara estamos nos reportando aos Potiguara da Paraíba.

O Brasil é um país diverso e possui vastas variedades linguísticas, culturais e étnicas (Rodrigues, 2005, dentre outros). No Brasil há 305 etnias e 274 línguas indígenas (IBGE, 2010), embora linguistas questionem esse quantitativo por distintas razões metodológicas. Em decorrência do processo de colonização, de imposições e de contatos incisivos com não indígenas, alguns povos indígenas brasileiros falam apenas a língua portuguesa. No entanto, mesmo não tendo mais contato com a língua indígena de seus antepassados e sendo falantes da língua dominante (o português), há em seus falares características marcadas por traços sociais específicos de seus territórios, de sua língua ancestral.

Nesse âmbito, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os itens lexicais utilizados no contexto do mangue pelos Potiguara da Paraíba, com o intuito de fortalecer as características etnolinguísticas marcadas ao longo do território Potiguara. Quanto aos objetivos específicos, visamos:

1. Identificar os itens lexicais presentes na fala dos Potiguara relacionados à vivência no mangue;
2. Examinar de que forma o estudo do léxico relacionado ao mangue se articula com os aspectos sociais da vida Potiguara;
3. Investigar os significados e os usos desses itens lexicais na enunciação da identidade Potiguara.

Aos longos anos de contato com não indígenas, muitas características do povo Potiguara, como por exemplo, o aspecto físico, alguns costumes e vivências, mudaram drasticamente. Não foi diferente com a língua falada. Anteriormente, os indígenas Potiguara foram obrigados a aprender um novo idioma (o português) e a não mais se comunicar por meio da língua nativa, o Tupi, conhecido também por Tupinambá ou Tupi Antigo (Moonem, 1986; Felix, 2018).

Atualmente parte majoritária do povo Potiguara da Paraíba usa a língua portuguesa para se comunicar, no entanto, a língua originária de nossos antepassados tem sido revitalizada, especialmente por meio de atuações nas escolas indígenas e iniciativas/projetos relacionados ao Tupi, como mencionaremos adiante. Vale salientar que, mesmo diante da retomada da língua Tupi, nós, Potiguara, mantemos nossa identidade étnica tendo o português como nossa primeira língua.

Nesta pesquisa, consideramos a língua como sendo social, ou seja, o contexto, a história e a cultura são partes integrantes e determinantes para a forma como ela é usada

(Cezario; Votre, 2011). Para Labov (2008), a língua deve ser estudada de acordo com o contexto de uso, uma vez que há relação intrínseca entre língua e sociedade. Fatores como classe social, escolaridade e faixa etária, são de extrema relevância quando estudamos a língua. Em resumo, para Labov (2008), fatores sociais motivam o uso, a variação e a mudança linguística.

Portanto, ao refletir sobre minhas vivências enquanto indígena Potiguara e filha de trabalhador do mangue, a pergunta de pesquisa geradora deste trabalho é: de que modo o repertório lexical dos Potiguara da Paraíba, mais especificamente os itens lexicais utilizados no mangue, estão relacionados à identidade étnica desse povo? Nossa hipótese é de que os Potiguara carregam um repertório linguístico que reflete identidade étnica, histórica e social do povo Potiguara, uma vez que os itens lexicais utilizados no falar dos referidos, assim como os recortes de seus discursos, demonstram as singularidades marcadas no território e em suas territorialidades.

Para a coleta, a análise e a descrição de dados, desenvolvemos uma pesquisa com o viés qualitativo (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). Foram entrevistados cinco Potiguara que trabalham no mangue, residentes das aldeias: Jacaré de César, Tramataia e Brejinho; sendo três mulheres e dois homens. Os colaboradores têm faixas etárias entre 29 e 63 anos, níveis escolares que variam entre nunca ter estudado e ter cursado até o Ensino Fundamental Anos Finais; e todos começaram a trabalhar no mangue muito jovens. Os dados coletados com esses Potiguara foram organizados e comparados com dados das dissertações de mestrado, “Conhecimento Ecológico Local, Técnicas de Pesca e Uso dos Recursos Pesqueiros em Comunidades da Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil”, de Creuza Soares Cortez (2010); “Pesca Artesanal: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB”, de Suana Medeiros Silva (2012) e; “O Léxico do Canto do Mangue”, de Wellington Lopes do Santos (2010). E os artigos, “O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio mamanguape, estado da Paraíba, Brasil”, de Michelle da Silva Pimentel Rocha, José da Silva Mourão, Wedson de Medeiros Silva Souto, Raynner Rilke Duarte Barboza e Rômulo Romeu da Nóbrega Alves (2008); “Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro: Um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita - PB”, de Azemar dos Santos Soares Júnior (2008) e; ““Caranguejo tem língua?”: um glossário do caranguejo no Maranhão”, de Luciana Araújo Moreira (2009).

Para a comparação, utilizamos também quatro dicionários: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); Dicionário de Eduardo de Almeida

Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Diccionário da Língua Portuguesa (1913); e Dicionário Michaelis - online. Esses dicionários foram selecionados com o intuito de compreender a etimologia e a extensão do uso dos itens lexicais coletados, visando responder às seguintes perguntas: As palavras coletadas são de origem Tupi?; Podem ser encontradas em dicionários de língua portuguesa?; Se encontradas nos dicionários de língua portuguesa, possuem o mesmo significado dado pelos Potiguara participantes da pesquisa ou houve mudanças semânticas, como por exemplo, mudanças nos contextos de uso, ampliação, generalização ou restrição do sentido?

Esperamos que este trabalho proporcione maiores conhecimentos quanto aos aspectos linguísticos, culturais e sociais do povo indígena em questão. Ansiamos em gerar, futuramente, um vocabulário que contenha aspectos do mangue para as escolas indígenas e as demais que estão localizadas no território Potiguara, para que, assim, os itens lexicais usados no manguezal ou referentes a aspectos dos manguezais não sejam perdidas/esquecidas ao longo do tempo.

Esta dissertação foi organizada da seguinte forma: no capítulo 2, há a contextualização histórica referente ao povo Potiguara da Paraíba, o mangue e sua importância para os Potiguara. Resumimos também a retomada da língua Tupi e sua relação com os aspectos identitários do povo Potiguara. O capítulo 3 discute a definição de palavra, a importância do léxico de acordo com um contexto social e histórico. Há também descrição do panorama dos estudos sociolinguísticos e sua importância, especialmente no que se refere aos estudos da segunda onda variacionista. O capítulo 4 consiste na metodologia da pesquisa. Nele estão descritos a natureza da pesquisa, o local da pesquisa, informações referente aos colaboradores e aos procedimentos e instrumentos de coleta de dados.

O capítulo 5 apresenta os itens lexicais coletados na pesquisa de campo com nossos colaboradores, bem como as variações desses itens, a descrição de cada item, além da percepção dos colaboradores da pesquisa a respeito do mangue e do Pai do Mangue. O capítulo 6 faz análise comparativa entre os itens lexicais coletados em nossa pesquisa e os coletados em publicações acadêmicas e dicionários. O capítulo 7 apresenta as conclusões finais deste estudo.

2 TERRITÓRIO, IDENTIDADE E LÍNGUA DOS POTIGUARA DA PARAÍBA

Neste capítulo contextualizamos a luta e a resistência dos Potiguara da Paraíba, discutindo brevemente a respeito de genocídio e seus efeitos, a opressão e a imposição dos invasores que culminaram na perda de características físicas e linguísticas dos Potiguara. O capítulo aborda ainda o contexto atual dos Potiguara, contendo a localização majoritária desse povo e sua organização territorial. Ao longo deste capítulo, há também um tópico que se refere ao mangue, sua importância, localização no território Potiguara e outras descrições referentes a esse ambiente. Posteriormente, abordamos, de forma resumida, a língua Tupi no contexto Potiguara e, por fim, uma reflexão sobre o português indígena como identidade étnica e linguística.

2.1 Povo Potiguara da Paraíba

O povo Potiguara teve contato com os portugueses desde 1501 e sofreu com ataques dos colonizadores desde 1574. Por 25 anos, quase ininterruptos, lutou contra a dominação do colonizador. No entanto, os portugueses massacraram e escravizaram milhares de Potiguara. Não somente os Potiguara, diversos outros povos também sofreram massacres e escravidão semelhantes (Moonen, 1986).

Devido, especialmente, à epidemia de varíola, que quase dizimou a população no ano de 1599, o povo Potiguara teve que se render aos colonizadores e em 1601 já haviam cerca de 14.000 Potiguara catequizados. Entretanto, é válido afirmar que o povo Potiguara possui uma história de luta e de resistência contra as mais diversas formas de imposição e em defesa de seus direitos que se deu desde o século XVI até os dias atuais (Moonen, Maia, 1992; Mendonça, Nascimento, Barcellos, 2020). Os Potiguara são descritos por Moonen e Maia (1992), Moonen (1986), Barcellos (2012), dentre outros estudiosos, como sendo o único povo indígena da costa brasileira que permaneceu em seu local de origem. Barcellos (2012, p. 1, grifo do autor) aponta que os Potiguara podem ser vistos como, no Nordeste, “um dos poucos exemplos de povos indígenas que se fixaram na “mãe terra” e conseguiram que sua etnia e suas tradições culturais e religiosas fossem relativamente preservadas, mesmo com toda imponência do invasor”.

Dentre as guerras travadas entre Potiguara e Portugueses nas primeiras décadas de contato, as doenças transmitidas pelos portugueses e o genocídio são fatores que contribuíram para sua diminuição populacional. Além disso, uma das estratégias utilizadas para que os

Potiguara não resistissem às imposições dos invasores, foi a separação desses indígenas por aldeamentos (Moonen; Maia, 1992).

Em entrevista, Ailton Krenak, importante liderança indígena, afirma que muitos indígenas foram mortos devido à transmissão de doenças de não indígenas, mas foi por meio do genocídio, de forma arquitetada, que muitos povos foram praticamente extintos. Contudo, vale destacar que diante das imposições postas pelos invasores, os indígenas não ficavam de “cabeça baixa”, lutaram por muitos anos e deram o máximo de si para que pudessem permanecer ao seu modo (Coelho, Krenak, 2009). Outro ponto importante a ser destacado é que o genocídio não cessou completamente, vale mencionar que o genocídio indígena continua nos dias atuais, mascarado por empreendimentos e por políticas anti-indigenistas (Palmquist, 2018).

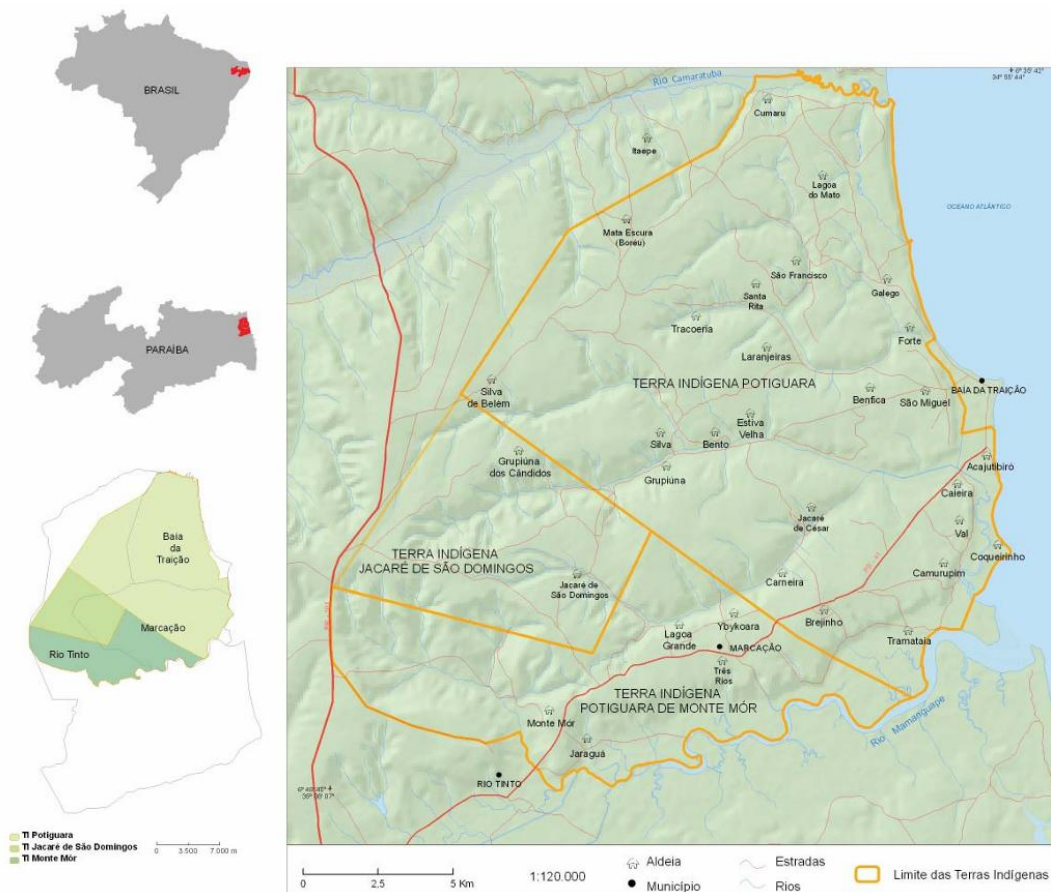
Segundo Moonen (1986), a língua originária dos Potiguara era o Tupi (língua Tupinambá), mas em 1913, de acordo com Ribeiro (1982), não havia Potiguara que falasse outra língua senão o português, e esse povo já não carregava mais fenótipos que fossem possíveis os identificar enquanto indígenas. Quanto ao fenótipo, podemos citar as diversas investidas da Coroa e do Estado, como por exemplo, o Diretório Pombalino, para que a figura europeia fosse vista pelos indígenas como superior e que houvesse miscigenação no país, preferencialmente, entre indígenas e portugueses. Mesmo depois de serem amparados por leis que os permitiam praticar suas religiões, culturas, línguas e costumes tradicionais, muitos povos indígenas, entre eles os Potiguara, por muito tempo, recriaram praticá-las, seja pelas lembranças do que seus parentes viveram, seja por receio à opinião pública (Moonen, 1986; Moonen, Maia, 1992).

Atualmente, os Potiguara ocupam, majoritariamente, algumas cidades do litoral norte da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. E, como outras populações indígenas, o povo indígena Potiguara encontra-se em diversos lugares do país, todavia, concentra-se especialmente no litoral norte da Paraíba entre os municípios de Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto. O território Potiguara está distribuído em 32 aldeias que se localizam nos três municípios citados. No que se refere à extensão do território, de acordo com Barcellos (2012), Cardoso e Guimarães (2012) e Pereira et. al (2020), o território Potiguara possui 33.757 hectares, já em Vieira (2019), o quantitativo é de 33.801 hectares, enquanto para Mendonça, Nascimento e Barcellos (2020), o total de hectares é de 34.756. A Terra Indígena (doravante TI) deste povo está dividida em: TI Potiguara, contendo população de 10.960 indígenas; TI de

Monte-Mor, com 7.639 indígenas e TI de Jacaré de São Domingos com um total de 445 indígenas (IBGE, 2022).

Algumas aldeias do território Potiguara encontram-se demasiadamente próximas das cidades Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto ou, seria mais certo afirmar que, os centros urbanos das cidades citadas tiveram tal expansão, considerando que as aldeias já se encontravam no território. Um exemplo dessa proximidade é a cidade Marcação, que encontra-se dentro do limite das terras indígenas, mais especificamente da TI Potiguara Indígena de Monte- Mor, como é possível identificar a seguir na Imagem 1.

Imagem 1- Divisão territorial Potiguara



Fonte: Cardoso e Guimarães (2012)

As terras, hoje documentadas enquanto terra demarcada do povo indígena Potiguara, são as TI nomeadas TI Potiguara com 21.238 ha e TI de Jacaré de São Domingos com 5032 ha. A demarcação da TI Potiguara foi realizada nos anos 1983 e 1984 e a TI de Jacaré de São Domingos no ano de 1993, entretanto, para o alcance desse direito foi preciso que os

Potiguara travassem anos de luta contra invasores, órgãos indigenistas e o próprio Estado (Palitot, 2005; Cardoso, Guimarães, 2012; Barcellos, 2012; Coutinho, 2023).

No que se refere à TI de Monte-Mor, desde o início dos anos 2000, os Potiguara realizaram a retomada das terras que antes eram tidas como sendo de propriedade de usineiros e da antiga Companhia de Tecidos da família holandesa Lundgren. Contudo, em vias oficiais, somente em 04 de dezembro de 2024, a TI Potiguara de Monte-Mor foi homologada.

É importante destacar que dentre os direitos dos povos indígenas está a demarcação de suas terras. A terra é importante para os indígenas em diversos âmbitos, entre eles, a possibilidade de manter suas raízes onde viveram e lutaram seus antepassados; vivenciar e realizar a manutenção da identidade, seja coletiva ou individual, no que tange os aspectos linguísticos, sociais, religiosos, culturais e políticos; além da contribuição para a preservação e cuidado dos recursos naturais e a possibilidade de tirar seu sustento e/ou alimento a partir dos recursos da terra (Palitot, 2005; Gerlic, Zoetl, 2011; Braga, 2019; Pereira, 2020).

Como dito, os Potiguara encontram-se em diversos lugares do país, contudo, sua maior concentração está no litoral norte da Paraíba. Tendo em vista, a grande proximidade entre as aldeias e os centros urbanos, muitos indígenas moram na cidade, seja ela Marcação, Rio Tinto ou Baía da Traição, e, por essa razão, muitos acabam não sendo contemplados com benefícios básicos, uma vez que são considerados como índios ou indígenas desaldeados (Braga, 2019). Levando tal problemática em consideração, concordamos com a teoria de que o indígena não perde sua identidade e/ou etnicidade ao morar fora da aldeia. A ideia de indígena desaldeado acaba contribuindo com a estereotipação e os limites que, muitas vezes, as sociedades atrelam às sociedades indígenas (Palitot, 2005; Braga, 2019).

Atualmente, os Potiguara da Paraíba desfrutam de diversas riquezas naturais, alguns exemplos são, os rios, mar, maré, lagoas, nascentes, cachoeiras, matas e manguezais. Para os Potiguara, os recursos naturais que possuem em seu território vão para além da questão econômica e lazer, pois tais ambientes significam também a conexão com a espiritualidade Potiguara. Isso acontece porque, além da possibilidade desses ambientes trazerem conforto e renda aos Potiguara, é por meio desses locais também que pode ser promovida conexão com as forças da natureza, sua espiritualidade singular, a presença e a força dos encantados, seres de luz e antepassados (Palitot, 2005; Gerlic, Zoetl, 2011; Barcellos, 2012; Cardoso, Guimarães, 2012; Braga, 2019; Pereira, 2020).

Parte dos ambientes citados são os principais modos de subsistência do povo Potiguara, dentre os principais estão: a agricultura; a cana de açúcar; a carcinicultura; a coleta

de mangaba e de marisco; a pesca no rio, mar, maré e mangue (Barcellos, 2012; Palitot, 2005; Cardoso, Guimarães, 2012; Pereira, 2020).

2.2 O Mangue

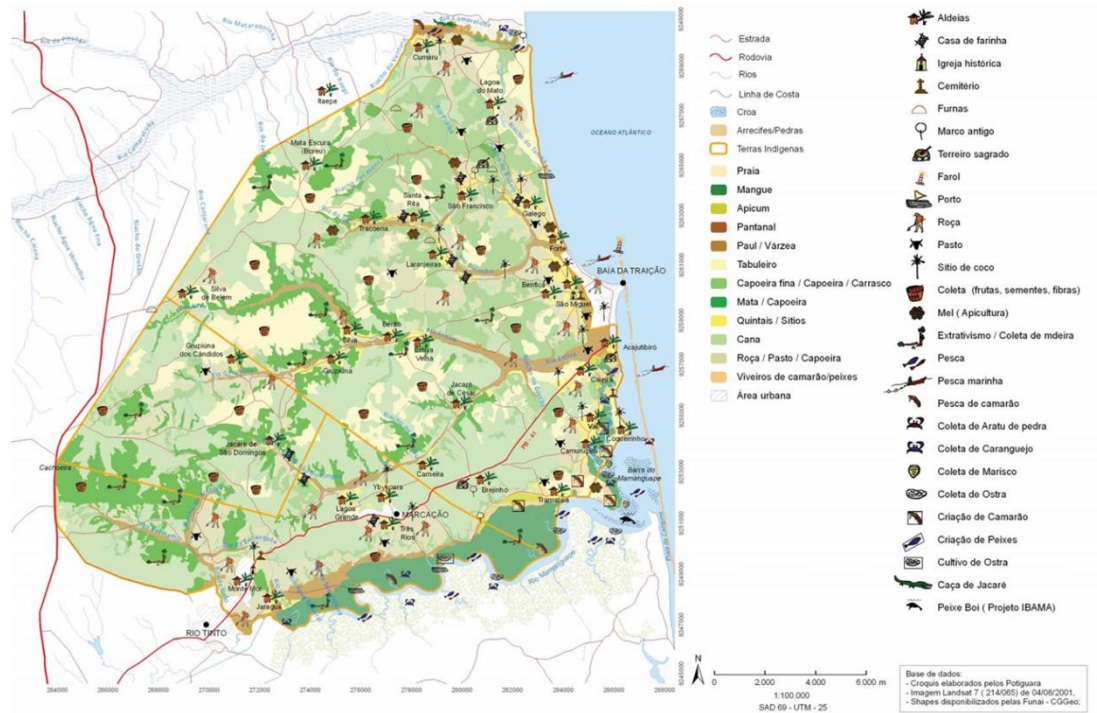
Popularmente conhecido como mangue, o manguezal é uma área de mata composta por diversas plantas denominadas mangue. De acordo com Cardoso e Guimarães (2012, p. 31), o “solo de lama acinzentada ou lama com areia” é o tipo de terra propício para esse ambiente. O solo do manguezal varia de acordo com as fases da maré e/ou da lua (Cardoso; Guimarães, 2012; Bernardo, 2023).

Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (2015), o manguezal é um ecossistema localizado na costa, reconhecido como um dos mais produtivos da terra. Estima-se que sua extensão total mundial é de aproximadamente 138 mil km², e que no Brasil encontra-se média de 7% do referido total, tendo uma área aproximada de 10.000 km² (ICMBio, 2015).

Esse ambiente é desenvolvido em áreas costeiras que se localizam entre o mar e o continente, em geral, sua localização fica na entrada e/ou disseminação de um rio no mar, mais especificamente, ele se dá mediante a junção entre a água doce e a água salgada (ICMBio, 2015). Ainda de acordo com a ICMBio (2015), os manguezais contêm importância econômica devido às variedades de serviços e bens oferecidos à população, os quais possibilitam a manutenção de culturas, tradições e sobrevivência de comunidades tradicionais e ribeirinhas. Em meio a tais atividades se encontram as possibilidades turísticas e os diversos tipos de pesca.

Em etnomapeamento realizado no território Potiguara, Cardoso e Guimarães (2012) destacam que há quatro espécies de mangue, são eles: mangue sapateiro, mangue canoé, mangue manso e mangue de botão. Cada tipo de mangue se concentra de acordo com as características dos manguezais. No que se refere à sua localização no território potiguara, os manguezais ficam, especificamente, entre “Mamanguape, ao sul, e [...] Camaratuba, ao norte do território”, compreendendo as aldeias Acajutibiró, Brejinho, Caieira, Camurupim, Coqueirinho, Jaraguá, Tramataia, Três Rios e Val (Cardoso, Guimarães, 2012, p. 31), assim como é possível identificar na Imagem 2.

Imagem 2 - Ambientes de usos e subsistência Potiguara



Fonte: Cardoso e Guimarães (2012)

Vale destacar que mesmo esses ambientes sendo de aldeias específicas, seu uso não é realizado somente por pessoas que moram nelas e também nem todos os indígenas que moram nas referidas aldeias vivem do mangue e/ou necessariamente fazem/fizeram uso dele em algum momento da vida. Historicamente, de acordo com Soffiati (2023), os primeiros habitantes das terras que hoje nomeamos por Brasil, já possuíam uma relação de sacralização da natureza, com o mangue. Ainda de acordo com Soffiati (2023, p. 181), “brancos pobres e negros escravos devem ter aprendido a buscar alimentos nos manguezais com os nativos”. Podemos relacionar o contato milenar que os Potiguara possuem com o manguezal a partir da afirmação de Pereira (2022, p. 24) ao dizer que as populações de cultura e língua Tupi “ocupavam todo o litoral do Brasil desde São Paulo até o Ceará, beneficiando-se dos recursos ecológicos das áreas de Mata Atlântica e manguezais nos estuários dos rios”. Outro fator que nos permite sustentar a relação dos Potiguara com o manguezal historicamente é o relatório de Bandeira (1920), o qual menciona os principais modos de subsistência dos Potiguara, ressaltando o manguezal, dando ênfase na “pega” de caranguejo e marisco. Portanto, podemos afirmar que há centenas de anos o mangue está presente na vivência dos Potiguara.

O mangue é um recurso natural riquíssimo que contribui grandemente para a alimentação e para a vida dos moradores de determinadas aldeias, mas devido ao trabalho no

mangue ser bastante árduo e haver outras possibilidades econômicas no território, muitos não fazem uso dele. Evidenciando o cotidiano dos Potiguara, Palitot (2020, p. 125) enfatiza que

O manguezal e o rio Mamanguape são os dois elementos mais importantes na ecologia das Terras Indígenas e na vida das comunidades. As atividades de pesca e coleta nesses dois ecossistemas são exercidas por moradores de várias aldeias e não apenas daquelas situadas próximas ao rio.

O trabalho no mangue possibilita a “pega” de caranguejo, aratu, siri, de peixes como o amoré, entre outros seres que habitam esse ambiente (Gerlic, Zoettl, 2011; Cardoso; Guimarães, 2012; Pereira, 2020; Bernardo, 2023). A coleta possibilita tanto a alimentação do trabalhador e de sua família, como a venda. No caso de vendagem, o trabalhador tem a possibilidade de sustentar-se mediante o valor alcançado com a venda dos crustáceos e/ou peixes retirados do mangue. Não obstante, há outras possibilidades de subsistência no território Potiguara, como por exemplo: a pesca na maré, mar ou rio; a tiragem de marisco na maré e/ou croa; a carcinicultura; a agricultura com plantios como a mandioca, macaxeira, mamão e legumes; a tiragem de mangaba; a tiragem e criação de ostra; e o plantio de cana-de-açúcar. Além de atividades econômicas que são possíveis por meio da terra, parte dos Potiguara tiram seu sustento do comércio, trabalhando para usinas, no corte de cana, por exemplo, em lojas, supermercados e nas áreas de saúde e educação.

Um costume interessante que acontece muito no cotidiano Potiguara, tanto a partir de quem trabalha no mangue quanto de quem trabalha na agricultura e nos demais meios de subsistência vindos da terra, é o hábito de compartilhar os alimentos com familiares e amigos próximos. Por exemplo, a partilha de caranguejo com amigos e familiares ou ainda a doação de macaxeira e beiju para amigos ou familiares que não trabalham nessa área ou que trabalham, mas estão sem esses alimentos no momento.

Muitos indígenas e não indígenas optam por se deslocar até as aldeias que possuem manguezal para dali tirar seu sustento. Ademais, as pessoas que trabalham no mangue têm a possibilidade de usufruir de seus benefícios a qualquer horário, a depender de suas necessidades, podendo trabalhar em um único ou mais de um horário, de sua preferência (manhã, tarde, noite, madrugada) e, especialmente, a depender dos ciclos da maré (Araújo, 2018).

Assim como os demais ecossistemas, há décadas, o manguezal tem sofrido com modificações e problemas ambientais. No contexto do manguezal existente no território Potiguara, os principais problemas ambientais e alteração no ambiente estão relacionados à

retirada de madeira, à carcinicultura² e à coleta de caranguejo através da redinha³. Tendo em vista tais problemáticas, há atualmente na região a Área de Proteção Ambiental (APA da Barra do Rio Mamanguape) e a Área de Relevante Interesse Ecológico Manguezais (ARIE da Foz do Rio Mamanguape) que, dentre os focos de suas instaurações, está a conservação do manguezal e a promoção de uso consciente e sustentável dos recursos promovidos pelos manguezais (Cardoso; Guimarães, 2012; Barcellos, 2012).

Dentro dos manguezais, há espécies de passagens que são compostas por córregos de águas salgadas das quais, localmente, são chamadas de camboa. As camboas são responsáveis por facilitar o acesso à canoa aos manguezais, tanto por parte das pessoas que trabalham no mangue, quanto de órgãos, como a APA da Barra do Rio Mamanguape, a ARIE da Foz do Rio Mamanguape e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Toda passagem denominada ‘camboa’ possui grande extensão e comprimento (Cardoso; Guimarães, 2012), como é possível verificar na Imagem 3.

Imagem 3- Camboa



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Cada camboa possui um nome que desde muito tempo foi dado por pessoas que a frequentavam ou ainda frequentam. Os nomes são inspirados em características específicas da

² A carcinicultura é a criação de camarão em viveiros. Essa prática tem sido uma grande problemática no território Potiguara devido ao grande desmatamento do manguezal e de suas margens para a produção dos viveiros.

³ Redinha é um tipo de armadilha que é feita manualmente pelos próprios indivíduos que pegam caranguejo, ou por seus familiares. Sua confecção é realizada a partir do entrançado de fios do saco de ráfia. Apesar da redinha ser uma prática facilitadora para a captura de caranguejos, ela tem se tornado um problema ambiental em razão de muitos catadores de caranguejo deixarem as redinhas no mangue, poluindo o ambiente.

camboa como, por exemplo, ‘camboa das amoreia’, devido ao fato de ter muitos peixes ‘amoreia’ nela, podendo também ter nomeação mediante acontecimentos memoráveis ocorridos entre uma ou mais pessoas que trabalham no mangue.

Ao longo das camboas, há córregos mais estreitos que são chamados ‘regos’, que possibilitam acesso, especialmente, para a realização de pescaria com redes. Geralmente, esses regos possuem largura capaz de comportar espaço somente para uma canoa.

O conhecimento Potiguara sobre o mangue, referente às formas como coletar e/ou capturar os seres existentes no mangue, quanto aos ciclos da maré, assim como o conhecimento de cada camboa e rego existente no manguezal do território e o aspecto, seja de boas possibilidades, seja de dificuldades que cada camboa e rego pode proporcionar a quem trabalha no mangue, em sua maioria, é passado de pai para filho⁴ (Cardoso, Guimarães, 2012; Araújo, 2018).

Autores como Gerlic e Zoetl (2011), Cardoso e Guimarães (2012), Barcellos (2012) e Araújo (2017, 2018, 2023) afirmam que, os Potiguara da Paraíba consideram o manguezal como sendo um ambiente de alta importância para o contexto Potiguara, importância essa que vai desde a possibilidade de manter a família até a oportunidade de conectar-se com a natureza e com o mundo dos encantados. Em meio aos espaços contidos no mangue, há dentro do contexto do mangue Potiguara não somente os seres físicos, como entidades, encantados ou seres de luz. No território Potiguara, tanto por parte de indígenas que não frequentam o mangue, quanto por parte dos que trabalham nele, especialmente, deste último público, contam-se histórias do Pai do Mangue (Cardoso, Guimarães, 2012; Barcellos, 2012; Araújo, 2018). O Pai do Mangue é uma entidade que faz parte da história oral do povo Potiguara, responsável pela preservação dos manguezais. A existência dessa entidade no manguezal possibilita, aos seus usuários, uma relação mais responsável e consciente para com o mangue e os seres que nele habitam (Palitot, 2005; Felix, 2018; Araújo, 2017, 2018; Pereira, 2020).

Em estudos referentes aos ambientes frequentados cotidianamente pelos Potiguara da Paraíba, Araújo (2017, 2018) evidencia que o mangue é um dos principais meios de vida para muitos Potiguara, como mencionado previamente. Ela ressalta que trabalhar no mangue requer técnicas, conhecimentos e práticas que são desenvolvidas ao longo de anos. Afirma ainda que o conhecimento de quem trabalha no mangue não se limita às técnicas e às práticas para pegar determinada espécie de molusco ou crustáceo. Seu conhecimento também versa

⁴ Tais conhecimentos são passados de pai para filho, pois o mangue é frequentado, em sua grande maioria, por pessoas do sexo masculino.

um saber diário, mensal e anual, referente às fases da maré, tendo em vista a influência da lua, ao período de reclusão e reprodução das espécies que habitam o mangue, além do conhecimento referente aos tipos de solo do manguezal, de espécies de mangue e seres que habitam o mangue, como peixes, pássaros e animais (Araújo, 2017, 2018).

Tendo como foco a importância do mangue no território, especialmente, no que tange os indígenas Potiguara que trabalham no mangue, é viável afirmar que o trabalho no mangue é altamente cansativo e arriscado, dentre tantos exemplos possíveis para explicar tal afirmação, podemos destacar: o fato das pessoas que nele trabalham terem que adequarem seu horário de acordo com o horário da maré, muitas vezes tendo que sair de casa de madrugada; a grande dificuldade que se tem para andar na lama; os riscos com possíveis cortes e machucados com as raízes dos mangues e ostras, na pega de caranguejos, aratus e siris; os incômodos e as possíveis irritações advindas das picadas de mosquitos que vivem no mangue; e as possibilidades de serem picados por cobras.

Ainda assim, a expressão do sentimento de sofrimento e de risco por parte dos Potiguara que trabalham no mangue, de acordo com Araújo (2017, 2018), é inferior ao sentimento de gratidão, uma vez que quem trabalha no mangue frequentemente agradece por tê-lo como possibilidade de subsistência. Além disso, a autora enfatiza que, ao longo da pesquisa, mais especificamente no período do estudo de campo, teve a oportunidade de ouvir pessoas que não trabalham mais no mangue e eles mencionaram sentir saudades do tempo que trabalhavam nele.

Os ambientes existentes no território Potiguara, como maré, casas de farinha, mar, roçados, rios e mata possuem não somente um aspecto que possibilitam aos moradores seu sustento, como também a conexão com as forças da natureza, de seus elementos, construindo, assim, sua identidade. Os momentos tidos nesses ambientes podem ser de forma coletiva ou individual, uma vez que podem ser momentos cotidianos, mas íntimos, que oportunizam reflexão, sentimento de pertença e conexão. É por meio de momentos, muitas vezes cotidianos, de simples contatos com os ambientes citados ou com o repasse de vivência de seus parentes mais próximos, que os Potiguara da Paraíba alcançam conhecimentos a respeito da natureza e dos seres que nela habitam, bem como aprendem e praticam as tradições, costumes e os conceitos morais (Palitot, 2005; Marques, 2009; Araújo, 2017, 2018, 2023; Felix, 2018).

Deve ser destacado ainda que o território Potiguara precisa ser compreendido para além do âmbito físico, visto que se trata de um espaço social, possibilitando formas de

interação entre o humano e o encantado (Araújo, 2017, 2018). Os Potiguara possuem grande conhecimento referente aos ambientes que formam o território Potiguara e aos seres físicos e não físicos/encantados, como: Cumade Fulozinha, Pai do Mangue, Mãe d'água, que neles habitam. Tal saber se dá diante da longa história de vivência nesse território e ao repasse de conhecimento que é transmitido de geração a geração (Palitot, 2005; Marques, 2009; Cardoso; Guimarães, 2012; Araújo, 2017, 2018, 2023; Felix, 2018).

Podemos declarar, desse modo, que o território, assim como os ambientes que o compõem são espaços repletos de simbologia. Isso acontece porque, de acordo com Araújo (2023, p. 59), o território “possibilita a reprodução social nos moldes tradicionais, uma vez que no território estão impressos os meios para o desenvolvimento da vida, abrangendo acontecimentos que mantêm viva a memória do grupo”. Destacamos, portanto, que o território, de uma forma geral, é um lugar de memória para o povo Potiguara da Paraíba, uma vez que foi nesse território que seus antepassados lutaram pela preservação de sua cultura e de sua língua. Sendo esse território um espaço repleto de histórias referentes às gerações anteriores, um ambiente sacralizado a partir da memória, tido como uma herança deixada pelos ancestrais. O pertencimento territorial e suas territorialidades são partes integrantes da identidade, bem como a luta e a resistência ligadas à posse desse território (Palitot, 2005; Blach, 2017).

2.3 A língua Tupi no contexto atual

Devido aos longos anos de contato com não indígenas, muitos aspectos, como por exemplo, a questão física, alguns costumes e vivências mudaram drasticamente. Não foi diferente com a língua falada. Anteriormente falantes do Tupi, os indígenas Potiguara foram obrigados a aprender uma nova língua (o português) e a não mais se comunicar por meio da língua indígena (Moonen, 1986; Gerlic, Zoettl, 2011; Felix, 2018). Para que esse povo alcançasse uma retomada ou ressignificação dos costumes e das tradições realizadas por seus antepassados, foi preciso que os Potiguara buscassem por intensificação cultural, dentre esse processo está a educação escolar indígena.

As últimas décadas do século XX foram marcadas por diversos momentos de organização dos Potiguara para lutar por seus direitos, entre eles, o acesso à educação escolar indígena. A importância dessa educação, não somente para o contexto Potiguara, como para os povos tradicionais como um todo, é grandiosa, visto que, por meio da educação escolar

indígena é possível que indígenas que possuem contato com não indígenas e que sofrem influências por parte desse contato possam compreender a importância dos saberes de seu povo, aprender e manter a língua de seu povo, bem como sua cultura e costumes (Barcellos, 2012; Palitot, 2005; Felix, 2018, Souza, Barbosa, 2024).

No ano 2000, mediante auxílio da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), foi organizado um curso de Tupi com foco na formação de professores indígenas para atuação nas escolas indígenas. Mediante o curso foram produzidos materiais didáticos para Ensino Fundamental, como: “T’îa-nhembo’e Potigûar-ymûana nhe’enga resé - Tupi antigo para o Ensino Fundamental⁵”, de autoria dos cursistas da época, José Padilha Freire e Pedro Eduardo Pereira, e “T’îa-nhembo’e Potigûar-ymûana nhe’enga resé - vamos aprender a língua dos antigos potiguaras (Tupi antigo para o Ensino Fundamental)⁶”, de Eduardo de Almeida Navarro. Os livros contém pequenos textos em Tupi com tradução para o português, alfabeto, conversações e sugestões de atividades. Para o segundo ano do Ensino Fundamental (anos iniciais), foi produzido o volume “T’îa-nhembo’e Potigûar-ymûana nhe’enga resé Tupi antigo⁷” de autoria de Josafá Padilha Freire, Manoel Eufrásio Rodrigues e Pedro Eduardo Pereira, possuindo alfabeto do Tupi antigo, atividade de leitura, identificação de partes do corpo humano, as cores em Tupi, entre outros. Para o quarto ano do Ensino Fundamental foi produzido “Kunumi kurupîra rembiarûera (O menino que foi prisioneiro do Curupira)⁸” também dos autores Josafá Padilha Freire; Manoel Eufrásio Rodrigues e Pedro Eduardo Pereira, contendo histórias em Tupi e, ao final, vocabulário traduzido para o português.

Compreendendo a relevância da educação escolar indígena, os Potiguara, após muita luta, conseguiram as duas primeiras escolas estaduais indígenas para seu território no ano de 2003 e, atualmente, há 11 escolas que estão distribuídas nas aldeias das TIs do povo Potiguara (Barcellos, 2012). Atualmente há outros recursos didáticos além dos já citados, como: o material intitulado “T’ianhe’eng Potiguara nhe’enga rupi - Tupi-ymuana nhe’enga nhembo’esaby py supé (Curso de Tupi Antigo para o ensino fundamental) (a partir da 3ª série)” de Navarro (2022) e o volume “T’ianhe’eng Tupi nhe’enga rupi - Curso de tupi antigo para comunidades potiguaras do Nordeste do Brasil⁹”, também de autoria de Eduardo de Almeida Navarro. Ainda mais recente, temos o livro didático “Tupi Potiguara Kuapa -

⁵ A referida obra trata de um material didático feito com o intuito de ser utilizado na escola, porém não possui ano de produção.

⁶ O referido material didático não possui ano de produção.

⁷ O referido material didático não possui ano de produção.

⁸ O referido material didático não possui ano de produção.

⁹ O referido material didático não possui ano de produção.

Conhecendo a língua Tupi Potiguara”, produzido e pensado em toda sua estruturação por indígenas e para indígenas de modo a contemplar todas as séries e ser subsídio, especialmente, para os professores de Tupi e outros interessados. Essa produção contou com o apoio da Universidade Federal da Paraíba, organizado pelo Potiguara Romildo Araújo da Silva e pela professora Carolina Coelho Aragon, no ano de 2024.

Nos dias atuais, os Potiguara, especialmente devido à inserção das escolas indígenas no território, têm a possibilidade de aprender a língua utilizada por seus ancestrais. Contudo, mesmo com a implantação, não são muitos os indígenas Potiguara que falam a língua Tupi, Tupi Potiguara, a qual ainda necessita de atenção quanto aos outros setores sociais da vida Potiguara. Porém, com a retomada da língua por jovens indígenas, o processo de revitalização está se desenvolvendo para outras instâncias além da escolar, como por exemplo, o grupo Potiguara Ka’a rerekoaretá (os guardiões da mata) que tem como foco a tradução para o Tupi das músicas cantadas no Toré Potiguara.

2.4 A língua portuguesa e identidade indígena

Atualmente o Brasil contém um total de 307 etnias, no entanto, muitos desses povos não são falantes de sua língua originária. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) dos 896.917 mil indígenas, apenas 37,4% são falantes da língua indígena de seu povo.

Há no imaginário de parte da população que os indígenas devem ter socialmente, linguisticamente, religiosamente e culturalmente características específicas distintas das dos não indígenas, todavia, acaba-se por esquecer todo processo de massacre e de silenciamento ocorrido ao longo da colonização e da imposição sofrida para que tais características fossem, ao longo dos anos, perdidas, especialmente, por parte dos povos indígenas da região nordeste do Brasil (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005). Destacamos, dessa forma, que a demarcação das terras indígenas é fundamental para que a cultura, a vivência espiritual e ritualística sejam preservados (Gorete Neto, 2005, 2021, 2022).

Ademais, devemos ter ciência de que a cultura e, conseqüentemente, a identidade, de um modo geral, possuem uma dinamicidade, visto que ambas não são estáticas, pelo contrário, elas se mantêm em estado de alteração. De tal modo, não se é menos ou mais indígena por seguir determinada cultura ou falar determinada língua (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005, 2021). Cabe aqui destacar uma reflexão importantíssima feita por Maher (1996,

p. 19) que diz: “a cultura indígena não define o índio, mas ao contrário, porque o indivíduo é índio, a cultura de que ele é portador é definida como sendo indígena”.

Como afirmamos, dentre as 307 etnias existentes no país, muitas não detêm mais dos estereótipos físicos, religiosos, comportamentais e linguísticos que padronizavam, e que, infelizmente, até hoje padronizam para alguns indivíduos o que é ser indígena. Isso ocasiona, assim, algumas lacunas referentes à identidade étnica desses povos. É sabido que além de traços físicos e costumes, a língua é um fator predominante quando se discute identidade. Lamentavelmente, paira sobre o imaginário de grande parte da sociedade que a identidade possui regras e leis predeterminadas e indiscutíveis, contudo, a referida não possui um formato padrão, visto que sua formação é tida a partir de possibilidades múltiplas (Gumperz, Cook-Gumperz, 1982; Maher, 1996; Hall, 2006). Portanto, a construção da identidade deve ser analisada e percebida enquanto algo dinâmico e que possui processo contínuo (Maher, 1996; Hall, 1990, 2006). Vale acrescentar que tais padrões, nos quais tentam a todo momento encaixar os povos indígenas, se dão, muitas vezes, diante da tentativa de deslegitimação das lutas desses povos, bem como de seus direitos (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005).

Gumperz e Cook-Gumperz (1982) e Maher (1996) consideram que a identidade pode e deve ser analisada por meio da linguagem, uma vez que compreendem que a identidade, etnicidade e linguagem têm ligação determinante. Defendem que a etnicidade e a identidade conseguem ser mantidas por meio da linguagem, ainda que determinado povo não mais fale a língua de seus antepassados. Fato é que a língua, independente de sua categoria/classificação, é um instrumento significativo para os povos indígenas, não apenas para que possam identificar-se enquanto sendo parte de uma etnia, como também pela possibilidade de ser protagonista no que se refere à contação de suas histórias, além de ser fundamental para ocupar espaços de poder na sociedade atual. Ou seja, a língua usada pelo indígena não precisa ser necessariamente a língua de seus ancestrais, uma vez que sua identidade é marcada, independentemente, da língua utilizada pela comunidade (Maher, 1996, 1998; Gorete Neto, 2005, 2021).

Diante do exposto, é possível dizer que mesmo com o fato da língua originária não ser mais usada nos diversos espaços sociais das comunidades, povos indígenas brasileiros que hoje são falantes monolíngues da língua dominante, o português, possuem nos aspectos linguísticos de seu falar a identidade indígena de seu povo. Essa é uma teoria que autoras como Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2021, 2022) defendem, intitulando essa língua de “português indígena”.

De acordo com Gorete Neto (2021, p. 94-95) esse “português indígena”

não se confunde com falar português gramaticalmente incorreto ou com incorreções ortográficas. A variedade indígena do português carrega a memória das línguas ancestrais indígenas, na estrutura, no vocabulário e na organização do discurso. Essas características não trazem prejuízo ao entendimento do português, ao contrário, mostram a potente resistência dos povos indígenas ao construírem suas identidades indígenas através da língua portuguesa

Maher (1996, 1998) acredita que a identidade étnica permanece, tendo em vista que a identidade de um povo indígena pode ser construída por meio de qualquer língua. Ainda refletindo a respeito da construção da identidade, parafraseando Gorete Neto (2005), a identidade se vale de meios que possam materializá-la e um instrumento possível dessa materialização é a língua—como pesquisadora indígena, tenho consciência de que diante do silenciamento da língua ancestral, os indígenas não perdem sua identidade.

É, portanto, por esses vieses que povos indígenas que não tem domínio da língua de seus antepassados e que diante do contato incisivo com não indígenas — consequência de séculos de imposição —, mesmo assim possuem identidade singular representada por meio da língua que falam atualmente (Silva, 1994; Maher, 1996; Gorete Neto 2005, 2021, 2022). Gumperz e Cook-Gumperz (1982), Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022) evidenciam que mesmo em casos de uma população indígena falar a língua majoritária do país, esse povo pode, por meio dessa nova língua, construir sua identidade linguística e étnica.

Considerando o contexto histórico, especialmente dos povos indígenas do Nordeste, é perceptível que a língua portuguesa foi inserida no seio indígena como forma de imposição e de silenciamento, mas, ainda assim, esses povos conseguiram ressignificar a língua portuguesa de modo que seu uso fosse favorável às necessidades indígenas. Ademais, essa língua portuguesa usada pelos povos indígenas leva consigo as memórias, as histórias e os saberes indígenas (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005, 2021, 2022). Destacamos ainda que as marcas da ressignificação da língua portuguesa, no contexto indígena, são perceptíveis no discurso, na escrita e especialmente no léxico (Maher, 1996; Gorete Neto, 2022), como destacaremos nesta pesquisa.

Enfatizamos, por fim, que estamos na Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI) —2022 a 2032. A DILI é fruto de muitos anos de luta de povos indígenas não apenas no que diz respeito à busca pela retomada da língua, mas pela luta diária por direitos. Rubim, Bomfim e Meirelles (2022) a consideram como um dos mais importantes acontecimentos relacionados às conquistas de povos indígenas, pois, apesar de ter uma data de validade, a

década das línguas indígenas tem sido vista como uma espécie de porta para a autonomia e para o protagonismo das nações indígenas.

3 ESTUDOS DO LÉXICO E SUAS CORRELAÇÕES COM A HISTÓRIA E A IDENTIDADE

Este capítulo tem como foco o estudo do léxico. Nele são apresentadas a definição de ‘palavra’, as abordagens referentes às relações existentes entre léxico, história, cultura e sociedade. Além disso, o capítulo apresenta resumidamente definições relacionadas à Sociolinguística, seu objeto de estudo e reflexões relacionadas à variação linguística.

3.1 Explorando a dimensão da palavra

Há séculos as palavras passaram a ter parte da atenção humana. A partir do momento que começaram a ter conhecimento de que são detentores de um saber linguístico, os seres humanos iniciaram uma jornada que, entre outros tantos focos, tinham o objetivo de desvendar os múltiplos enigmas da palavra e de dominar seus sentidos (Nunes, 2006).

Nas primeiras décadas do século XX se intensificaram as discussões e exposições teóricas de linguistas ao redor do mundo a respeito do que é ‘palavra’. Muitos linguistas enxergavam como sendo fundamental que a noção de ‘palavra’ fosse conceituada (Biderman, 2001). Compreendendo o quanto o termo em questão era, na época, impreciso, foi cogitado, por alguns, que tal termo fosse banido da Linguística, sendo substituído por outro. No entanto, sem a noção de ‘palavra’, outras noções importantes, como a de frase, por exemplo, seriam arruinadas (Biderman, 2001). Biderman (2001) descreve a ‘palavra’ como sendo uma unidade psicológica individual que é corporificada no discurso. Devido às grandes diferenças existentes entre os sistemas linguísticos, o conceito de ‘palavra’ não pode ser definido ou delimitado de forma universal. Portanto, para definir a ‘palavra’ precisa-se compreender seu valor a partir da análise de línguas específicas (Biderman, 2001).

Dentre os critérios concebidos em função da definição e da delimitação do que é ‘palavra’, Biderman (2001) destaca o critério fonológico, gramatical e semântico como sendo fundamentais para alcançar tais objetivos, esclarecendo que devem ser trabalhados em conjunto. De forma resumida, o critério fonológico corrobora com o reconhecimento de coesão fônica, especialmente, no que tange a emissão de uma sequência de sons. O segundo possibilita a identificação das formas linguísticas utilizadas, preferencialmente, a classificação gramatical da palavra e a função da palavra na sintaxe. Enquanto o último reflete sobre o

sentido e o valor dado à determinada unidade léxica, capaz de identificar o sentido de uma palavra expressa em um discurso.

3.2 Relações entre léxico, cultura, sociedade e história

Biderman (1987) afirma que o léxico de uma língua é basicamente formado por meio da nomeação da realidade dos seres humanos. Em outros termos, léxico é o conjunto de palavras que foram criadas pelo ser humano para se referir a objetos, ações, emoções dentre outros (Ferraz, 2006; Villalva, Silvestre, 2014).

Em seus escritos Biderman (1987, p. 81) descreve que

Ao reunir objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Isto é, o léxico surge em função da necessidade humana, por meio da nomeação das coisas. Para Biderman (1987), a criação do léxico é uma etapa primordial que pode ser considerada como sendo a primeira dentre o processo científico humano, no que tange o desbravamento do universo.

O léxico, ainda de acordo com Biderman (1987), é um dos mais importantes patrimônios sociais e deve ser considerado como um legado de signos lexicais. Também, enfatizando a fundamentalidade do léxico, Vilela (1994, p. 6) pontua:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico.

Segundo Villalva e Silvestre (2014), o léxico de uma determinada língua é alcançado em virtude da acumulação durante as dinâmicas sociais e culturais, sendo historicamente motivado. É importante destacar que mesmo o léxico sendo todo o conjunto de palavras existente em uma língua, um usuário da língua não necessariamente incorpora os mesmos itens lexicais que outro. Isso acontece devido às específicas influências e estímulos lexicais dos quais um indivíduo está exposto, assim sendo, a experiência linguística de modo individual varia de acordo com o que se escreve, lê, fala, ouve (Villalva; Silvestre, 2014), isto é, de acordo com as vivências do falante.

Portanto, mais que um banco de dados mentais, o léxico reverbera o quantitativo de experiências tidas pelas comunidades de fala que usam uma dada língua (Ferraz, 2006). Desse modo, não se trata de algo superficial que se concentra apenas no mero acúmulo de palavras, e, sim, em um conjunto de vivências, histórias, partilhas e realidades das quais foram construindo o que hoje chamamos de léxico (Ferraz, 2006; Villalva, Silvestre, 2014; Paim, 2020). Isso posto, podemos ratificar que o léxico é uma entidade que está em constante mudança, pois as alterações e as evoluções quanto a culturas e costumes, por exemplo, dentro de uma sociedade, podem promover alterações no léxico (Ferraz, 2006).

Krieger (2006, p. 163) esclarece que, por cumprir “a função de nomear os seres, os objetos, as ações e processos que identificam o fenomenológico e aquele percebido pelos homens”, o léxico passa a deter fundamental importância na vida humana, se tornando o pulmão das mais variadas línguas e, ao mesmo tempo, uma entidade que possui características diversas e dinâmicas (Krieger, 2006; Paula, 2007; Paim, 2020).

Outrossim, o léxico tem tamanha importância, ao ponto dos autores Garcia e Zavaglia (2011, p. 290) o considerarem “o espelho de uma sociedade e para lá dos muros dela a linguagem não encontra expressão”. Sendo assim, o léxico é de forma indiscutível, o cerne da linguagem de um povo.

A mudança, portanto, é uma característica comum ao léxico. Tal afirmativa é viável porque

o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística (Ferraz, 2006, p. 219).

Assim, como previamente mencionado, o léxico contém caráter social, uma vez que sua relação entre cultura e sociedade é inevitável (Ferraz, 2006). Porém, somente por volta de 1950, passam a ser considerados no estudo do léxico os aspectos sociais. Momento em que tal termo passou a ser considerado enquanto inerente à estrutura social e não mais como algo isolado e fora de contexto (Garcia; Zavaglia, 2011). Seguindo tal linha de pensamento, Isquierdo (1996) assegura que o léxico varia de acordo com os indivíduos e os grupos sociais, situação comunicacional e posição geográfica da qual vive o falante.

Logo, pode-se dizer que, ao analisar o léxico, possibilita-se a identificação de marcas relevantes da sociedade que a utiliza e a maneja (Ferraz, 2006). Dentro da respectiva linha de pensamento, Santos (2017) aponta que, por meio do léxico, é possível que seja notada a identidade cultural de um povo, uma vez que singularidades do ponto de vista linguístico,

marcas de práticas típicas de um povo e de seu cotidiano podem ser identificadas. Dessa forma, é coerente enfatizar que, por meio do estudo do léxico, é possível compreender a forma como uma comunidade enxerga seu contexto e o modo como sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural é preservada (Paim, 2020).

Dando ênfase na relação entre léxico e identidade, Paula (2007, p. 54) reitera que

o léxico representa as experiências culturais de um grupo ou de uma nação recortadas na língua de que faz parte. A expressão das crenças, as artes culinárias e medicinais, as tradições, as inovações e todas as nuances da vivência social de um povo fazem notar o seu universo lexical.

Então, é importante termos ciência de que mesmo sendo falantes de uma mesma língua, os indivíduos ou comunidades linguísticas não necessariamente compartilharão dos mesmos itens lexicais ou modo de falar. Tal ocorrência se dá devido ao “processo variacional, intrínseco à língua, e que faz com que a comunidade de fala revele, em seu interior, comportamentos linguísticos diferentes” (Ferraz, 2006, p. 220). Portanto, a análise de línguas indígenas por meio do léxico evidencia valores culturais (Biderman, 1997), pois podemos observar, no domínio do léxico, valores de uma cultura manifestada nos usos e nas escolhas das unidades lexicais. Desta forma, além do léxico ser um saber linguístico compartilhado, ele é um repositório no qual são depositados os saberes linguísticos, refletindo como um povo enxerga e compreende o mundo ao seu redor (Vilela, 1994). Tais afirmativas podem ser confirmadas também pela perspectiva de Braggio (2019, p. 125) ao argumentar que

É por meio do léxico que se pode observar como diferentes povos categorizam e classificam os elementos que os constituem e são por eles constituídos. Não no sentido de “um povo, uma cultura, uma língua”, mas na relação intrínseca entre esses elementos, nas suas redes sociais e no contexto, o que permite diversidade linguística

Para que possamos compreender as mudanças existentes no léxico, é necessário termos ciência da história, tendo em vista a reorganização ou a desestabilização de funcionamento de uma dada língua. Tal afirmação é viável, devido à relação existente entre léxico e história, uma vez que, apenas por meio da análise histórica é possível compreender a dinamicidade do léxico, bem como suas alterações, muitas vezes causadas pelas transformações sociais de uma comunidade de fala (Nunes, 2006). Tais alterações, por exemplo, podem, em alguns casos, ser visualizadas nos dicionários. Mas, vale ressaltar que, de acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 187), “os dicionários são documentos prescritivos, que oferecem uma perspectiva subjetiva da língua e do léxico e, apesar das

promessas de exaustividade, estão longe de reunir as palavras em uso num determinado período histórico”.

Parafraseando Nunes (2006), a primeira iniciativa de registrar o léxico brasileiro foi por meio do dicionário de brasileirismo no século XIX e, posteriormente, o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1888). Em seguida o Dicionário de Vocábulo Brasileiro (1889), o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (1938), depois, o Pequeno Dicionário da Língua Brasileiro da Língua Portuguesa (1960,1970), o Aurélio (1975), o Houaiss (2001) e o Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002). Sobre dicionários, Nunes (2006) afirma que o referido é um dos objetos de instrumento linguístico mais antigos, tendo em vista a antiga técnica de lista de palavras, que tem registros desde 3.000 a.C. Ainda de acordo com esse autor, no que tange o contexto brasileiro, há registros de listagem de palavras desde o século XVI.

3.3 Variações e fronteiras lexicais

Enquanto ciência, as línguas vêm sendo estudadas desde o século XIX com o surgimento do Estruturalismo, o qual foi fortemente influenciado, especialmente, pelas Ciências Naturais. Mas, somente a partir do século XX, com novas perspectivas que foram trazidas pelo Funcionalismo, a linguagem passa a ser vista como tendo uma relação íntima com a sociedade. Ou seja, apesar da língua/linguagem passar a ser estudada de maneira mais formal no século XIX, apenas um século depois sua relação com o social passa também a ser pautada (Martelotta, 2011). O linguista William Labov foi um dos maiores contribuidores para que a noção de língua atrelada ao contexto social fosse percebida, pautada e reconhecida por demais linguistas.

No entanto, vale ressaltar que os estudos a respeito da relação entre língua e sociedade tiveram diversos vieses e olhares ao longo dos séculos. Entre os principais estudiosos que proporcionaram novas perspectivas quanto ao elo entre língua e sociedade estão: Mikhail Bakhtin (1929), Roman Jakobson (1960), Émile Benveniste (1963), Erving Goffman (1967, 1980), William Labov (1960, 1963), Dell Hymes (1962, 1974) e Bortoni-Ricardo (2004).

Cezario e Votre (2011, p. 146) esclarecem que o termo Sociolinguística surgiu em 1950, mas, de acordo com Alkmim (2001), o termo Sociolinguística foi, em 1964, efetivamente fixado e desenvolvido enquanto uma corrente de estudos. Momento em que as relações entre língua, cultura e sociedade deixam de ser estudadas apenas por áreas como a

Antropologia e a Sociologia e caminham para uma definição enquanto área que objetiva o estudo de fenômenos linguísticos vinculados ao contexto social.

De forma resumida, Labov (2008) explica que o objeto de estudo da Sociolinguística é compreender a língua e seus vínculos sociais, o estudo de variações linguísticas e suas mudanças, tendo como ponto crucial uma determinada comunidade de fala da qual seus componentes mantenham interação entre si. Para teóricos como Eckert (2005), a Sociolinguística possui três fases, sendo elas: primeira onda, segunda onda e terceira onda. De acordo com Eckert (2005), essas ondas não aconteceram em ordem cronológica, nenhuma surgiu como substituta da outra e as três possuem metodologias referentes à variação linguística que surgiram mediante as ondas anteriores. A onda que cabe definir neste trabalho é a segunda, uma vez que ela abrange a etnografia linguística por meio das relações sociais contidas entre um grupo.

A segunda onda dos estudos Sociolinguísticos teve como principal diferencial os estudos etnográficos. Estes estudos visaram a um maior contato com as comunidades linguísticas estudadas. A segunda onda se voltou ao caráter etnográfico para que fosse possível maior aproximação entre a dinâmica local e sua relação com as dinâmicas sociais (Eckert, 2005, 2012). A etnografia linguística tem como foco, a partir de uma maior familiaridade com os indivíduos a serem estudados, identificar questões específicas como pertencimento a um povo, aspectos identitários, atitudes e valores. Além disso, a etnografia linguística possibilitou uma noção mais detalhada a respeito da relação entre o modo de falar e o local ao qual o falante pertence. Ademais, os estudos etnográficos propiciaram o entendimento de que determinadas variações possuem relação com práticas locais e com valores de uma comunidade (Eckert, 2005, 2012). Segundo a autora, o estudo etnográfico da língua promove ainda visões mais detalhadas referente à proximidade e ao distanciamentos dos indivíduos, a partir de redes sociais ou relações sociais, que são basicamente as relações que indivíduos de determinada comunidade linguística mantém com outros indivíduos dessa mesma comunidade e a forma como interagem linguisticamente.

Sendo assim, as marcas linguísticas reverberam uma identidade, identidade não apenas linguística, como territorial, de uma pessoa enquanto pertencente a um povo, a uma cultura. Como percebido em estudos como o de Labov realizado em Martha's Vineyard, membros de uma comunidade podem destacar sua identidade local mediante o uso da língua (Labov 2008). Logo, mesmo diante de influências de línguas externas, uma comunidade linguística consegue marcar sua identidade (Labov, 2008), se sobrepondo ao contato de línguas, e, nesse processo,

as redes sociais são essenciais. De acordo com Labov (2010), redes sociais se distinguem de classe social e promovem aos integrantes dessa rede, maior familiaridade e contato, pois existe socialização real. Estudar as redes sociais de uma comunidade possibilita ao pesquisador maior compreensão do repertório linguístico dos falantes e de seus usos (Eckert, 2000; Labov, 2010; Battisti, 2014). Observa-se, a partir de observações etnográficas, que, muitas vezes, os falantes tendem a adequar sua fala de acordo com o contexto. Essa acomodação linguística se dá a partir da percepção da existência de distinção da fala entre os falantes; com a intenção de diminuir as diferenças linguísticas (Giles, Taylor, Bourhis, 1973; Giles, Coupland, Coupland, 1991).

Para Cezario e Votre (2011), as relações entre sociedade, cultura e linguagem devem ser sempre levadas em consideração, uma vez que contribui fortemente para os estudos linguísticos, visto que, tendo o homem adquirido a linguagem, indiscutivelmente, este irá utilizá-la em uma comunidade. Assim, estudar a língua fora de seu uso real pode oferecer grandes perdas aos estudos linguísticos. Para além das fronteiras e dos distanciamentos geográficos, que se atém apenas aos campos físicos, estão as fronteiras linguísticas (Dubois, 2004). Pode-se afirmar que, mesmo havendo proximidade entre comunidades de fala, há uma grande possibilidade de haver variações linguísticas entre elas. Pois, é sabido que, mesmo sendo de uma mesma região e sendo falantes de uma mesma língua, pode haver alterações quanto ao fator fonético, semântico, sintático, lexical e morfológico (Camacho, 1984; Bagno, 2002). Alkmim (2001, p. 33) evidencia que

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea [...] Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Cezario e Votre (2011) afirmam que a variação não ocorre e nem deve ser vista como um efeito ocorrido pelo acaso, pois ela se dá por meio de fenômenos culturais que têm motivação linguística e extralinguística. De acordo com Labov (2008), elementos linguísticos podem ser reflexos de processos extralinguísticos, ou seja, o uso da língua e sua variação não dependem somente de aspectos linguísticos. Por exemplo, das variações encontradas “dentro da língua” (Coelho et. al 2012, p. 53), a variação de cunho lexical refere-se à demarcação de áreas lexicais da qual existem vocábulos que não se apresentam em outros locais e que podem ser causadas por fatores sociais, estilísticos ou geográficos. É importante destacar que “A

variação lexical é um dado constantemente presente no contraste entre línguas, dialetos, socioletos e até, por vezes, na comparação entre idioletos” (Villalva; Silvestre, 2014, p. 46).

A língua portuguesa usada no Brasil contém inúmeras distinções do português reproduzido no continente europeu. Oliveira (1998) e Isquardo (2006) apontam elementos da natureza, como, fauna, flora e toponímia; os costumes e a realidade social como as principais distinções entre o português usado no Brasil e o da Europa. Os referidos autores explicam que tais mudanças se dão não apenas pela distância existente entre Brasil e Portugal, mas especialmente por conter, desde a invasão dos portugueses nessa terra hoje nomeada Brasil, povos originários, falantes de diversas línguas e, ainda, as línguas africanas advindas de povos que foram obrigados a se deslocar e a trabalhar nessas terras, passando a conviver com a língua portuguesa. Ademais, Isquardo (2006, p. 12) enfatiza que a singularidade lexical existente no Brasil se dá pelas “marcas étnicas, histórico-geográficas e lingüísticas” das quais os falantes da língua portuguesa tiveram contato.

Contudo, ressaltamos que essa variedade usada no Brasil não é homogêna, uma vez que, especialmente, no nível lexical, existem variações regionais, que se dão ora pelo território extenso que é o Brasil, ora pelo isolamento de determinadas regiões do país (Oliveira, 1998). Portanto, é necessário considerar aspectos etno-históricos como a presença africana e de etnias indígenas, a formação agrária na região Nordeste e a chegada de migrantes da Europa para compreender as variedades linguísticas presentes atualmente no território brasileiro.

4 DESENHO METODOLÓGICO

O capítulo que segue possui os aspectos referentes ao desenho metodológico da pesquisa. Ele inicia explicando a sua natureza, os apontamentos relacionados aos desafios encontrados ao longo da pesquisa, justificativas referente à pesquisa de campo e ao uso de fichas sociais. Posteriormente, são apresentados o local em que a pesquisa foi desenvolvida e justificativas para tal, informações referentes aos colaboradores e a descrição de como os dados coletados foram organizados ao longo deste trabalho.

4.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa é um estudo descritivo, cujo objetivo foi apresentar e descrever itens lexicais usados pelos Potiguara que trabalham no mangue. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, conduzida em contexto natural e sem focar em dados quantitativos ou estatísticos (Sampiere; Collado; Lucio, 2013).

O trabalho de pesquisa ocorreu *in loco* a partir de coletas de dados no mangue com meu pai, um dos colaboradores desta pesquisa. Com os demais colaboradores, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas (Questionário - Apêndice I. Ver detalhes na seção 4.4.1). A pesquisa de campo foi realizada apenas com meu pai devido à dificuldade que tive em percorrer o manguezal, uma vez que não possuía e, até o momento continuo não possuindo, experiências para andar dentro do mangue. Vale destacar que o solo dos manguezais são muito escorregadios, atolam/afundam bastante e não há livre acesso para andar entre os mangues devido às suas volumosas raízes. Por essas razões, quem não tem experiência com esse tipo de ambiente não consegue acompanhar com facilidade alguém que possui tal experiência. Por isso, minhas idas aos mangue foram apenas com meu pai, uma vez que ele tinha ciência da minha inexperiência. Ele sabia que eu precisaria estar do lado dele para perguntar sobre cada elemento que via no manguezal e também para ele me mostrar o que achasse pertinente. Em todo o processo, ele foi muito cauteloso e teve todo o cuidado para que eu pudesse acompanhá-lo. Apenas mediante sua colaboração nas idas à campo consegui coletar dados para poder formular um questionário (Apêndice I) para os demais colaboradores.

É importante salientar que a ideia inicial da pesquisa era gravar áudios de nossa ida à campo, uma vez que nem sempre conseguimos escrever tudo no caderno de campo, contudo, mesmo diante de toda paciência do meu pai para que eu não ficasse “para trás” no manguezal, em nenhum momento consegui ficar próximo dele (ou trabalhar com microfones de lapela) de modo que pudesse gravar nossos diálogos, devido aos tantos obstáculos mencionados.

Além da coleta dos dados relacionada às palavras do campo semântico ‘mangue’, aplicamos perguntas utilizando fichas sociais (Apêndice II) (Bortoni-Ricardo, 2014). A aplicação da ficha social foi de extrema importância para compreender até que ponto algum dos aspectos, como local onde moram atualmente, escolaridade, sexo, histórico de residência do colaborador e de seus pais, contribuíram para os dados encontrados.

Destacamos ainda que, inicialmente, nosso objetivo era fazer um estudo comparativo dos dados lexicais de uso Potiguara com os dos moradores não indígenas do município Rio Tinto, que também trabalham no mangue. Apesar das várias tentativas em encontrar pessoas não indígenas do município de Rio Tinto que trabalham no mangue e que estivessem dispostas a colaborar com a pesquisa, tivemos poucas informações referente a como encontrar esses indivíduos. Portanto, devido às limitações encontradas, acabamos por fazer um estudo comparativo com trabalhos publicados sobre o mangue e com alguns dicionários, conforme explicaremos na seção 4.4. No total, coletamos 81 itens lexicais.

4.2 Local da pesquisa e período de referência

O território Potiguara está localizado no litoral norte da Paraíba, entre os rios Mamanguape e Camaratuba. Sua extensão compreende as cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Devido à rodovia PB - 041, que se estende às cidades citadas, atualmente há fácil acesso à grande parte das aldeias do território Potiguara (Cardoso, Guimarães, 2012; Barcellos, 2012).

Nosso estudo foi realizado em duas das três TIs do território Potiguara, sendo elas: TI Potiguara e TI de Monte-Mor. As TIs Potiguara possuem conjuntamente 33.757 hectares, das quais possui uma vasta diversidade de ambientes, como: mata, capoeiras, roça, tabuleiro, fontainha, paú, várzea, pantanal, apicum, mangue, praia, croa e arrecifes (Cardoso, Guimarães, 2012; Barcellos, 2012; Bernardo, 2023).

Especificamente, as aldeias selecionadas para o estudo foram: Tramataia, Brejinho e Jacaré de César. Elas foram escolhidas devido à maior familiaridade que a pesquisadora tem com elas e à proximidade geográfica entre as aldeias e a autora deste trabalho. Vale destacar

que a aldeia Jacaré de César não contém mangue, no entanto, é lá que o pai da pesquisadora reside, por isso, a motivação da escolha pela aldeia Jacaré de César.

Quanto ao campo semântico mangue, a escolha se deu também devido a sua extrema importância como meio de subsistência para grande parte dos Potiguara, como explicado no capítulo 2 deste trabalho. Além disso, o campo semântico estudado foi selecionado, tendo em vista a minha relação com o mangue, uma atividade recorrente entre meus familiares. O mangue foi, por muitos anos, o ecossistema responsável por minha alimentação, como informado na Introdução desta dissertação. Além disso, sempre fui uma admiradora dos manguezais, devido à sua beleza e riqueza natural.

Como explicado, foi necessário o auxílio do meu pai, *in loco*, para que fossem realizadas a coleta dos itens lexicais e a produção do questionário (aplicado com os colaboradores). Para isso, foram necessárias três idas ao mangue, que devido às fases da maré, disponibilidade do colaborador e da pesquisadora, foram realizadas ao longo de quatro meses. Cada dia teve duração mínima de três horas dentro do mangue, sem contar com o deslocamento de canoa até os locais os quais o meu pai considerava mais propício.

Devido à dificuldade de locomoção dentro do manguezal, não foi possível captar todas as informações no mangue. Então, precisei de um momento, na casa de meu pai, onde tudo foi gravado em áudio, para que as informações não captadas no campo fossem finalmente registradas. Esse momento contou com uma conversa informal que teve cerca de uma hora de duração. Após a coleta de todos os dados necessários, criou-se o questionário, e, no intervalo de quarenta e cinco dias, realizei as entrevistas e o preenchimento das fichas sociais com os cinco colaboradores. Cada entrevista teve duração média de uma hora e meia.

4.3 Colaboradores da pesquisa

Os colaboradores foram meus parentes Potiguara que moram na TI Potiguara e TI de Monte-Mor, mais especificamente nas aldeias Jacaré de César, Brejinho e Tramataia. Quanto ao quantitativo dos participantes, foram entrevistados cinco Potiguara, seus perfis podem ser identificados e comparados a seguir, no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos colaboradores

	Perfil dos colaboradores desta pesquisa				
Identificação do colaborador	Col. 1	Col. 2	Col. 3	Col. 4	Col. 5
Sexo	masculino	feminino	masculino	feminino	feminino
Idade	63	62	32	29	63
Escolaridade	Ensino Fundamental - Anos Iniciais	Nunca Estudou	Ensino Fundamental - Anos Finais	Ensino Fundamental - Anos Finais	Nunca Estudou
Aldeia que vive atualmente	Jacaré de César	Tramataia	Brejinho	Tramataia	Tramataia
Situação inicial e atual a respeito do trabalho no mangue	começou a trabalhar no mangue desde criança e atualmente vai ao mangue sem frequência	passou a trabalhar no mangue desde criança, mas há quatro anos parou de frequentá-lo	começou a trabalhar no mangue desde os quinze anos até os dias atuais	começou a trabalhar no mangue desde os nove anos até os dias de hoje	trabalha no mangue desde os dez anos de idade até hoje

Fonte: Elaboração da autora

Sobre o perfil apresentado no Quadro 1, destacamos alguns pontos. Os colaboradores 1 e 2, não tiram o sustento do mangue — o colaborador 1 não vai ao mangue com frequência e a colaboradora 2 não o frequenta mais. O colaborador 1 informou que o mangue deixou de ser seu meio de sobrevivência por ter se tornado concursado, o que facilitou o sustento de sua família. Além disso, trabalha com agricultura, o que acaba tomando grande parte de seu tempo, contudo, sempre que possível, porém não mais por necessidade, ele vai ao mangue pegar caranguejo, siri e/ou amoré, uma vez que, de acordo com suas afirmações, é “apaixonado” pelo mangue.

A respeito da colaboradora 2, a razão para não ir mais ao mangue é o fato de precisar cuidar quase integralmente de sua irmã que possui uma deficiência física e de seu pai que está idoso e não possui mais total habilidade para cuidar de si, de sua filha e realizar afazeres domésticos. A colaboradora 2 relatou as referidas razões para seu afastamento do trabalho no

mangue com grande pesar, além de ter informado que o trabalho no mangue a fazia “se sentir melhor do que qualquer outro trabalho”.

Antes de decidir quais seriam os colaboradores, optamos por incluir mulheres, uma vez que quando pensamos no mangue, majoritariamente, nos vem à mente a figura masculina, mesmo havendo tantas mulheres que trabalham no mangue; além de desejar, de algum modo, a representatividade feminina no estudo.

Ressaltamos ainda que as lideranças indígenas das TI Potiguara e TI de Monte-Mor foram contatadas para que pudessem autorizar a pesquisa e, quando necessário, indicar possíveis informantes que se enquadrassem nos critérios da pesquisa.

O colaborador 1 foi escolhido em razão de seus anos de experiência trabalhando no mangue, grande conhecimento referente ao mangue e por demonstrar interesse em contribuir com a pesquisa, não sendo necessária indicação do Cacique local. Na aldeia Tramataia também não houve necessidade de indicação do Cacique, pois conhecia duas mulheres das quais tinha ciência de que trabalhavam no mangue, que são as colaboradoras 2 e 4. A colaboradora 5 foi indicada pela colaboradora 4. Como já havia entrevistado uma pessoa do sexo masculino, priorizamos entrevistar apenas mulheres nessa aldeia.

Na aldeia Brejinho, devido ao fato de não saber quem trabalha no mangue, precisei contar com a indicação do Cacique da aldeia citada e da Agente Indígena de Saúde (AIS), que me indicaram alguns trabalhadores e trabalhadoras do mangue. Contudo, foi escolhido um homem, devido ao fato de já ter realizado entrevista com uma colaboradora. Também foi escolhido, entre as opções dadas, o mais jovem, para que pudéssemos ter maior variação de idades entre os colaboradores.

Apesar das distinções existentes nos perfis dos colaboradores, como foi possível verificar no Quadro 1, há dois aspectos muito importantes que coincidem com a realidade de todos, que é o fato de os cinco terem começado a trabalhar no mangue desde muito novos e o fato de o mangue ter sido e/ou ser/ter sido seu principal meio de sustento. Esses foram fatores cruciais para terem se tornado colaboradores da pesquisa, porque esses aspectos pressupõem seu conhecimento a respeito do mangue e maiores experiências com os seres que nele habitam.

Ao encontrar com cada colaborador realizamos nossa identificação, apresentação breve da pesquisa e solicitação para que colaborassem com a pesquisa. Estando de acordo, cada colaborador realizou a leitura do registro de livre consentimento, o interpretou, compreendeu e assinou.

4.4 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

No total, foram coletados 81 itens lexicais, sendo 11 referentes à categoria “Mangue: solos, tipos e plantas”, 26 referentes à categoria “Espécies de crustáceos”, 19 referentes à categoria “Características referentes aos crustáceos e à sua pesca”, 8 referentes à categoria “Fases da Maré¹⁰”, 7 referentes à categoria “Peixes: espécies e instrumentos de pesca¹¹” e 10 referentes à categoria “Outros animais (pássaros e outros)”.

Retomando explicações anteriores, reiteramos que utilizamos os dicionários para a comparação dos dados com o intuito de compreender a etimologia e a extensão do uso dos itens lexicais coletados, visando responder às seguintes perguntas: As palavras coletadas são de origem Tupi?; Podem ser encontradas em dicionários de língua portuguesa?; Se encontradas nos dicionários de língua portuguesa, possuem o mesmo significado dado pelos Potiguara participantes da pesquisa?

Os dicionários selecionados foram: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); Dicionário de Eduardo de Almeida Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1913); e o Dicionário Michaelis Online. Tais dicionários foram selecionados devido à diferença de anos de publicação, pois acreditamos que tais diferenças poderiam contribuir com nossa pesquisa, tendo em vista que algumas palavras podem ter seus significados modificados ao longo do tempo.

Além da comparação dos itens lexicais com os dicionários citados, realizamos como explicado anteriormente, a comparação desses itens também com trabalhos publicados que tratam da temática mangue/manguezal. Os selecionados foram os seguintes:

- A dissertação de mestrado, publicada em 2010, pela Universidade Federal da Paraíba, que tem por título “Conhecimento Ecológico Local, Técnicas de Pesca e Uso dos Recursos Pesqueiros em Comunidades da Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil”. Tendo como autora a pesquisadora Creuza Soares Cortez, a dissertação teve como principal objetivo

¹⁰ Apesar de nosso foco de estudo ser o mangue, optamos por incluir as fases da maré, tendo em vista que consideramos ambos indissociáveis.

¹¹ Mesmo tendo como foco de estudo o trabalho no mangue, optamos tipos de pesca, inclusive alguns que não fazem parte do trabalho no mangue, devido à sua especificidade.

estudar o conhecimento ecológico local e o uso dos recursos faunísticos junto a pescadores e catadores de comunidades que vivem no entorno do estuário do rio Mamanguape. A pesquisa teve como foco as comunidades Aritingui, Taberaba e Tavares que fazem parte do município de Rio Tinto, sendo realizada entrevista com 15 pescadores de Tavares, 8 de Aritingui e 7 de Taberaba;

- A dissertação de mestrado intitulada “Pesca Artesanal: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB”, publicada no ano de 2012 pela Universidade Federal da Paraíba, que tem por autoria Suana Medeiros Silva, teve como foco estudar a atividade da pesca artesanal no município de Lucena-PB, resgatando a história dos pescadores e das pescadoras artesanais, desde a origem da cidade como vila até a realidade atual da atividade. Para obtenção dos itens lexicais usados no trabalho, no que se refere à pesca, foram realizadas conversas informais e entrevistas com pescadores artesanais cadastrados na colônia da cidade de Lucena - PB;
- O artigo, publicado na revista Interciência no ano de 2008, intitulado “O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio mamanguape, estado da Paraíba, Brasil”, que tem por autoria Michelle da Silva Pimentel Rocha, José da Silva Mourão, Wedson de Medeiros Silva Souto, Raynner Rilke Duarte Barboza e Rômulo Romeu da Nóbrega Alves. O referido trabalho entrevistou 30 pessoas, sendo 18 moradores de Barra de Mamanguape, Rio Tinto - PB e 12 pertencentes à comunidade de Lagoa de Praia, Rio Tinto - PB. Seu desenvolvimento se deu devido ao objetivo de inventariar os usos dos recursos pesqueiros provenientes do estuário do Rio Mamanguape localizado no Estado da Paraíba, Brasil;
- O artigo, publicado em 2008, que tem por título “Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro: Um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita - PB”, do pesquisador Azemar dos Santos Soares Júnior, contou com 3 entrevistados da cidade Santa Rita - PB. No trabalho não é definido explicitamente seu objetivo, mas entendemos que sua intenção é afirmar que o saber pescar caranguejo é patrimônio cultural do estado da Paraíba;

- A dissertação “O Léxico do Canto do Mangue”, que tem por autoria Wellington Lopes do Santos, contém um glossário que expõe os itens lexicais coletados pelo autor, que foi possível a partir de entrevista realizada com 20 pescadores do Canto do Mangue - RN. A dissertação teve como objetivo investigar à luz das teorias linguísticas (Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialetoлогия) o vocabulário que permeia na comunidade de pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN, através da apresentação de um glossário geral (profissional e sociocultural) que descreve, sobretudo, os termos participantes deste universo vocabular em língua portuguesa;
- Outro trabalho externo ao estado da Paraíba que realizamos análise foi o artigo de Luciana Araújo Moreira ““Caranguejo tem língua?”: um glossário do caranguejo no Maranhão”, publicado em 2009, pela revista *Signum: Estudos da Linguagem*. O trabalho tem como objetivo principal estudar o universo lexical do caranguejo no Estado, mais especificamente na ilha de São Luís e no município de Araisos, com o propósito de fotografar, por meio de um glossário, a linguagem específica de catadores e vendedores de caranguejo das localidades supracitadas. Foi exposto, no artigo, um glossário com 114 termos, contudo, ao longo do texto não é definida a forma como os itens lexicais foram coletados, mas, há em alguns verbetes do glossário registros de falas de colaboradores.

4.4.1 Questionário

Para obtenção dos itens lexicais usados pelos colaboradores, após pesquisa *in loco* e conversa informal com o pai da pesquisadora, foi realizado um questionário que se refere aos itens lexicais que nomeiam seres e aspectos do mangue, percebidos como peculiares pela pesquisadora.

Com o intuito de identificar possíveis variações, assim que algum item lexical era trazido pelos colaboradores para responder as perguntas, a pesquisadora questionava se eles chamavam ou conheciam outro nome para se referir ao que foi dito. Outrossim, objetificando maior percepção da identidade étnica e relação com o campo semântico abordado, realizamos análise das respostas do questionário dadas pelos colaboradores, especificamente,

relacionadas às questões: Para você, qual a importância do mangue? Existe um ser não humano que vive no mangue, conhecido como Pai do Mangue. Você já teve alguma experiência com ele? Você acredita que o Pai do Mangue tem alguma função dentro do mangue? Se sim, qual?

5 ITENS LEXICAIS E IDENTIDADE: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo está dividido da seguinte forma: na seção 5.1, apresentamos os itens lexicais coletados na pesquisa de campo com nossos colaboradores, bem como as variações desses itens, quando é o caso, e descrição de cada item; na seção 5.1.1, fazemos a discussão dos dados referente aos itens lexicais coletados; na seção 5.2, realizamos a análise das falas dos colaboradores no que se refere à importância do mangue, possíveis experiências com o Pai do Mangue e a função desse Ser no ecossistema mangue.

5.1 Descrição dos itens lexicais usados no mangue pelos Potiguara

Segue abaixo a descrição dos itens lexicais coletados neste estudo (de acordo com os colaboradores¹²) e as variações lexicais encontradas entre os colaboradores. Os dados foram organizados por categorias: Mangue (solos e tipos); Espécies de crustáceos; Características referentes aos crustáceos; Fases da Maré Peixes; Instrumentos e tipos de pesca; e Outros animais (pássaros e outros). Observamos ainda que, sempre que possível, são apresentadas imagens para ilustrar os dados.

- **Mangue: solos, tipos e plantas**

1) ‘Mangue ariado’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3, Col. 5) ~ ‘Mangue duro’ (Col. 2; Col. 3) ~ ‘Barranco’ (Col. 4; Col. 5), “solo do manguezal que por conter lama e areia não chega a atolar/afundar com facilidade”.

2) ‘Mangue atoleiro’ (Col. 1; Col. 2; Col. 5) ~ ‘Mangue mole’ (Col. 2; Col. 4), “solo do manguezal que não é misturado com areia. Devido à grande quantidade de lama esse tipo de solo tende a atolar/afundar muito”.

3) ‘Canoé’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *avicennia schaueriana*¹³, “espécie de mangue que suas raízes ficam ao redor da planta por baixo da terra de maneira que as pontas finais dessas raízes fiquem para fora do solo”. Não foi encontrado nenhum tipo de variação para esse tipo de mangue.

¹² As definições que se encontram entre aspas, nesta seção, foram coletadas a partir do questionário aplicado com os colaboradores.

¹³ Os nomes científicos aqui usados são os que foram identificados a partir de comparações entre as descrições informadas pelos colaboradores deste trabalho e descrições e imagens contidas nos sites BioDiversity4All e Global Biodiversity Information Facility.

4) ‘Porocotó’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “raiz de grande resistência do mangue canoé que fica aparecendo cerca de cinco centímetros de forma ereta no solo podendo machucar ou furar o pé de quem pisa nela”. Não foi encontrado nenhum tipo de variação entre nossos colaboradores para se referir a essa raiz. O ‘Porocotó’ pode ser visualizado abaixo na Imagem 4.

Imagem 4 - Porocotó



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

5) ‘Mangue manso’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *laguncularia racemosa*, “espécie de planta do manguezal. Sua madeira possui coloração que varia entre avermelhada, marrom e cinza, podendo conter todas essas cores em um mesmo galho ou tronco. Sua casca pode ser usada para tingimento de cor vermelha. Suas folhas são relativamente pequenas e aglomeram grandes quantidades de sal, muitas vezes chegando a ficar branca devido ao excesso de sal atraído”. Não foi encontrado nenhum tipo de variação para esse tipo de mangue.

6) ‘Sapateiro’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *rhizophora mangle*, “espécie de mangue que possui raízes extensas e resistentes que ficam acima do solo do mangue”. Não foi encontrado nenhum tipo de variação para esse tipo de mangue. É possível identificar a planta ‘sapateiro’ na Imagem 5.

Imagem 5- Sapateiro



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

7) ‘Lápis’ (Col. 1) ~ ‘Canetinha’ (Col. 2) “semente do mangue denominado sapateiro. Os nomes canetinha e lápis justificam-se devido à semelhança que a semente tem com os objetos caneta e lápis”.

- **Espécies de crustáceos**

1) ‘Caranguejo’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *brachyura*, “crustáceo que possui casco arredondado de grande resistência que pode ter variação nas cores amarela e azul claro, a depender de sua espécie, possui oito dedos/patas e dois dedos maiores que possuem pinça, conhecida por pata, quando a pata é muito grande, chamamos patola. Esse crustáceo vive no manguezal e faz buracos no solo do mangue para proteger-se de predadores”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo.

2) ‘Caranguejo sal’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *ucides cordatus*, “espécie de caranguejo que possui casco arredondado de grande resistência de cor azulada e por vezes amarelada”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. É possível identificar o ‘Caranguejo sal’ na Imagem 6.

Imagem 6- Caranguejo sal



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

3) ‘Caranguejo Guaiamum’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *cardisoma guanhumi*, “espécie de caranguejo que possui casco arredondado de grande resistência de cor azul claro”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. O referido crustáceo pode ser observado na Imagem 7 a seguir.

Imagem 7- Caranguejo Guaiamum



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4) ‘Aratu’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Arastovis’ (Col. 1; Col. 2) ~ ‘Arastévis’ (Col. 4; Col. 5) ~ ‘Araeu’ (Col. 3) *goniopsis cruentata*, “crustáceo semelhante ao caranguejo, de porte um pouco menor e casco que varia nas cores preta e vermelha. Seus dedos possuem espécies de pelos que podem chegar a furar a pele humana. Vive no mangue e em arrecifes. Os aratus do mangue permeiam entre a água das camboas, o solo do mangue e suas raízes”. O referido crustáceo pode ser observado na Imagem 8 a seguir.

Imagem 8 - Aratu ~ Arastovis ~ Arastévis ~ Araeu



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

5) ‘Mufada’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Bunda’ (Col. 1; Col. 2) *aratus pisonii*, “espécie de aratu de pequeno porte, que não contém pêlos nos dedos e que possui maior comprimento na região traseira”. É possível visualizá-lo a seguir, na Imagem 9.

Imagem 9 - Mufada ~ Bunda



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

6) ‘Buzana’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *teredo navalis*, “crustáceo que possui casco arredondado de grande resistência que pode ter variação nas cores amarela e azul claro, a depender de sua espécie, possui oito dedos/patas e dois dedos maiores que possuem pinça, conhecida por pata, quando a pata é muito grande, chamamos patola. Esse crustáceo vive no manguezal e faz buracos no solo do mangue para proteger-se de predadores”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. O referido crustáceo pode ser analisado na Imagem 10 a seguir.

Imagem 10 - Buzana



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

7) ‘Chama maré’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *minuca*, “tipo de caranguejo de pequeno porte (chegando a no máximo dois centímetros) que possui uma pata/pinça maior que seu corpo. Seu formato é idêntico a de caranguejos como o sal e o guaiamum. Ele possui casco amarelado e seu nome se justifica devido ao movimento de chamamento que faz com sua pinça maior”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. O referido pode ser observado na Imagem 11 a seguir.

Imagem 11 - Chama maré



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

8) ‘Tesoureiro’ (Col. 1; Col. 2) ~ ‘Tesourão’ (Col. 3; Col. 4), “tipo de caranguejo de pequeno porte, sendo um pouco maior que o chama-maré. Possui uma pata/pinça maior que seu corpo. Seu formato é idêntico a de caranguejos como o sal e o guaiamum. Ele possui casco vermelho e seu nome se justifica devido à sua pinça que é muito grande e semelhante a uma tesoura”. O referido pode ser observado na Imagem 12 a seguir.

Imagem 12 - Tesoureiro ~ Tesourão



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

9) ‘Siri’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *portunidae*, “tipo de crustáceo que possui casco resistente que varia nas cores preta, marrom, vermelho e azul. O sirí contém dedos, entre eles duas pinças grandes, que ficam localizadas na região próxima a seus olhos e dois dedos menores que ficam na parte final de seu abdômen e servem como espécie de nadadeira. Esse tipo de crustáceo pode ser encontrado no mar, na maré, nas camboas, regos, córregos de água salgada e solo do mangue. No mangue ele pode ser encontrado acima da lama ou dentro de buracos”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo.

10) ‘Siri açu’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *callinectes exasperatus*, “tipo de crustáceo que possui casco resistente nas cores preto a azul. Ele é a maior espécie de siri encontrado no território”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. O referido pode ser observado a seguir na Imagem 13.

Imagem 13 - Siri açu



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

11) ‘Siri pimenta’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 5), “tipo de crustáceo que possui casco resistente e dedos na cor vermelha”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo.

12) ‘Siri leme’ (Col. 2; Col. 5), “tipo de crustáceo que possui casco resistente e se difere dos demais tipos de siri devido a seus últimos dedos que são maiores que das outras espécies”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo.

13) ‘Siri cagão’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “esse siri pode ser de qualquer espécie. Seu nome se dá devido ao mau cheiro que exala durante seu cozimento”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo.

14) ‘Pura’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “sirí fêmea independente da espécie”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo;

15) ‘Tamaru’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *merguia rhizophorae*, “espécie de camarão que vive na lama do mangue”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo.

16) ‘Catapu de dedo’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “espécie de molusco comestível que se encontra dentro de uma concha que contém dedos/patas. Sua concha possui formato semelhante a um cone, sua cor pode variar entre preto, marrom, alaranjado, amarelado e branco. O molusco possui cor laranja”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para esse crustáceo. O referido pode ser observado a seguir na Imagem 14.

Imagem 14 - Catapu de dedo



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

17) ‘Catapu de tampo’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “espécie de molusco comestível que se encontra dentro de uma concha que contém uma espécie de tampão. Sua concha possui formato semelhante a um cone, sua cor pode variar entre preto e marrom. O molusco possui as cores branco e preto”. Não foi encontrada nenhuma variação lexical para se referir a esse crustáceo. O referido pode ser observado a seguir na Imagem 15.

Imagem 15 - Catapu de tampo



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

18) 'Maçunim preto' (Col. 1) ~ 'Maçunim' (Col. 2; Col. 5) ~ 'Mela pau' (Col. 2; Col. 4; Col. 5), "molusco comestível que se mantém dentro de concha de cor preta de pequeno porte resistente e arredondada encontrado fixado à madeira do mangue". O referido pode ser observado a seguir na Imagem 16.

Imagem 16 - Maçunim preto ~ Maçunim ~ Mela pau



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

19) ‘Maçunim branco’ (Col. 1) ~ ‘Maçunim’ (Col. 2; Col. 5) ~ ‘Mela pau’ (Col. 2; col. 4; Col. 5), “molusco não comestível que se mantém dentro de concha de cor branca de pequeno porte resistente e arredondada encontrado fixado à madeira do mangue”. O referido pode ser observado a seguir na Imagem 17.

Imagem 17 - Maçunim branco ~ Maçunim ~ Mela pau



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- **Características referentes aos crustáceos e à sua pesca**

1) ‘Redinha’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “armadilha para capturar caranguejo feita com fios de saco”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

2) ‘Gaita’ (Col. 1; Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Morão’ (Col. 2), “pedaços de pau que são responsáveis por fixarem a redinha no solo do mangue”. O item pode ser observado na Imagem 18.

Imagem 18 - Gaita ~ Morão



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

3) ‘Redinha batida’ (Col. 1) ~ ‘Caranguejo malhado’ (Col. 2) ~ ‘Caranguejo batido’ (Col. 2) ~ ‘Caranguejo eninhado’ (Col. 3), “quando o caranguejo se encontra agarrado à redinha”.

4) ‘Caranguejo de leite’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “quando o caranguejo está passando pelo processo de troca de casco, se encontra mole e não comestível”. Por parte de nossos colaboradores não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

5) ‘Caranguejo tapado’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Tapagem’ (Col. 2; Col. 3; Col. 5), “método usado por caranguejeiros que consiste em fechar o buraco

onde o caranguejo está com lama mole para facilitar sua retirada”. O item pode ser observado na Imagem 19.

Imagem 19 - Caranguejo tapado ~ Tapagem



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

6) ‘Engranzado’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4) ~ ‘Encangado’ (Col. 5), “forma de imobilizar sirí fêmea ou macho com seus próprios dedos e patas/pinças”. Esse modo de imobilização pode ser visto na Imagem 20.

Imagem 20 - Siri engranzado



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

7) ‘Siri de alagado’ (Col. 1) ou ‘Siri de alago’ (Col. 2; Col. 3), “siri fêmea ou macho encontrado no córrego do mangue”.

8) ‘Siri de seco’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “siri fêmea ou macho encontrado no solo do mangue sem que esteja dentro de grande volume de água”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical entre os colaboradores. O referido pode ser observado a seguir na Imagem 21.

Imagem 21 - Siri de seco



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

9) ‘Barroca’ (Col. 1; Col. 5) ~ ‘Loca’ (Col. 2), “espécie de buraco no solo do mangue onde fica o siri fêmea ou macho e o amoré”.

10) ‘Embatumado’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “momento em que o caranguejo se encontra em local totalmente coberto por lama para passar pelo processo de mudança de casco”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

11) ‘Furiba’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “nome dado ao caranguejo sal ou guaiamum quando ainda está muito pequeno”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical entre os colaboradores.

- **Fases da maré**

1) ‘Maré de lançamento’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “dias anteriores ao dia de lua cheia em que a maré está aumentando seu nível de água”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

2) ‘Maré de quebramento’ (Col. 1; Col. 2), “dias posteriores ao dia de lua cheia em que a maré passa a diminuir seu nível de água até o momento em que a maré fica morta”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

3) ‘Maré grande’ (Col. 1; Col. 2), “fase em que a maré encontra-se em maior quantidade de água chegando a um nível de água que não é alcançado com frequência a ponto de “lavar” todo o mangue”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

4) ‘Maré morta’ (Col. 1; Col. 2), “fase em que a maré se encontra com pouca quantidade de água a ponto de não chegar a molhar o mangue. Momento em que a água da maré se encontra completamente limpa”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical. A referida fase pode ser observada a seguir na Imagem 22.

Imagem 22 - Maré morta



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

5) ‘Maré choca’ (Col. 1; Col. 2), “chamamos maré choca a maré que está em fase morta ou grande que não atinge o potencial esperado”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

6) ‘Maré vazando’ (Col. 1; Col. 2) ~ ‘Maré vazante’ (Col. 1; Col. 2), “momento em que a maré está saindo da fase cheia e passa a secar”.

7) ‘Preamar’ (Col. 1; Col. 2; Col. 5), “momento em que a maré se encontra completamente parada. Sem encher ou secar”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

- **Peixes: espécie e instrumentos de pesca**

1) ‘Amoré’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) *bathygobius soporator*, “peixe que possui as cores marrom claro e amarelo envelhecido e preto dos lados e na parte de cima e branco na parte da barriga. Ele vive no mangue, não tende a ficar muito grande e possui nadadeiras relativamente pequena”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

2) ‘Pitimboia’ (Col. 1; Col. 2; Col. 5), “rede que serve para capturar amoré. A rede é fixada a um ferro que possui formato circular. Fixado ao ferro encontram-se duas aseias/alças que servem para melhor execução da pesca”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

3) ‘Covo’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5), “armadilha feita para pegar camarão e peixes como o amoré. Seu formato é semelhante ao de um cone. Os materiais para construí-lo são: ripas do centro rígido da palha de dendê e cipós”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical. O referido item pode ser observado a seguir na Imagem 23.

Imagem 23 - Covo



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

4) ‘Puçá’ (Col. 1; Col. 2; Col. 5), “é um instrumento que se caracteriza em uma rede de espaços estreitos que pode ficar fixada a um ferro ou madeiras no formato de linha reta que é completado com formato circular, que serve especialmente para pegar peixes pequenos. Seu uso geralmente é restrito a lugares estreitos, uma vez que as puçás são relativamente pequenas”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

5) ‘Pesca de lampião’ (Col. 1), “consiste em pôr um lampião na frente da canoa, para que com a claridade do lampião as tainhas fiquem ofuscadas e subam, ficando na faixa da água. Com isso, uma pessoa fica em pé na canoa para capturar as tainhas com o auxílio de um jereré (instrumento idêntico à pitimboia, que ao invés de alças, possui uma vara fixada ao ferro). Esse tipo de pesca é realizada apenas em noites completamente escuras. Ela pode ser realizada em camboas ou na maré”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

6) ‘Tomada’ (Col. 1; Col. 2; Col. 4; Col. 5), “técnica de pesca da qual a rede é inserida na beira da maré com o auxílio de madeiras para fixá-la na terra ainda seca e quando a maré enche e fica prestes a secar novamente a rede é retirada com os peixes que ficaram presos. Esse tipo de pesca pode ser realizado em camboas ou na beira da maré”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical. A referida técnica, ao menos parte dela, pode ser observada a seguir na Imagem 24.

Imagem 24 - Tomada



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

7) ‘Zangareilha’ (Col. 1; Col. 5), “método que consiste em pôr um lampião/luz na proa da canoa de modo que a claridade fique na parte de trás da canoa, enquanto há uma rede do início ao final da canoa de maneira que a rede não bata dentro da água, esteja ereta e esticada desde o comprimento da canoa até acima dela. Desse modo, com a claridade do lampião/luz para trás os peixes passam a saltar, quando saltam, batem na rede e caem direto na canoa. Esse tipo de pesca é realizada apenas em noites completamente escuras. Ela pode ser realizada em camboas ou na maré”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.

- **Outros animais (pássaros e outros)**

- 1) ‘Aracuã’ (Col. 2; Col. 3; Col. 5) *ortalis guttata*, “ave de penugem majoritariamente marrom, misturadas com penas brancas e amarelas. Ela possui cauda e pescoços relativamente longo”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.
- 2) ‘João pobre’ (Col. 1; Col. 2) *serpophaga nigricans*, “ave de pequeno porte, possui formato relativamente arredondado, suas penas contém vários tons de cinza, sendo que as penas de sua cauda contém um tom mais escuro. Outro tom escuro, praticamente preto é encontrado em seu bico e pernas”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.
- 3) ‘Socó-boi’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3) *tigrisoma lineatum*, “ave relativamente grande, que quando jovem tem penas amarelas com penas escuras na horizontal ao longo de seu corpo; quando adulta possui a parte traseira do pescoço e a cabeça alaranjadas ou avermelhadas e linha vertical preta na parte frontal da garganta, abaixo do pescoço; essa ave possui penas na cor cinza escuro e em pouca quantidade alguns tons de canelado. No geral ela tem bico, pernas e corpo longos”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.
- 4) ‘Tamatião’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3) *nyctanassa violacea*, “pássaro razoavelmente grande. Possui a maioria de suas penas na cor cinza. possui duas listras brancas próximas aos olhos, lista amarelada na testa e o restante da cabeça na coloração preta. Seu bico é preto, grosso e longo. Ao longo de seu corpo se encontram as cores cinza claro e escuro, preto e branco. Sua perna é levemente longa e seu corpo possui formato alongado”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.
- 5) ‘Cambonje’ (Col.5) *pardirallus nigricans*, “ave de porte médio (chegando a cerca de 30 centímetros) que varia nas seguintes características: as pernas podem ser vermelhas ou pretas, os olhos podem ser azulados, pretos ou vermelhos e as penas podem ser azuladas, pretas, marrons ou esverdeadas”. Não foi encontrada nenhuma variação para esse item lexical.
- 6) ‘Guaxinim’ (Col. 1; Col. 2; Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Guaxelo’ (Col. 5) ~ ‘Guaxite’ (Col. 3) *procyon lotor*, “espécie que se alimenta de caranguejos, peixe e siri. Assemelha-se a uma raposa. Seu focinho é pontiagudo e em torno de seus olhos encontra-se a cor preta, que se assemelha a uma máscara. Seus pelos são marrons e há listras pretas ao longo de sua cauda”.
- 7) ‘Maruim’ (Col. 3; Col. 4; Col. 5) ~ ‘Muruim’ (Col. 1; Col. 2) *ceratopogonidae*, “tipo de mosquito de pequeno porte que circula dentro do mangue”.

5.1.1 Discussão dos dados

Diante dos dados acima expostos, podemos inferir que os colaboradores deste projeto possuem grande conhecimento a respeito do campo semântico mangue, dos seres que nele habitam e as técnicas e instrumentos para a “pega” dos seres que nele habitam. Abrangemos tal afirmação para os Potiguara da Paraíba, uma vez que nossa inferência coincide com a menção de Araújo (2017, 2018) ao referir-se que é necessário grande conhecimento para trabalhar no mangue, afirmando que o povo Potiguara é detentor dele.

Pôde ser verificado, especialmente mediante as descrições de cada item lexical, que existe autonomia sobre o trabalho e sobre o território de trabalho, o qual, comitadamente, está ligado à sua relação com a natureza, assim como é explicitado pelos autores Cardoso e Guimarães (2012) e Araújo (2017, 2018) ao afirmarem o grande conhecimento referente ao mangue por parte dos Potiguara da Paraíba e a importância da conexão com a natureza para o alcance de tal saber.

Constatamos que, entre os itens lexicais coletados, há, em especial no que tange às fases da maré, um maior quantitativo de itens lexicais por parte dos colaboradores mais velhos. Alguns dados descritos não foram mencionados pelos colaboradores mais jovens, como por exemplo, ‘Preamar’, ‘Maré choca’, ‘Maré de quebramento’, ‘Maré vazando’, ‘Maré vazante’. Além disso, notamos que, dentre as variações lexicais encontradas, ocorrem também as seguintes: ‘Encangado’ e ‘Guaxelo’, mencionados apenas pela Colaboradora 5; ‘Araeu’, ‘Caranguejo eninhado’ e ‘Guaxite’ mencionados apenas pelo Colaborador 3; ‘Canetinha’, ‘Morão’, ‘Caranguejo malhado’, ‘Caranguejo batido’ e ‘Loca’ mencionados apenas pela Colaboradora 2; e, ‘Pesca de lampião’, ‘Maçunim preto’, ‘Maçunim branco’, ‘Lápis’, ‘Redinha batida’ e ‘siri de alagado’ mencionados apenas pelo Colaborador 1.

Há um total de 16 itens lexicais em variação. É válido ter ciência do que é descrito por Ferraz (2006) ao refletir que, ainda que sendo falantes de uma mesma língua, as comunidades linguísticas, como é o caso dos Potiguara da Paraíba, nem sempre irão compartilhar léxicos idênticos. No caso dos Potiguara, enquanto membro deste povo, posso afirmar que, esse fato se dá devido ao vasto território no qual os Potiguara estão distribuídos, bem como por causa do grande quantitativo de Potiguara. Um exemplo disso, é que os Potiguara que estão

distribuídos entre as aldeias de Marcação utilizam o termo ‘caranguejo sal’, enquanto os que moram em aldeias de Rio Tinto o nomeiam ‘caranguejo uçá’¹⁴.

Mesmo tendo ciência das variações individuais descritas, é importante nos inteirarmos dos 36 itens lexicais que coincidiram entre dois ou mais colaboradores, sendo eles: ‘Maruim’ ~ ‘Muruim’, ‘Tamatião’, ‘Socó-boi’, ‘João pobre’, ‘Aracuã’, ‘Zangareilha’, ‘Tomada’. ‘Puçá’, ‘Pitimboia’, ‘Preamar’, ‘Maré vazando’ ~ ‘Maré vazante’, ‘Maré choca’, ‘Maré morta’, ‘Maré grande’, ‘Maré de quebramento’, ‘Barroca’, ‘Siri de alago’. ‘Engranzado’, ‘Tapagem’, ‘Gaita’, ‘Maçunim’ ~ ‘Mela pau’, ‘Siri leme’, ‘Siri pimenta’, ‘Tesoureiro’ ~ ‘Tesourão’, ‘Bunda’, ‘Arastovis’ ~ ‘Arastévis’, ‘Mangue ariado’ ~ ‘Mangue duro’ ~ ‘Barranco’, ‘Mangue atoleiro’ ~ ‘Mangue mole’. Bem como os 28 itens lexicais que coincidiram com a menção de todos os colaboradores, a saber: ‘Guaxinim’, ‘Covo’, ‘Amoré’, ‘Maré de lançamento’, ‘Furiba’, ‘Embatumado’, ‘Siri de seco’, ‘Caranguejo tapado’, ‘Caranguejo de leite’, ‘Redinha’, ‘Catapu de tampo’, ‘Catapu de dedo’, ‘Siri cagão’, ‘Puara’, ‘Tamaru’, ‘Siri açu’, ‘Siri’, ‘Chama maré’, ‘Buzana’, ‘Mufada’, ‘Caranguejo Guaiamum’, ‘Aratu’, ‘Caranguejo sal’, ‘caranguejo’, ‘Sapateiro’, ‘Mangue manso’, ‘Porocotó’, ‘Canoé’.

5.2 Língua e Identidade

Durante as entrevistas realizadas com os colaboradores, além das questões que se referiam aos itens lexicais, fizemos três perguntas a respeito da importância do mangue, de possíveis experiências com o Pai do Mangue e da função do Ser Pai do Mangue. Ao longo da análise que se refere à pergunta sobre a importância do mangue, percebemos temáticas semelhantes abordadas pelos colaboradores¹⁵, como: o mangue como ecossistema fundamental no território; o mangue como principal meio de sobrevivência; o trabalho no mangue como sendo um trabalho cansativo; o mangue como lugar de cura.

- O mangue como ecossistema fundamental no território

A respeito do tema mangue como ecossistema fundamental no território, o Colaborador 1 relatou:

¹⁴ Não sabemos ao certo quais fatores extralinguísticos causaram essa variação. Possivelmente, com a ampliação do número de colaboradores em futuras pesquisas, possamos elucidar tais fatos.

¹⁵ Algumas temáticas coincidem com o discurso de todos os colaboradores, entretanto, há temáticas que foram notadas apenas no discurso de alguns colaboradores.

O mangue tem tanta importância no mundo aqui pra gente que pur sinal a riqueza daqui é o mangue. Num ixiste órgão mais rico que o mangue aqui, pra todo mundo [...] o mangue é tão rico que o próprio pescadô num sabe a riqueza que tem na mão [...] Num tem coisa mais importante, primeramente aqui na gente a saúde, segundo o mangue¹⁶

Com esse discurso, o Colaborador 1 transparece sua percepção sobre a importância do mangue e do quanto ele deve ser valorizado. Além disso, percebe-se que o Colaborador 1 se esforça mais de uma vez para explicar quão importante é esse ecossistema. Mas, notamos que, mesmo exaltando tantas vezes o mangue, o referido colaborador não se dava por satisfeito, nos dando a sensação de que a importância do mangue para ele não pode ser medida, como se fosse inexplicável.

Compreendemos que a fala do Colaborador em questão, a respeito da importância do mangue, tem relação com a relevância do mangue para os Potiguara e para outras comunidades que tiram seu sustento do mangue, mas também, principalmente, a respeito de sua gratidão para com os benefícios que o mangue o proporcionou ao longo de sua vida.

Vale acrescentar ainda a relação de importância que o colaborador faz entre saúde e o mangue, ao dizer que “mais importante que o mangue é apenas a saúde”. Ou seja, em sua concepção, o mangue é o segundo fator mais importante para os Potiguara. Destacamos ainda que o colaborador não se remete à importância do mangue apenas para a pessoa dele ou para sua família, pois quando ele explica “primeramente aqui na gente a saúde” ele traz a ideia de lugar, sendo assim, para o território o mangue é indispensável.

Ainda referente ao tema mangue como ecossistema fundamental no território, a Colaboradora 2 afirmou que “o mangue é uma sobrevivência, a maré é uma sobrevivência que todo mundo deve dar muito valor, porque é a melhor natureza é o mangue, é a maré”. Assim como o Colaborador 1, a Colaboradora 2 viveu por décadas do trabalho no mangue, pois desde criança começou a tirar seu sustento dele. Desse modo, é possível afirmar que sua declaração esteja pautada em uma visão coletiva, por perceber que o mangue é um ecossistema fundamental para os Potiguara; e em uma visão individual, devido ao mangue ter sido sua principal fonte de renda desde o período que morava com seus pais quando criança e adolescente até a vida adulta, contribuindo principalmente com a sobrevivência de seus filhos. A Colaboradora reflete também sobre o valor que deve ser dado ao mangue, uma vez que a referida destaca o mangue como sendo, em seu ponto de vista, o melhor ecossistema.

¹⁶ Ressaltamos que as falas de nossos colaboradores foram, minuciosamente, ouvidas, analisadas e transcritas exatamente como falaram, uma vez que optamos por preservar as marcas de oralidade contidas em seus discursos.

Prosseguindo no tema mangue como ecossistema fundamental no território, a Colaboradora 4 esclareceu que para ela “o mangue é tipo uma mãe pras pessoas que gosta de conviver lá... É muito importante isso pra gente”. O discurso da Colaboradora 4, assim como dos colaboradores 1 e 2, faz vinculação à realidade tanto individual quanto coletiva. Ao mencionar a palavra “mãe”, a Colaboradora nos faz interpretar diversos significados, entre eles, a ideia de criação, cuidado, doação, proteção e amor. Vale destacar que a Colaboradora 4 frequenta o mangue desde criança com sua mãe e irmãs. Portanto, a associação feita entre o mangue e a figura materna deve-se ao fato de a colaboradora sentir-se bem no manguezal, cuidada e protegida. Além disso, seu discurso nos remete também à ideia de conexão e de proximidade com o ecossistema mangue.

Logo, os discursos dos colaboradores 1, 2, e 4 reverberam o que é afirmado por Palitot (2020) de que o manguezal é para os Potiguara um dos ecossistemas mais importantes do território e para a vida da comunidade.

- O mangue como principal meio de sobrevivência

Sobre o tema mangue como principal meio de sobrevivência, o Colaborador 1 explanou: “O mangue criô muita gente já” e indagou com tom de afirmação: “Quantas pessoa hoje num ta aqui encima da terra que sobreviveu derna de criança desse mangue?!”. As palavras do Colaborador 1 são um espelho do quanto ele foi auxiliado pelas riquezas que o mangue tem a oferecer, pelo fato dele ter sido criado lá e ter criado seus filhos a partir do mangue, bem como devido ao seu conhecimento a respeito de demais pessoas que trabalham no mangue e/ou já trabalharam nele e se mantiveram financeiramente a partir dele. Sua fala nos faz refletir também quanto à relação de dependência do mangue que até hoje é a realidade de vários Potiguara que, muitas vezes por falta de melhores oportunidades, possuem o mangue como única saída e possibilidade financeira.

A Colaboradora 2 expressou que “o mangue é uma sobrevivência, o mangue e a maré é uma vida pra cada um que vive dela”¹⁷. As palavras da Colaboradora 2 fazem-nos refletir a respeito da fundamentalidade do mangue para a colaboradora, bem como para os demais Potiguara que vivem dos benefícios desse ecossistema. Dizer que o mangue é uma vida para

¹⁷ Vale salientar que neste e em alguns outros relatos posteriores são mencionados a maré, quando é respondido sobre a importância do mangue. Isso acontece, porque a maré e o mangue são indissociáveis, além disso a pesca e tiragem de marisco que são realizadas na maré são também formas de subsistência de parte dos Potiguara.

quem vive dele é justamente dizer que o mangue é essencial e indispensável tanto para si quanto para os demais que usufruem dos benefícios doados pelo mangue.

Na fala do Colaborador 3 é justificada a importância do mangue da seguinte forma: “É de lá do mangue que eu tiro o sustento aqui da minha família”. Destacamos que, durante a entrevista ele se mostrou bastante emocionado, podendo ser este o motivo para uma resposta tão simples e ao mesmo tempo forte. Acreditamos que sua emoção no momento em que foi perguntado a respeito do mangue, deu-se devido ao fato de o Colaborador ter sido criado a partir do mangue e hoje sustentar sua família por meio dele, sendo o mangue seu único meio de vida.

A Colaboradora 4, por sua vez, expressou que “o mangue bem dizê é uma sobrevivência, né?! pra algumas pessoas que não tem uma renda, que não tem uma pessoa que ajude”. O relato da colaboradora reforça o relato dos demais e enfatiza a importância do mangue, especialmente, por promover a possibilidade de sustentar-se financeiramente.

A Colaboradora 5 evidenciou “que num fô o mangue e a maré ninguém num vevi aqui”. As palavras da Colaboradora 5 impactam nossa análise, uma vez que a mesma demonstra em suas palavras que o mangue além de ser um meio de sustentar-se e sustentar a família, para muitos é a única possibilidade de sobrevivência.

- O trabalho no mangue como sendo um trabalho cansativo

Nesse contexto, o Colaborador 1, destacando a importância do mangue, relatou: “o pescador... o pescador do mangue não tem do que reclamar não. Reclama sim, que é sofrido, é sofrido... é cansativo. Mai que é uma riqueza que tem ali é, por isso que eu acho importante demais”. Em suas afirmações, o colaborador traz dois pontos importantes, o fato de que o trabalho no mangue é cansativo e a realidade de que mesmo sendo cansativo, o pescador que trabalha no mangue pode considerar-se uma pessoa privilegiada tendo em vista as inúmeras possibilidades que o mangue pode proporcionar.

A Colaboradora 5 disse: “Eu sempre digo a meus fio que, ói, a maré e o mangue é bom, é bom de trabaíá, mai tem a hora, tem os dia. Infada muito, mai é bom”. Assim como o relato do Colaborador 1, a Colaboradora 2 além de enfatizar mais de uma vez o quanto o mangue tem seus benefícios, ela esclarece que o trabalho no mangue é cansativo. Sobre esse ponto, o que nos faz ter mais certeza da importância do mangue para os colaboradores é o fato de

ambos afirmarem que o trabalho no mangue é árduo, contudo, devido a seus grandes benefícios, trabalhar nele é bom e vale a pena.

A exposição dos colaboradores a respeito das dificuldades que se tem mediante o trabalho no mangue reflete sobre a inferência da pesquisadora Araújo (2017, 2018) de que o trabalho no mangue possui riscos e sofrimento, contudo, por parte dos Potiguara, há maior sentimento de gratidão que de sofrimento.

- O mangue como lugar de cura

Sobre este ponto, a Colaboradora 2 mencionou: “Eu vivi muitos anos trabalhano no mangue e graças a Deus foi quando eu sinti saúde, parece que quanto mais eu trabalhava mais bem eu ficava e num me quexava de dor, eu num me quexava de nada, sabe?!”. Apesar do mangue ter sido mencionado anteriormente por alguns colaboradores como ambiente que causa cansaço e desgaste, a Colaboradora 2 não mencionou tal problemática, pelo contrário, afirmou que ao longo dos anos trabalhando no mangue percebeu benefícios para sua saúde e bem estar. O resultado de seu bem estar pode ser devido à sua conexão com o mangue, bem como com sua conexão com o ser encantado que nele habita. Desse modo, podemos enxergar o mangue como um lugar que transmite espiritualidade e cura. Tal contexto coincide com a afirmativa de Araújo (2023) de que os ambientes que compõem o território Potiguara da Paraíba são repletos de simbologia, não se resumindo apenas à relação financeira que tal lugar pode promover.

A Colaboradora 5 relata “a importância do mangue... que eu acho bom. Se num fô o mangue... eu acho que... eu num sei não... eu acho que pa ir pôtus canto num é bem bom não. Eu gosto! Eu me sinto bem quando eu vô po mangue”. Em seu discurso, a colaboradora evidencia dois fatores essenciais relacionados a ela e ao mangue e à relação entre os dois. Primeiro, o trabalho no mangue é tão bom ao ponto dela não se imaginar trabalhando em nenhum outro ecossistema ou outros possíveis trabalhos além do mangue. Segundo, a colaboradora menciona mais de uma vez que gosta de ir para o mangue e finaliza enfatizando que se sente bem quando vai para o mangue. Vale lembrar que no tema anterior, a mesma colaboradora relatou que explica para seus filhos que o trabalho no mangue é árduo, contudo, percebemos uma relação de conexão e de familiaridade com o mangue por parte dela, pois no tema anterior ela fala que o trabalho no mangue é bom e no presente tema ela afirma apreciar sua ida ao mangue e sentir-se bem pelo simples fato de estar nele.

- A existência do Pai do Mangue

No que se refere à questão relacionada ao Pai do Mangue, que indagava se os colaboradores já tiveram algum tipo de experiência com ele, todos os colaboradores afirmaram que nunca o viram, contudo, concordam com sua existência, assim como afirmam os estudos dos autores Cardoso e Guimarães (2012), Barcellos (2012) e Araújo (2018).

Os colaboradores 1, 3, 4 e 5 informaram conhecer vários relatos de pessoas próximas que já tiveram algum tipo de experiência com o Pai do Mangue. Também afirmaram que já se perderam no mangue, mas que não podem dizer que foi uma ação da referida entidade/encantado, pois nunca o viram. Notamos que a falta de relação entre o Pai do Mangue e o fato de terem se perdido, se dá devido ao fato de acreditarem ser injusto, caso fosse uma ação do Pai do Mangue, visto que não estavam praticando, no mangue, nada que possa ser considerado errado. Isso acontece porque, de acordo com Araújo (2017, 2018), os Potiguara acreditam que o Pai do Mangue protege o mangue de ações dos seres humanos que sejam consideradas erradas, como por exemplo, o desmatamento e a poluição. Tais ações são cruelmente “vingadas” pelo Pai do Mangue.

Vale acrescentar que a Colaboradora 2 também afirmou nunca tê-lo visto, mas relata:

Nunca cheguei a ver ele não. Agora ele já me botô várias veze pra bestá. Já me ariei no meio da maré, sem sabê para onde ia. Se tava subino ou se tava deceno. Um tempo depois foi que eu parei, encostei a canoa e respirei, sondei o mundo, aí olhei pa água... Depois foi que eu vi que a maré tava correno no lado certo.

Ainda sobre experiências da colaboradora no mangue, ela explicou “Dentro do mangue eu já vi diversas coisa, assim... agente tá pegando, ta trabalhano no mangue, cai uma árvre enorme, bem pertim da gente, a gente olha pum lado, olha pa ôto, num vê árvre nenhuma, só o barulho”. É necessário destacarmos, que mesmo diante desses relatos, a Colaboradora 2 em nenhum momento fez relação do Pai do Mangue e de suas ações como algo ruim.

- A função do Pai do Mangue

Quando questionados se consideravam que o Pai do Mangue tem alguma função, todos os colaboradores coincidiram com a afirmação de que a função do Pai do Mangue é proteger o manguezal. Detalhando um pouco mais essa função, a Colaboradora 2 afirmou “Eu

tenho certeza que a função dele é protegê a área dele. Sabê andá, sabê respeitá e sabê protegê o mangue, porque o pessoal só quer destruí e ele tá alí pra protegê a área dele. A função dele é essa”. A colaboradora define o Pai do Mangue como um Ser que sua existência tem como foco a proteção e preservação do mangue. Em sua fala também é visível o conhecimento da colaboradora a respeito do desmatamento e da poluição, também citada pelos autores Cardoso e Guimarães (2012) e Barcellos (2012), que têm sido recorrentes no ecossistema em foco e a noção de que, dentre as funções do Pai do Mangue, está a luta pela preservação do mangue.

Também a respeito da função do referido encantado, a Colaboradora 4 explica: “Você começa a chamar nome¹⁸, começa desaparecê as coisa, ele tá pu perto. Quando não tem aratu perto aonde você... vai pescá... é porque ele tá pu perto e não qué dexá você pegá”. Sobre sua descrição, podemos notar o entendimento que a colaboradora tem a respeito de determinadas ações praticadas pelo Pai do Mangue, assim como a razão para determinadas ações, como por exemplo, o fato de usar palavras de baixo calão no manguezal. O uso de palavras de baixo calão para grande parte dos Potiguara significa desrespeito, por isso usá-las no mangue é tido como uma forma de desrespeitar o ambiente. A colaboradora mencionou tal ato como sendo uma das causas para que o Ser mencionado se manifeste de modo a punir a pessoa.

Ainda sobre a função do Pai do Mangue, a Colaboradora 5 relatou que “Ele é o dono do mangue. Só trai se ele dexá, se ele num dexá num trai. Fô chamando nome, fô dizendo as coisa, coisa que não deve dizê... a pessoa se assombra [...] É bom, mai ninguém pode í chamando nome, quereno sê mai de quê os ôtu... Se atrapaia”. A Colaboradora 5, em sua fala, demonstra muita convicção ao falar que o Pai do Mangue é dono do manguezal. Ela também deixa claro que o trabalhador do mangue só consegue pescar/pegar algo se assim for permitido pelo Pai do Mangue. Desse modo, sendo ele dono desse ambiente, não nos deixa dúvidas de que ele prioriza a proteção do ambiente e das espécies que habitam o mangue. Outro fator importante em seu discurso é o momento em que a Colaboradora fala sobre as possibilidades das pessoas se atrapalharem e se assombrarem, caso utilizem no mangue palavras de baixo calão ou ainda tratem os outros com superioridade. Ao trazer a afirmativa “é bom”, podemos afirmar que a colaboradora insinua que a figura do Pai do Mangue possui grande respeito. Tais afirmações nos trazem a reflexão de que a pessoa que trabalha no mangue compreende, especialmente por meio da figura do Pai do Mangue, a importância em tratar o ambiente e os seres que nele vivem com respeito, sendo humildes para com os outros.

¹⁸ Palavra de baixo calão

Os relatos sobre a função do Pai do Mangue nos remete aos escritos de Palitot (2005) Felix (2018), Araújo (2017, 2018) e Pereira (2020) que reforçam a função de proteção do Pai do Mangue e a importância dessa figura para que as pessoas que trabalham no mangue façam uso desse ambiente de forma consciente e respeitosa. Além de possibilitar aos Potiguara conexão não apenas com a natureza, como também com a espiritualidade.

Percebemos, tanto no que se refere às questões relacionadas ao ‘lugar’ mangue, quanto no que se refere ao Pai do Mangue, marcas de gratidão, respeito, valorização, afeto e conexão, que simboliza um povo que enxerga o manguezal, muitas vezes, como única possibilidade de sobrevivência, mas que não se limita a isso. Os discursos dos colaboradores são muito fortes e comoventes, neles são demonstrados os sentimentos que os colaboradores possuem para com o mangue. Foi possível notar, por fim, que o Pai do Mangue é um ser encantado que permeia e protege o ecossistema mangue, mas que para além disso, ajuda, protege e cura os seres humanos que, de forma respeitosa, trabalham, vivem e se conectam com o mangue. Apesar do trabalho no mangue ser uma atividade extremamente árdua, o Pai do Mangue pode possibilitar às pessoas, alívio de suas dores, do cansaço e de doenças, promovendo a cura de um modo geral. Soffiati (2023) menciona uma espécie de sacralização da natureza, bem como do manguezal por parte dos indígenas e é esse sentimento que percebemos ao longo das falas, o que nos remete à identidade étnica por meio da língua, a qual pode ser percebida não apenas nos itens lexicais, mas também por meio do discurso, como mencionado por Maher (1996) e Gorete Neto (2022).

6 ESTUDO COMPARATIVO DOS ITENS LEXICAIS

Nesta seção apresentamos a análise comparativa entre os itens lexicais coletados em nossa pesquisa e os itens lexicais coletados/mencionados nas publicações e nos dicionários selecionados.

6.1 O léxico Potiguara x o léxico não indígena

No artigo “O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio Mamanguape, estado da Paraíba, Brasil”, publicado na revista *Interciência* em 2008, são listadas espécies de moluscos e crustáceos que coincidem com os itens lexicais coletados em nossa pesquisa, tais como: ‘Tamaru’, ‘Caranguejo goiamum’, ‘Amoré’, ‘Siri cagão’. Também foram identificados itens lexicais referentes aos mesmos crustáceos, mas com nomenclaturas diferentes, como, por exemplo:

- ‘Aratu vermelho’ ~ ‘Aratu de mangue’, enquanto nossos colaboradores utilizam as variações ‘Aratu’, ‘Araeu’, ‘Arastévis’ e ‘Arastovis’;
- ‘Caranguejo uçá’, correspondente à expressão usada por nossos colaboradores, Caranguejo sal;
- ‘Siri azul’, denominado por nossos colaboradores ‘Siri açu’;
- ‘Siri vermelho’, nomeado por nossos colaboradores ‘Siri pimenta’.

Vale destacar que o artigo não descreve detalhadamente cada item lexical; no entanto, apresentava o nome científico das espécies, o que possibilitou a realização das comparações.

Outro estudo que apresenta dados de falantes localizados na Paraíba e que trabalham no mangue é o artigo “Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro: um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita – PB”, publicado em 2008. Neste trabalho, foram identificados quatro itens lexicais que parecem semelhantes aos coletados com nossos colaboradores: ‘Maré grande’, ‘Goiamum’, ‘Porocotó’ e ‘Covo’. É importante salientar que não podemos afirmar com certeza se esses itens são idênticos ou diferentes, uma vez que o estudo não descreve seus sentidos, pois essa não era a finalidade da pesquisa. Além disso, não há indicação dos nomes científicos das espécies. O

estudo apresenta alguns relatos dos entrevistados que mencionam aspectos relacionados aos itens lexicais coletados em nossa pesquisa, mas sem nomeá-los explicitamente. Por exemplo:

- “Ele descasca bastante [...] quando ele cresce aí muda a casca” (Soares Júnior, 2008, p. 7), em referência ao que nossos colaboradores chamam de ‘Embatumado’ e/ou ‘caranguejo de leite’;
- “Caranguejo no mangue ele do tamanho de nada [...] caranguejo novinho” (Soares Júnior, 2008, p. 7), correspondendo ao que nossos colaboradores chamam de ‘furiba’;
- “O caranguejo começa a se esconder [...] ele já tá escondido [...] ele desaparece de novo” (Soares Júnior, 2008, p. 7), referindo-se novamente ao ‘Embatumado’ e/ou ‘caranguejo de leite’.

Quanto à dissertação de mestrado “Conhecimento Ecológico Local, Técnicas de Pesca e Uso dos Recursos Pesqueiros em Comunidades da Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil”, publicada em 2010, o trabalho teve como objeto de pesquisa as comunidades Aritingui, Taberaba e Tavares que fazem parte do município de Rio Tinto. No estudo, identificamos 8 itens lexicais e significados semelhantes aos coletados no nosso trabalho, foram eles: ‘Amoré’, ‘Goiamum’, ‘Aratu’, ‘Covo’, ‘Redinha’, ‘Puçá’, ‘Maré de lançamento’ e ‘Siri’. Quanto ao ‘Aratu’, vale destacar que não foi mencionado no estudo nenhuma variação e a respeito do item lexical ‘Siri’, em todos os momentos foi falado de modo generalizado, não definindo as espécies e formas como os entrevistados da referida pesquisa os nomeiam. Também foram observados itens lexicais que se referem aos mesmos crustáceos, mas com nomenclaturas diferentes, como:

- ‘Caranguejo-uçá’, correspondente ao que nossos colaboradores chamam de ‘Caranguejo sal’¹⁹;
- ‘Aratu vermelho’, equivalente às variações usadas por nossos colaboradores: ‘Aratu’, ‘Arastovis’, ‘Arastevis’ e ‘Araeu’;
- ‘Tapamento’, referente ao que nossos colaboradores chamam de ‘Caranguejo tapado’ ou ‘Tapagem’;
- ‘Caranguejinho pequeno’, correspondente ao que nossos colaboradores nomeiam como ‘Furiba’.

¹⁹ Uma outra hipótese é que a palavra ‘caranguejo-uçá’ seja uma variação fonológica da palavra ‘carangueja-sal’.

Enfatizamos que o foco do estudo em questão foram as técnicas e o uso de recursos pesqueiros, por tanto, a autora se dedica, em grande parte do texto, a detalhá-las, como por exemplo, instrumentos como o ‘covo’. Mas, demais itens lexicais, como por exemplo, ‘maré de lançamento’ e ‘siri’, que foram encontrados no texto, não possuem definição. A respeito do crustáceo ‘aratu’ é necessário informar que em alguns momentos do texto foi usado apenas o item ‘aratu’ e em outros o item ‘aratu vermelho’, contudo, devido à falta de definição no trabalho, não sabemos se estes nomes seriam variações para se referir a um único crustáceo ou se remetem à espécies distintas.

A dissertação de mestrado intitulada “Pesca Artesanal: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB”, publicada no ano de 2012, apresenta dados de conversas informais e entrevistas com pescadores artesanais cadastrados na colônia da cidade de Lucena - PB. Entre as espécies de molusco, crustáceos e equipamentos para pesca listados no trabalho coincidem com os itens lexicais coletados em nossa pesquisa, os itens: ‘Caranguejo’, ‘Pitimboia’, ‘Jerere’, ‘Maré morta’, ‘Maré grande’, ‘Maré de lançamento’ e ‘Maré de quebramento’. Foram observados também itens lexicais que se referem aos mesmos crustáceos, porém com nomenclaturas diferentes, como:

- ‘Caneta do mangue’, equivalente ao que nossos colaboradores chamam de ‘Lápis ou Canetinha’;
- ‘Caranguejos pequenos’, correspondente ao que nossos colaboradores nomeiam como ‘chama-maré’.

Além disso, no trabalho identificamos os termos ‘Siri de mangue’ e ‘Siri de lama’, sem que fossem demarcadas as suas diferenciações de espécies, como é o caso de ‘siri açu’ para espécie de siri que chegam a possuir tamanho superior às demais espécies e ‘siri pimenta’ para espécie de siri que possuem coloração mais vermelha que os demais – assim definido por nossos colaboradores.

A dissertação “O Léxico do Canto do Mangue”, publicada em 2010, teve como objetivo investigar à luz das teorias linguísticas (Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialetoleologia) o vocabulário da comunidade de pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN. O trabalho contém um glossário que expõe os itens lexicais coletados pelo autor. Dentre as palavras contidas no glossário coincidem com as coletadas em nosso estudo: ‘Aratu’, ‘Covo’, ‘Goiamum’, ‘Jerere’, ‘Loca’, ‘Maré grande’, ‘Maré morta’, ‘Maruim’, ‘Preamar’, ‘Redinha’, ‘Siri’, ‘Pitibóia’ e ‘Chama maré’. No caso de ‘Chama maré’, o referido item possui as variações ‘Maria farinha’ e ‘Xié’.

Dentre os itens lexicais listados no glossário encontramos um que se refere a determinado aspecto mencionado por nossos colaboradores, mas os termos não coincidem:

- ‘Baixa-mar’ enquanto nossos colaboradores usam a expressão ‘Maré morta’.

Apesar da grande distância territorial, foi percebido que entre os, aproximados, duzentos verbetes, foram encontrados 13 itens, informados anteriormente, que coincidem com os utilizados por nossos colaboradores. Contudo, as variações encontradas por meio dos nossos colaboradores não foram encontradas no respectivo estudo, como é o caso de ‘Aratu’, ‘Loca’ e ‘Maruim’. Além disso, não é mencionado sobre os tipos e espécies de siri.

Outro trabalho externo ao estado da Paraíba é o artigo “‘Caranguejo tem língua?’: um glossário do caranguejo no Maranhão”, publicado em 2009, o qual apresenta o universo lexical do caranguejo no Estado, mais especificamente na ilha de São Luís e no município de Araióses. Foi formado, no artigo, um glossário com 114 termos. Neste trabalho, não foram identificadas, entre as palavras contidas no glossário, itens lexicais que coincidem com os coletados em nosso estudo. Contudo, foram percebidos itens lexicais que se referem aos mesmos crustáceos ou características de algum crustáceo, contudo com outra nomenclatura, como é caso de:

- ‘Caranguejinho’ ~ ‘caranguejo pequeno’ enquanto nossos colaboradores usam ‘furiba’;
- ‘Caranguejo de casco mole’ enquanto nossos colaboradores usam ‘caranguejo de leite’.

Portanto, ao final deste estudo comparativo, há 21 (26%) itens lexicais identificados nos trabalhos analisados que aparecem nos dados dos colaboradores²⁰, a saber: ‘Tamaru’, ‘Amoré’, ‘Siri cagão’, ‘Goiamum’, ‘Porocotó’, ‘Covo’, ‘Aratu’, ‘Redinha’, ‘Puçá’, ‘Caranguejo’, ‘Pitimboia’, ‘Maré morta’, ‘Maré grande’, ‘Maré de lançamento’, ‘Maré de quebramento’, ‘Jeréré’, ‘Loca’, ‘Maruim’, ‘Preamar’, ‘Siri’, ‘Chama maré’. Dentre esses itens, apenas 11 (8,91%) foram vistos em mais de um dos textos analisados: ‘Goiamum’, ‘Amoré’, ‘Maré grande’, ‘Maré morta’, ‘Maré de lançamento’, ‘Covo’, ‘Aratu’, ‘Redinha’,

²⁰ Notamos ainda que entre os itens, nove são de origem Tupi, sendo eles: ‘Aratu’, ‘Goiamum’, ‘Siri’, ‘Tamaru’, ‘Loca’, ‘Amoré’, ‘Jerere’, ‘Puçá’, ‘Maruim’. A listagem de itens lexicais de origem Tupi pode ser vista na seção seguinte.

‘Siri’, ‘Pitimboia’ e ‘Jerere’. Interessante ressaltar que essas palavras são as mais comuns/usuais no que se refere à pesca e ao trabalho no mangue.

Destacamos que a maioria das comunidades pesquisadas (nos estudos comparativos) residem próximas ao território Potiguara, contudo, ainda assim, constatamos variações lexicais. Ressaltamos, portanto, que como afirmado por Isquerdo (1996), mesmo sendo falantes de uma mesma língua, o léxico varia de acordo com os indivíduos e os grupos sociais. Dessa forma, apesar da proximidade geográfica entre nossos colaboradores e as comunidades pesquisadas nos textos acadêmicos, eles não fazem parte do mesmo grupo social, logo não compartilham totalmente dos mesmos itens lexicais.

A respeito desse fato, é necessário darmos destaque à existência de fronteiras linguísticas que podem ocasionar variação da língua, como descrito pelos autores Isquerdo (1996) e Dubois (2004). Outrossim, parafraseando Vilela (1994), Maher (1996) e Biderman (1997), mesmo usando a mesma língua, as vivências e partilhas tidas em comunidade possibilitam a singularidade lexical de determinado grupo.

Portanto, podemos compreender que, mesmo diante das proximidades geográficas, foram encontrados itens lexicais que não coincidiam com os itens lexicais coletados em nosso estudo de campo. E que, mesmo diante da distância territorial, encontramos dados lexicais que coincidem com os usados por nossos colaboradores. Contudo, é verificável que dentre os itens coletados em nossa pesquisa, houve uma porcentagem mínima encontrada em outros trabalhos. Ter ciência dos itens lexicais que não coincidem com os listados por nossos colaboradores, assim como os itens que coincidem, nos traz a noção de particularidade do léxico Potiguara.

Acrescentamos o fato de que, de acordo com Soffiati (2023), os povos originários já frequentavam os manguezais antes mesmo que os colonizadores pensassem em usufruir dele. Além disso, autores como Bandeira (1920) e Pereira (2022) destacam a continuidade do contato entre o povo Potiguara e o mangue ao longo dos anos. Podemos afirmar, portanto, que sendo os indígenas os primeiros a possuir vivências no manguezal, eles foram os primeiros a dar nomes aos seres que habitam o mangue, seus tipos de solo, plantas, pássaros, entre outros. Mesmo passando a usar a língua portuguesa, o contato com o mangue não cessou. Para compreendermos se tais unidades lexicais são de origem Tupi, abordaremos, na seção seguinte, os significados dos itens lexicais apresentados por nossos colaboradores a partir de dicionários de Tupi e de língua portuguesa.

6.2 O léxico Potiguara e o léxico dos Dicionários

Nesta seção, o estudo foi organizado de acordo com três categorias: (a) ‘palavras de origem Tupi’, as quais, em alguns casos, passaram a ser dicionarizadas. Analisamos os dados seguidos pela definição dada pelos colaboradores; (b) ‘palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa’; e, por fim, a categoria (c) ‘palavras não encontradas em entradas lexicais de dicionários consultados’.

- **Solos e tipos de mangue**

a) Palavras de origem Tupi.

Nenhuma das palavras referente aos solos e aos tipos de mangue foram encontradas nos dicionários consultados de língua Tupi.

b) Palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa.

1) ‘Barranco’, Dicionário de Cândido de Figueiredo: lugar, cavado por enxurradas ou por outra causa. Escavação natural; precipício. Obstáculo. Michaelis: quebrada de terreno provocada por escavação que as enxurradas abrem nos solos argilosos ou pela ação do homem. Margem elevada ou íngreme de um rio; barranca, ribanção.

É possível perceber neste item (b) que mesmo havendo apenas um item lexical que contempla palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa, as definições contidas nos dicionários de Cândido de Figueiredo e Michaelis não contemplam aspectos relacionados ao mangue. Além disso, os referidos dicionários referem-se a espécies de escavação, definição da qual não contempla o tipo de solo em questão.

c) Palavras não encontradas em entradas lexicais de dicionários consultados:

‘Mangue ariado’, ‘Mangue duro’, ‘Mangue atoleiro’, ‘Mangue mole’, ‘Canoé’, ‘Sapateiro’, ‘Mangue manso’, ‘Lápis’, ‘Canetinha’ e ‘Porocotó’.

Nesta categoria notamos que há diversas palavras de uso da língua portuguesa, como por exemplo, ‘lápis’ e ‘sapateiro’, contudo, ao procurar os significados dessas palavras foram encontrados apenas seus significados de uso amplo, não encontrando nos dicionários

analisados significações referentes à provável ressignificação dessas palavras no contexto de fala dos Potiguara da Paraíba.

- **Espécies de crustáceos; características referentes aos crustáceos e fases da maré**

a) Palavras de origem Tupi.

- 1) ‘Aratu’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.
- 2) ‘Goiamum’, palavra encontrada no dicionário Tupi e nos dicionários de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical;
- 3) ‘Puara’, palavra de origem Tupi. Não encontrada nos dicionários de língua portuguesa;
- 4) ‘Siri’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical;
- 5) ‘Tamaru’, palavra de origem Tupi. Descrita no dicionário de Cândido de Figueiredo como crustáceo do Brasil. No Michaelis há a menção da etimologia como sendo Tupi;
- 6) ‘Loca’, palavra de origem Tupi. Localizada também no dicionário de Cândido de Figueiredo, esconderijo do peixe sob uma laja, debaixo de água. Toca, furna, e no Michaelis, esconderijo de peixe sob uma pedra ou laje/Gruta pequena; furna, lapa. Empréstimo lexical.

Nesta categoria (a) podemos identificar que muitas palavras de origem Tupi são encontradas em dicionários de língua portuguesa, tidos como empréstimos lexicais oriundos do Tupi. É perceptível também, diante, por exemplo, do significado do item lexical ‘tamaru’, que há uma generalização quanto ao significado da palavra ou ainda uma definição diferente da original (na língua Tupi).

b) Palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa.

- 1) ‘Embatumar’, Dicionário Cândido de Figueiredo, encher demais/acumular, e Michaelis, encher mais que o necessário/acumular/embetumar;
- 2) ‘Caranguejo’, Dicionário Cândido Figueiredo, animal crustáceo, de que há espécies comestíveis, e Michaelis, denominação comum a vários crustáceos decápodes, braquiúros, na maioria marinhos, caracterizados por terem o corpo coberto por uma

carapaça larga, cinco pares de patas, sendo o primeiro par normalmente em forma de fortes pinças, e abdome reduzido e dobrado por baixo do tórax;

3) ‘Chama-maré’, Dicionário Michaelis, pequeno caranguejo da família dos ocipodídeos (*Uca pugnax*), de cor azeitonada, com uma das pinças muito maior que a outra e que tem o hábito de agitá-la em gesto de quem chama, daí o nome; chora-maré, ciecié, crauçá, grauçá, maracauim, siri-patola, tesoura, xié;

4) ‘Maçunim’, Dicionário Michaelis, Molusco bivalve (*Iphigenia brasiliensis*), comestível, da família dos donacídeos, encontrado nas Américas, de concha branca e triangular; tarioba;

5) ‘Gaita’, Dicionário Michaelis, Cada uma das grandes raízes da vegetação dos mangues;

6) ‘Engranzado’, Dicionário Cândido de Figueiredo, Engranzar Enfiar. Enganchar. Encadear. Endentar. Engrenar, e Michaelis, Enfiar contas em fio de metal ou de outro material/Ligar elos de uma corrente; encadear;

7) ‘Barroca’, Dicionário Michaelis, escavação natural proveniente de erosões; barranco, cova;

8) ‘Preamar’, Dicionário Michaelis, o ponto mais alto a que sobe a maré; influxo, maré-alta, maré-cheia.

Vale destacar que nesta categoria (b) as palavras são definidas com muito mais precisão pelos nossos colaboradores no que diz respeito às características e definições encontradas no mangue.

c) Palavras não encontradas em entradas lexicais de dicionários consultados.

1) ‘Arastovis’, ‘Araeu’, ‘Arastévis’, ‘Buzana’, ‘Mufada’, ‘bunda’, ‘Caranguejo sal’, ‘Tesoureiro’, ‘Tesourão’, ‘Siri pimenta’, ‘Siri leme’, ‘Siri cagão’, ‘Catapu de dedo’, ‘Catapu de tampo’, ‘Mela pau’, ‘Redinha’, ‘Morão’, ‘Redinha batida’, ‘Caranguejo malhado’, ‘Caranguejo batido’, ‘Maçunim preto’, ‘Maçunim branco’ ‘Caranguejo ininhado’, ‘Caranguejo de leite’, ‘Caranguejo tapado’, ‘Tapagem’, ‘Encangado’, ‘Siri de alagado’, ‘siri de alago’, ‘Siri de seco’, ‘Furiba’, ‘Maré de lançamento’, ‘Maré de quebramento’, ‘Maré grande’, ‘Maré morta’, ‘Maré choca’, ‘Maré vazando’, ‘Maré vazante’.

Dentro dessa categoria de itens lexicais, percebemos que embora haja palavras não dicionarizadas, como por exemplo, ‘buzana’, há palavras próprias da língua portuguesa, como ‘siri pimenta’, não dicionarizadas, mas que possuem um significado próprio para os Potiguara que trabalham no mangue. Além disso, vale destacar que exceto os itens lexicais ‘arastovis’, ‘arastévis’, ‘araeu’, ‘buzana’, ‘furiba’, ‘mufada’ e ‘catapu’ todos os itens lexicais são palavras comuns na língua portuguesa, todavia, são usados pelos Potiguara com outro sentido. O que reverbera afirmações de Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2021, 2022) ao evidenciarem que, mesmo diante do uso de uma língua que não seja a de seus antepassados, a variedade linguística na língua portuguesa usada pelos indígenas constitui sua identidade. Podemos afirmar, portanto, que as palavras contidas nessa categoria, até o momento, são reflexos de um português usado pelos Potiguara como agregador de identidade étnica.

- **Instrumentos e tipos de pesca**

a) Palavras de origem Tupi.

- 1) ‘Amoré’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário Michaelis, empréstimo lexical.
- 2) ‘Puçá’, palavra de origem Tupi. Encontrada no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

Quanto aos dados analisados para as palavras desta categoria, é importante destacar que a palavra ‘Amoré’ é encontrada no dicionário Michaelis. Menciona que o item lexical é de origem Tupi, porém não contém qualquer definição a respeito dessa espécie de peixe.

b) Palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa.

- 1) ‘Pitimboia’, Dicionário Michaelis, curral de pesca/Aparelho para auxiliar a pesca dos camarões.
- 2) ‘Covo’, Dicionário de Cândido de Figueiredo, cesto comprido de vimes, para pesca, e Michaelis, armadilha de pesca feita de esteiras penduradas em pares e providas de sapatas de chumbo/Cesto comprido, geralmente de vime, usado para pescar.
- 3) ‘Zangareilha’, Dicionário de Cândido de Figueiredo, nome que, em Ílhavo, se dá à tarrafa de arrastar;

4) ‘Jerere’, Dicionário Michaelis, rede de pesca afunilada, de malha trançada, presa a um aro, usada em águas rasas, geralmente para apanhar peixes pequenos e crustáceos; landuá.

Como ocorreu para as palavras das categorias anteriores, apesar dos itens lexicais serem encontrados nos dicionários de língua portuguesa, as definições são simplificadas e não se referem a todos os aspectos das palavras, como por exemplo, ‘zangareilha’. Apesar de ser uma rede, o nome também se refere a um tipo de pesca da qual é usada esse tipo de rede. Além disso, o item lexical ‘Jerere’ é definido pelo Dicionário Michaelis como sendo de etimologia Tupi.

c) Palavras não encontradas em entradas lexicais de dicionários consultados.

1) ‘Pesca de lampião’ e ‘Tomada’.

Vale pontuar neste item a singularidade contida nas formas de pescar citadas por nossos colaboradores, reflexo considerado na análise de dados das categorias anteriores, mostrando como o campo semântico do manguezal reverbera todo um conhecimento ancestral.

- **Animais que fazem parte do ecossistema do mangue, como pássaros e peixes.**

a) Palavras de origem Tupi.

1) ‘Aracuã’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

2) ‘Socó-boi/Socó-boy’, palavra de origem Tupi, encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

3) ‘Tamatião/tamatá’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

4) ‘Guaxinim/Guaxinã’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

5) ‘Maruim’, palavra de origem Tupi. Encontrada também no dicionário de Cândido de Figueiredo e no Michaelis, empréstimo lexical.

Vale destacar, referente a esta categoria (a) a existência de itens lexicais que, mesmo sendo de origem Tupi, há variações entre os colaboradores, como é caso de, ‘maruim/muruim’ e ‘guaxinim/guaxelo/guaxite’. Fato que reflete a afirmação de Villalva e Silvestre (2014), Camacho (1984) e Bagno (2002) referente à variação lexical, que pode haver dentro de uma mesma comunidade diferenças em seus falares.

b) Palavras encontradas como entradas lexicais apenas nos dicionários de língua portuguesa.

- 1) ‘João-pobre’, Dicionário Michaelis, ave passeriforme (*Serpophaga nigricans*), da família dos tiranídeos, encontrada no Sudeste brasileiro e na Argentina e Paraguai, de dorso cinza-escuro, abdome branco e topete negro.
- 2) ‘Cambonje’, Dicionário de Cândido de Figueiredo, ave pernalta, originária de Angola.

Nesta categoria (b) foi possível verificar a riqueza de detalhes compartilhados por nossos colaboradores, diferente das definições contidas nos dicionários de Cândido de Figueiredo e Michaelis.

c) Palavras não encontradas em entradas lexicais de dicionários consultados.

- 1) ‘Guaxelo’, ‘Guaxite’ e ‘Muruim’.

Quanto a este item (c) é importante destacar novamente a variação linguística entre nossos colaboradores, como ‘Muruim’/‘Maruim’.

No que se refere aos itens lexicais usados por nossos colaboradores que foram encontrados nos dicionários de Tupi, tivemos um total de 13 (16%), sendo eles: ‘Aratu’, ‘Goiamum’, ‘Puara’, ‘Siri’, ‘Tamaru’, ‘Loca’, ‘Amoré’, ‘Puçá’, ‘Aracuã’, ‘Socó-boi’, ‘Tamatião’, ‘Guaxinim’, ‘Maruim’. Sobre estes itens lexicais, podemos, resumidamente, explanar o que percebemos ao longo da análise, como feito anteriormente. Notamos que grande parte das palavras de origem Tupi são encontradas em dicionários de língua portuguesa, porém, existem, em sua maioria, generalização quanto ao significado da palavra ou ainda definições diferentes da original (na língua Tupi). Identificamos também que palavras de origem Tupi foram encontradas em dicionários de língua portuguesa, nele havia a

menção de que aquele item lexical é de origem Tupi, porém não continha qualquer definição a respeito de tal palavra.

O uso de palavras de origem Tupi por nossos colaboradores, reverbera tanto a influência dos itens lexicais de origem Tupi no Brasil de um modo geral, quanto da influência que a língua Tupi ainda tem sobre os Potiguara da Paraíba. Além disso, o uso desses itens pelos nossos colaboradores é um reflexo da presença da língua Tupi no contexto Potiguara, apesar de usarem majoritariamente palavras da língua portuguesa. Idioma este que apesar de ter sido silenciado mediante imposição dos invasores, não deixou de fazer parte das vivências desse povo.

Vale salientar que de acordo com Gumperz e Cook-Gumperz (1982), Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022), a identidade étnica de povos indígenas pode ser construída e/ou mantida por meio de qualquer língua, ainda que não seja a de seus antepassados.

No que se refere aos itens lexicais encontradas somente nos dicionários de língua portuguesa, foram encontrados 15 (18%), sendo eles: ‘Embatumar’, ‘Caranguejo’, ‘Chamararé’, ‘Maçunim’, ‘Gaita’, ‘Engranzado’, ‘Barroca’, ‘Preamar’, ‘Barranco’ ‘Pitimboia’, ‘Covo’, ‘Zangareilha’, ‘Jereré’, ‘João-pobre’ e ‘Cambonje’. Sobre estes itens lexicais, podemos, resumidamente, explicar o que percebemos ao longo da análise feita anteriormente. Apesar de haver 15 palavras encontradas nos dicionários de língua portuguesa, a definição dos dicionários não contempla aspectos relacionados ao mangue, percebemos que eles, geralmente, apresentam definições amplas sem a contextualização. Além disso, foi visto que as definições são simplificadas e não se referem a todos os aspectos das palavras; ademais, as palavras são definidas com mais precisão pelos nossos colaboradores no que diz respeito às características e definições encontradas no mangue.

Apesar de, para análise comparativa, não termos utilizado dicionários específicos que focassem em aspectos do manguezal, podemos afirmar que os resultados apresentados reverberam a noção de limitação dos dicionários que os autores Villalva e Silvestre (2014) explanam, uma vez que o léxico de uma nação possui um número superabundante, especialmente devido ao fato de haver comunidades e subcomunidades linguísticas. Assim, reunir, em um único material, todas as palavras usadas por uma nação torna-se inviável.

A respeito das palavras não encontradas nas entradas lexicais dos dicionários analisados, foram 53 (65%). Os itens lexicais não encontrados foram: ‘Mangue ariado’, ‘Mangue duro’, ‘Mangue atoleiro’, ‘Mangue mole’, ‘Canoé’, ‘Sapateiro’, ‘Mangue manso’,

‘Lápis’, ‘Canetinha’, ‘Porocotó’, ‘Arastovis’, ‘Araeu’, ‘Arastévis’, ‘Buzana’, ‘Siri pimenta’, ‘Siri leme’, ‘Mufada’, ‘Bunda’, ‘Caranguejo sal’, ‘Tesoureiro’, ‘Tesourão’, ‘Maçunim preto’, ‘Siri cagão’, ‘Catapu de dedo’, ‘Catapu de tampo’, ‘Mela pau’, ‘Redinha’, ‘Morão’, ‘Maçunim branco’, ‘Redinha batida’, ‘Caranguejo malhado’, ‘Caranguejo batido’, ‘Caranguejo ininhado’, ‘Caranguejo de leite’, ‘Caranguejo tapado’, ‘Tapagem’, ‘Encangado’, ‘Siri de alagado’, ‘Siri de alago’, ‘Siri de seco’, ‘Furiba’, ‘Maré de lançamento’, ‘Maré de quebramento’, ‘Maré grande’, ‘Maré morta’, ‘Maré choca’, ‘Maré vazando’, ‘Maré vazante’, ‘Pesca de lampião’, ‘Tomada’, ‘Guaxelo’, ‘Guaxite’ e ‘Muruim’.

Afirmamos ainda que a falta dos termos usados por nossos colaboradores nos dicionários de língua portuguesa ou a inexistência de definições referentes ao mangue podem também estar relacionadas à imagem de marginalização que, muitas vezes, são atreladas aos manguezais. Além de ser um ambiente muitas vezes desconhecido por muitos não indígenas, tendo em vista, o “sujo” que é remetido ao mangue devido às lamas que compõem seu solo e à questão de status.

Nos Quadros 2, 3, 4, 5, e 6 a seguir, resumimos os dados analisados ao longo desta seção.

Quadro 2 – Mangue: solos, tipos e plantas

Nome Popular Potiguara	Dic.1²¹	Dic.2²²	Dic.3²³	Dic.4²⁴	Descrição dos colaboradores
Mangue ariado (col. 1) Mangue ariado ou Mangue duro (col. 2, col. 3) Barranco (col. 4) Barranco ou mangue ariado (col. 5)	-	-	Barranco Lugar, cavado por enxurradas ou por outra causa. Escavação natural; precipício. Obstáculo	Barranco Quebrada de terreno provocada por escavação que as enxurradas abrem nos solos argilosos ou pela ação do homem. Margem elevada ou íngreme de um rio; barranca, ribança	Solo do manguezal que por conter lama e areia não chega a atolar/afundar com facilidade

²¹ Dic. 1: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998)

²² Dic. 2: Dicionário de Eduardo de Almeida Navarro- Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013)

²³ Dic. 3: Dicionário de Candido de Figueiredo- Novo Diccionário da Língua Portuguesa (1913)

²⁴ Dic. 4: Dicionário Michaelis (online)

mangue atoleiro (col. 1, col. 5)	-	-	-	-	Solo do manguezal que não é misturado com areia. Devido a grande quantidade de lama esse tipo de solo tende a atolar/afundar muito
mangue atoleiro ou mangue mole (col. 2)					
mangue mole (col. 4)					
Canoé (col. 1, col. 3, col. 4, col. 5)	-	-	-	-	Espécie de mangue que suas raízes ficam ao redor da planta por baixo da terra de maneira que as pontas finais dessas raízes fiquem para fora do solo
Sapateiro (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de mangue que possui raízes extensas e resistentes que ficam acima do solo do mangue
Mangue manso (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de planta do manguezal. Sua madeira possui coloração que varia entre avermelhada, marrom e cinza, podendo conter todas essas cores em um mesmo galho ou tronco. Sua casca pode ser usada para tingimento de cor vermelha. Suas folhas são relativamente pequenas e aglomeram grandes quantidades de sal, muitas vezes chegando a ficar branca devido ao excesso de sal atraído.
Lápis (col. 1)	-	-	-	-	Semente do mangue denominado sapateiro. Os nomes canetinha e lápis justificam-se devido a semelhança que a semente tem com os objetos caneta e lápis
Canetinha (col. 2)					

Porocotó (todos os col.)	-	-	-	-	Raiz de grande resistência do mangue canoé que fica aparecendo cerca de cinco centímetros de forma ereta no solo podendo machucar ou furar o pé de quem pisa nela
-----------------------------	---	---	---	---	---

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Quadro 3 - Espécies de crustáceos

Nome Popular (Potiguara)	Dic. 1	Dic. 2	Dic. 3	Dic. 4	Descrição dos colaboradores
Aratu ou arastovis (Col.1, Col. 2) Aratu ou arastévis (Col.5, Col. 4) aratu ou araeu (Col.3)	Aratu Variedade de caranguejo	Aratu nome de várias espécies de caranguejos vermelhos dos manguezais, da família dos grapsídeos	Aratu esp.de caranguejo	Aratu Denominação comum a diversos tipos de caranguejos da família dos grapsídeos, todos com carapaças trapezoidais, encontrados nos manguezais; carapinha	Crustáceo semelhante ao caranguejo, de porte um pouco menor e casco que varia nas cores preta e vermelha. Seus dedos possuem espécies de pelos que podem chegar a furar a pele humana. Vive no mangue e em arrecifes. Os aratus do mangue permeiam entre a água das camboas, o solo do mangue e suas raízes
Mufada (col. 3, col. 4, col. 5) Mufada ou bunda (col.1, col. 2)	-	-	-	-	Espécie de aratu de pequeno porte, que não contém pêlos nos dedos e que possui maior comprimento na região traseira
Buzana (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de crustáceo comprido, de cor clara que se alimenta da madeira do mangue
Caranguejo (todos os col.)	-	-	Animal crustáceo, de que há espécies comestíveis	Denominação comum a vários crustáceos decápodes, braquiúros, na maioria marinhos, caracterizados por terem o corpo coberto por uma carapaça larga, cinco pares de patas, sendo o primeiro par normalmente em forma de fortes	Crustáceo que possui casco arredondado de grande resistência que pode ter variação nas cores amarela e azul claro, a depender de sua espécie, possui oito dedos/patas e dois dedos maiores que possuem pinça,

				pinças, e abdome reduzido e dobrado por baixo do tórax; auça, guaiá, uaçá	conhecida por pata. Quando a pata é muito grande, chamamos patola. Esse crustáceo vive no manguezal e faz buracos no solo do mangue para proteger-se de predadores
Caranguejo Guaiamum (todos os col.)	Gaiamum Caranguejo preto azulado do norte do Brasil	Guaiamum / Goiamum/ Goiamu, caranguejo terrestre gigantesco da família dos gecarcinídeos	Goiamum Crustáceo azulado e de sabor agradável, parecido com o caranguejo	Caranguejo grande (<i>Cardisoma guanhumi</i>) da família dos gecarcinídeos, encontrado do sul dos Estados Unidos da América até o Sudeste do Brasil, em lugares lamacentos, próximos à beira-mar. Possui carapaça azul, de aproximadamente 10 cm, e pinças desiguais; caranguejo - mulato-da-terra, fumbamba, goiamu, goiamum, guaiamum	Espécie de caranguejo que possui casco arredondado de grande resistência de cor azul claro
Caranguejo sal (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de caranguejo que possui casco arredondado de grande resistência de cor amarelada
Chama maré (todos os col.)	-	-	-	Pequeno caranguejo da família dos ocipodídeos (<i>Uca pugnax</i>), de cor azeitonada, com uma das pinças muito maior que a outra e que tem o hábito de agitá-la em gesto de quem chama, daí o nome; chora-maré, cicié, crauçá, grauçá, maracauim, siri-patola, tesoura, xié.	Tipo de caranguejo de pequeno porte (chegando a no máximo dois centímetros) que possui uma pata/pinça maior que seu corpo. Seu formato é idêntico a de caranguejos como o açu e o goiamum. Ele possui casco amarelado e seu nome se justifica devido ao movimento de chamamento que faz com sua pinça maior
Tesoureiro (col. 1, col. 2) Tesourão (col.3, col. 4)	-	-	-	-	Tipo de caranguejo de pequeno porte, sendo um pouco maior que o chama-maré. Possui uma pata/pinça maior que seu corpo.

					Seu formato é idêntico a de caranguejos como o açu e o goiamum. Ele possui casco vermelho e seu nome se justifica devido à sua pinça que é muito grande e semelhante a uma tesoura
Siri (todos os col.)	Deslisar, escorregar: caranguejo	Nome genérico de várias espécies de crustáceos decápodes braquiúros da família dos portunídeos	Nome de várias espécies de crustáceos decápodes	Denominação comum aos crustáceos decápodes, braquiúros, da família dos portunídeos, encontrados em águas marinhas, caracterizados por ter o último par de pernas como nadadeiras. Apesar de se alimentarem de detritos, são muito apreciados pela carne saborosa	Tipo de crustáceo que possui casco resistente que varia nas cores preta, marrom, vermelho e azul. O siri contém dedos, entre eles duas pinças grandes, que ficam localizadas na região próxima a seus olhos e dois dedos menores que ficam na parte final de seu abdômen e servem como espécie de nadadeira. esse tipo de crustáceo pode ser encontrado no mar, na maré, nas camboas, regos, córregos de água salgada e solo do mangue. No mangue ele pode ser encontrado acima da lama ou dentro de buracos.
Siri açu (todos os col.)	Açu Grande	-	Açu Espécie de jacaré das margens do Amazonas	Siri açu Siri de grande porte (<i>Callinectes exasperatus</i>), da família dos portunídeos, encontrado em todo o Atlântico, com grande carapaça e carne muito apreciada; siri-do-mangue	Tipo de crustáceo que possui casco resistente nas cores preto a azul. Ele é a maior espécie de siri encontrado no território.
siri pimenta (col. 1, col. 3, col. 5)	-	-	-	-	Tipo de crustáceo que possui casco resistente e dedos na cor vermelha
siri leme (col.2, col. 5)	-	-	-	-	Tipo de crustáceo que possui casco resistente e se difere dos demais tipos de siri devido seus últimos dedos que são maiores que

					das outras espécies
siri cagão (todos os col.)	-	-	-	-	Esse siri pode ser de qualquer espécie. Seu nome se dá devido ao mau cheiro que exala durante seu cozimento
puara (todos os col.)	Atar amarrar	-	-	-	Sirí fêmea independente da espécie
Tamaru (todos os col.)	Pequeno camarão dos mangues	nome de um animal crustáceo	Crustáceo do Brasil.	-	Espécie de camarão que vive na lama do mangue
Catapu de dedo (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de molusco comestível que se encontra dentro de uma concha que contém dedos/patas. Sua concha possui formato semelhante a um cone, sua cor pode variar entre preto, marrom, alaranjado, amarelado e branco. O molusco possui cor laranja
Catapu de tampo (todos os col.)	-	-	-	-	Espécie de molusco comestível que se encontra dentro de uma concha que contém uma espécie de tampão. Sua concha possui formato semelhante a um cone, sua cor pode variar entre preto e marrom. O molusco possui as cores branco e preto.
Maçunim preto (col. 1) Maçunim ou mela pau (col. 2, col.5) Mela pau (col. 4)	-	-	-	Molusco bivalve (<i>Iphigenia brasiliensis</i>), comestível, da família dos donacídeos, encontrado nas Américas, de concha branca e triangular; tarioba	Molusco comestível que se mantém dentro de concha de cor preta de pequeno porte resistente e arredondada encontrado fixado à madeira do mangue

Maçunim branco (col. 1)	-	-	-		Molusco não comestível que se mantém dentro de concha de cor branca de pequeno porte resistente e arredondada encontrado fixado à madeira do mangue
Maçunim ou mela pau (col. 2, col.5)					
Mela pau (col. 4)					

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 4 – Características referentes aos crustáceos e à sua pesca

Nome Popular (Potiguara)	Dic. 1	Dic. 2	Dic. 3	Dic. 4	Descrição dos Colaboradores
Redinha (todos os col.)	-	-	-	-	Armadilha para capturar caranguejo feita com fios de saco
Gaita (col. 1, col. 3, col. 4, col. 5)	-	-	-	Gaita Cada uma das grandes raízes da vegetação dos mangues.	pedaços de pau que são responsáveis por fixarem a redinha no solo do mangue
Morão (col. 2)					
Redinha batida (col. 1)					Quando o caranguejo se encontra agarrado à redinha
Caranguejo malhado ou batido (col. 2)					
Ininhado (col. 3)	-	-	-	-	
Caranguejode leite (todos os col.)					Quando o caranguejo está passando pelo processo de troca de casco, se encontra mole e não comestível
	-	-	-	-	
Caranguejo tapado (todos os col.)	-	-	-	-	Método usado por caranguejeiros que consiste em fechar o buraco onde o caranguejo está com lama mole para facilitar sua retirada
Engranzado (col. 1, col. 2,			Engranzar Enfiar.	Engranzar Enfiar contas em fio	Forma de imobilizar sirí fêmea ou macho com

col. 3, col. 4) Encangado (col. 5)	-	-	Enganchar. Encadear. Endentar. Engrenar. <i>Fig. fam.</i> Engazupar; embar. (De grão) Encangar O mesmo que <i>jungir</i> . * Pop. Tornar achacado ou curvado por doença. (De canga)	de metal ou de outro material/Ligar elos de uma corrente; encadear.	seus próprios dedos e patas/pinças
siri de alagado (col. 1) Siri de alago (col. 2, col. 3)	-	-	-	-	Siri fêmea ou macho encontrado no córrego do mangue
siri de seco (todos os col.)	-	-	-	-	Siri fêmea ou macho encontrado no solo do mangue sem que esteja dentro de grande volume de água
Barroca (col. 1, col. 5) Loca (col. 2)	Loca Toda cavidade onde se aglomeram peixes		Loca Esconderijo do peixe sob uma laja, debaixo de água. Toca, furna	barroca Escavação natural proveniente de erosões; barranco, cova loca Esconderijo de peixe sob uma pedra ou laje/Gruta pequena; furna, lapa.	Espécie de buraco no solo do mangue onde fica o siri fêmea ou macho e o amoré
Embatumado (todos os col.)	-	-	Embatumar Encher de mais; acumular. (Por embetumar, de betume)	Embatumar Encher mais que o necessário; acumular, embetumar.	Momento em que o caranguejo se encontra em local totalmente coberto por lama para passar pelo processo de mudança de casco
Furiba (todos os col.)	-	-	-	-	Nome dado ao caranguejo açu ou goiamum quando ainda está muito pequeno

Fonte: Elaborada pela autora

Quadro 5 – Fases da Maré

Nome Popular (Potiguara)	Dic. 1	Dic. 2	Dic. 3	Dic. 4	Descrição dos Colaboradores
Maré de lançamento (col. 1, col. 2, col. 4, col. 5)	-	-	-	-	Dias anteriores ao dia de lua cheia em que a maré está aumentando seu nível de água
Maré de quebramento (col. 1, col. 2)	-	-	-	-	Dias posteriores ao dia de lua cheia em que a maré passa a diminuir seu nível de água até o momento em que a maré fica morta
Maré grande (col. 1, col. 2)		-	-	-	fase em que a maré encontra-se em maior quantidade de água chegando a um nível de água que não é alcançado com frequência a ponto de “lavar” todo o mangue
Maré morta (col. 1, col. 2)	-	-	-	-	Fase em que a maré se encontra com pouca quantidade de água a ponto de não chegar a molhar o mangue. Momento em que a água da maré se encontra completamente limpa
Maré choca (col. 1)	-	-	-	-	Chamamos maré choca a maré que está em fase morta ou grande que não atinge o potencial esperado
Maré vazando ou vazante (col. 1, col. 2)	-	-	-	-	Momento em que a maré está saindo da fase cheia e passa a secar
Preamar (col. 1, col. 2, col. 5)	-	-	-	O ponto mais alto a que sobe a maré; influxo, maré-alta,	Momento em que a maré se encontra completamente parada. Sem encher

				maré-cheia	ou secar.
--	--	--	--	------------	-----------

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Quadro 6 – Peixes: espécies e instrumentos de pesca

Nome Popular (Potiguara)	Dic. 1	Dic. 2	Dic. 3	Dic. 4	Descrição dos Colaboradores
Amoré (todos os col.)	A moréia	peixe da família dos gobiídeos	-	Etimologia tupi	Peixe que possui as cores marrom claro e amarelo envelhecido e preto dos lados e na parte de cima e branco na parte da barriga. Ele vive no mangue, não tende a ficar muito grande e possui nadadeiras relativamente pequenas
Pitimboia (col. 1, col. 2)	-	-	-	Curral de pesca/Aparelho para auxiliar a pesca dos camarões.	Rede que serve para capturar amoré. A rede é fixada a um ferro que possui formato circular. Fixado ao ferro encontram-se duas aseias/alças que servem para melhor execução da pesca
Covo (todos os col.)	-	-	Cêsto comprido de vimes, para pesca	Armadilha de pesca feita de esteiras penduradas em pares e providas de sapatas de chumbo/Cesto comprido, geralmente de vime, usado para pescar.	Armadilha feita para pegar camarão e peixes como o amoré. Seu formato é semelhante ao de um cone. Os materiais para construí-lo são: ripas do centro rígido da palha de dendê e cipós.
Puçá	Rede, rede	-	Instrument	Pequena rede	A puçá é um

(col. 1, col. 2, col. 5)	de pescar		o de pescar camarões, o mesmo que jereré	cônica, munida de um cabo, com um tipo de trama apropriada para pegar crustáceos em geral/Peneira de malha para capturar pequenos crustáceos e peixes miúdos.	instrumento que se caracteriza em uma rede de espaços estreitos que pode ficar fixada a um ferro ou madeiras no formato de linha reta que é completado com formato circular, que serve especialmente para pegar peixes pequenos. Seu uso geralmente é restrito a lugares estreitos, uma vez que as puças são relativamente pequenas
Pesca de lampião (col. 1)	-	-	-	-	Consiste em pôr um lampião na frente da canoa, para que com a claridade do lampião as tainhas fiquem ofuscadas e subam, ficando na faixa da água. Com isso, uma pessoa fica em pé na canoa para capturar as tainhas com o auxílio de um jereré (instrumento idêntico à pitimboia, que ao invés de alças, possui uma vara fixada ao ferro). Esse tipo de pesca é realizada apenas em noites completamente escuras. Ela pode ser realizada em camboas ou na maré
Tomada (col. 1, col. 2)	-	-	-	-	Técnica de pesca da qual a rede é inserida na beira da maré com o auxílio de madeiras para

					fixá-la na terra ainda seca e quando a maré enche e fica prestes a secar novamente a rede é retirada com os peixes que ficaram presos. Esse tipo de pesca pode ser realizado em camboas ou na beira da maré
Zangareilha (col. 1, col. 5)	-	-	Nome que, em Ílhavo, se dá à tarrafa de arrastar	-	Método que consiste em pôr um lampião/luz na proa da canoa de modo que a claridade fique na parte de trás da canoa, enquanto há uma rede do início ao final da canoa de maneira que a rede não bata dentro da água, esteja ereta e esticada desde o comprimento da canoa até acima dela. Desse modo, com a claridade do lampião/luz para trás os peixes passam a saltar, quando saltam, batem na rede e caem direto na canoa. Esse tipo de pesca é realizada apenas em noites completamente escuras. Ela pode ser realizada em camboas ou na maré

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 6 – Outros animais (pássaros e outros)

Nome Popular (Potiguara)	Dic. 1	Dic. 2	Dic. 3	Dic. 4	Descrição dos Colaboradores
-----------------------------	--------	--------	--------	--------	-----------------------------

<p>Aracuaã (col. 2, col. 3, col. 5)</p>	<p>Nome de uma ave da família dos cracídeos</p>	<p>-</p>	<p>Araquã Nome comum a três espécies de gallinácea s. (T. tupi)</p>	<p>Denominação comum às aves galiformes, da família dos cracídeos, com várias espécies no Brasil, comum em matas ciliares, que têm a garganta nua e de coloração vermelha</p>	<p>Ave de penugem majoritariamente marrom, misturadas com penas brancas e amarelas. Ela possui cauda e pescoços relativamente longos</p>
<p>João pobre (col. 1, col. 2)</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>Ave passeriforme (<i>Serpophaga nigricans</i>), da família dos tiranídeos, encontrada no Sudeste brasileiro e na Argentina e Paraguai, de dorso cinza-escuro, abdome branco e topete negro</p>	<p>Ave de pequeno porte, possui formato relativamente arredondado, suas penas contém vários tons de cinza, sendo que as penas de sua cauda contém um tom mais escuro. Outro tom escuro, praticamente preto é encontrado em seu bico e pernas</p>
<p>Socó-boi (col. 1, col. 2, col. 3)</p>	<p>Socó-boy Socó-cobra porque o socó, quando na água, costuma deixar acima da superfície o seu longo pescoço, semelhante a uma cobra. Socó: De <i>soo-có</i>, o bicho que se arrima, alusão a esta pernalta que tem o hábito de descansar o corpo numa perna só.</p>	<p>-</p>	<p>socobói Ave pernalta</p>	<p>Denominação comum aos socós do gênero <i>Trigrisoma</i>, que ocorrem nas Américas Central e do Sul, em áreas úmidas e florestas; são aves de hábitos solitários, de plumagem pardacenta com manchas escuras</p>	<p>Ave relativamente grande, que quando jovem tem penas amarelas com penas escuras na horizontal ao longo de seu corpo; quando adulta possui a parte traseira do pescoço e cabeça alaranjado ou avermelhado e linha vertical preta na parte frontal da garganta, abaixo do pescoço essa ave possui penas na cor cinza escuro e em pouca quantidade alguns tons de canelado No geral ela tem bico,</p>

					pernas e corpo longos.
Tamatião (col. 1, col. 2, col. 3)	-	tamatá ave ciconiforme dos mangues, das beiras dos rios e lagos, da família dos coclearídeos, de bico largo e achatado	Tamatiá Nome de várias aves trepadora s	-	Pássaro razoavelmente grande. Possui a maioria de suas penas na cor cinza. possui duas listras brancas próximas aos olhos, lista amarelada na testa e o restante da cabeça na coloração preta. Seu bico é preto, grosso e longo. Ao longo de seu corpo se encontram as cores cinza claro e escuro, preto e branco. Sua perna é levemente longa e seu corpo possui formato alongado
Cambonje (col. 5)	-	-	Cambonja Ave pernalta, originária de Angola	-	Ave de porte médio (chegando a cerca de 30 centímetros) que varia nas seguintes características: as pernas podem ser vermelhas ou pretas, os olhos podem ser azulados, pretos ou vermelhos e as penas podem ser azuladas, pretas, marrons ou esverdeadas
Guaxinim (col. 1, col. 2, col. 4) Guaxinim ou guaxelo (col. 5) Guaxinim ou guaxite (col. 3)	Guaxini: Cachorro do mato. De gua(ra), cachorro; xining por sining, que rosna, faz barulho	-	Guaxinim Espécie de raposa, que se sustenta de caranguejos	Guaxinim Mamífero da família dos procionídeos (<i>Procyon lotor</i>), encontrado nas Américas do Norte e Central, com mancha preta na cara, cobrindo os olhos como uma máscara, e patas brancas; racum.	Espécie que se alimenta de caranguejos, peixe e siri. Assemelha uma raposa. Seu focinho é pontagudo e em torno de seus olhos encontra-se a cor preta, que se assemelha a uma máscara. Seus pelos são marrons e há listras pretas ao

					longo de sua cauda
Muruim (col. 1, col. 2)	Maruim: Nome de mosquitinh o pólvora ou borrachudo que se prolifera nos mangues, águas paradas, beira de rio.	-	Maruim Mosquito dos terrenos pantanosos do Brasil	Denominação comum aos pequenos insetos dípteros, sobretudo do gênero <i>Culicoides</i> , da família das ceratopogonídeos , encontrados em manguezais do Brasil, podendo desenvolver suas larvas em águas paradas de taquaras ou bromélias, cujas fêmeas são hematófagas e vetoras de filariose ao homem e a animais diversos por suas picadas doloridas;	Tipo de mosquito de pequeno porte que circula dentro do mangue

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Barcellos (2012), os Potiguara são um exemplo entre os poucos povos indígenas que conseguiram fixar-se à seu território, mantendo sua cultura e tradições relativamente preservadas. Há centenas de anos, os Potiguara vêm tendo contato com os mangues existentes em seu território, e seja usando a língua de seus antepassados ou a que foi obrigado a usar (o português), os Potiguara continuaram tendo contato incisivo com o manguezal e nomeando os seres nele existentes, seus tipos, características, tamanho, local de morada, tempo de vida, formas e técnicas de captura entre outros (Soffiati, 2023). Como visto a partir de autores como Eckert (2005, 2012) e Labov (2008), o compartilhamento dessas nomeações é feito por meio das socializações realizadas nas redes sociais, uma vez que possuem em seu íntimo as práticas de determinada comunidade e os aspectos específicos referentes à identidade local.

Como mencionado pelas autoras Maher (1996) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022) as nomeações feitas refletem exatamente sobre as vivências, saberes e memórias que esse povo carrega.

O conhecimento dos Potiguara, colaboradores desta pesquisa, reforça a ideia de identidade criada/preservada a partir da língua, afirmação essa que condiz com a teoria de

Maher (1996) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022) de que a língua usada pelos indígenas reverbera os saberes indígenas. Além disso, como discutido por Ferraz (2006), o léxico de um povo reflete sobre o modo como eles enxergam o mundo e os demais aspectos que os cercam, desse modo os itens lexicais, suas variações e as descrições tidas por parte de nossos colaboradores constituem sua marca identitária.

Destacamos os itens lexicais coletados em nossa pesquisa como patrimônio identitário de nossos colaboradores. Pois, como descrito por Vilela (1994), Eckert (2000, 2005) e Santos (2017), é no léxico que se encontram guardados os saberes extralinguísticos de uma comunidade, e por meio dele a identidade de um povo pode ser visualizada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi perceptível que os colaboradores possuem vasto conhecimento a respeito do ambiente, solo, plantas, crustáceos, moluscos, animais, aves, tipos de maré, tipos de pesca no mangue e na maré, entre outros. Não somente trabalham, mas observam e se conectam diretamente com esse ambiente e com a abrangência de seres e de aspectos que o compõem. O conhecimento se dá também devido ao fato de que há centenas de anos, quando todos ainda falavam a língua Tupi, seus antepassados já o frequentavam e, mesmo após a imposição da língua portuguesa, esse ambiente não deixou de ser ocupado pelos Potiguara da Paraíba e ser entrelaçado pelas linguagens marcadas no território.

Ao longo da pesquisa de campo, coletamos 81 itens lexicais usados no mangue, detectados enquanto singulares, corroborando com um dos objetivos específicos ao identificar os itens lexicais presentes na fala dos Potiguara relacionados à vivência no mangue. Acreditamos que, devido à secularidade de contato dos Potiguara com o mangue, os 26% dos itens lexicais coletados em nosso estudo que coincidiram com itens mencionados nas publicações acadêmicas analisadas, são frutos da influência dos ancestrais da língua Tupi, os Potiguara. Das 81 palavras que coletamos com os colaboradores, 16% foram encontradas em dicionários de Tupi e 18% nos dicionários de língua portuguesa. Do total, 58% dos itens lexicais não foram encontrados em nenhum material usado nesta pesquisa, o que nos leva, a partir dessa análise inicial, a noção de singularidade e especificidade no vocabulário Potiguara. Destacamos que no que tange os dicionários de língua portuguesa, identificamos que as definições encontradas não contemplam aspectos relacionados ao mangue e, em sua maioria, apresentam definições amplas sem a contextualização.

No que se refere ao uso dos itens lexicais, salientamos que a língua Tupi, ainda que não sendo mais usada majoritariamente pelos Potiguara, sempre esteve presente no território Potiguara, fazendo parte na construção dos significados do dia a dia do povo. Tais pontos refletem sobre o objetivo que se propunha relacionar os significados e os usos desses itens lexicais na enunciação da identidade Potiguara.

Outro fator apontado em nosso estudo reverberado por meio das vozes Potiguara foi a relação de respeito, afeto e gratidão que os colaboradores demonstraram pelo ecossistema mangue. Apesar de alguns admitirem que o trabalho no mangue não é tarefa fácil, todas as vezes que se referiram ao mangue foi com grande estima. E os que, por alguma razão, não frequentam mais o mangue (ou que não o frequentam como antes) transmitem, por meio do

discurso, um sentimento de saudades e melancolia. Essas percepções nos fazem compreender o quanto os Potiguara são gratos pela sobrevivência que o mangue os tem proporcionado, mas também, e, especialmente, nos remetem à ideia de que o mangue é um lugar onde os Potiguara se sentem bem, sentem conexão com ambiente, sentem liberdade e autonomia. Esses aspectos conectam-se ao objetivo específico que se propunha a examinar de que forma o estudo do léxico relacionado ao mangue se articula com os aspectos sociais da vida Potiguara. Diante dos resultados até aqui expostos, alcançamos nosso objetivo geral, que pretendia analisar itens lexicais usados no contexto do mangue pelos Potiguara da Paraíba, buscando fortalecer as características etnolinguísticas marcadas ao longo do território Potiguara. Os resultados nos mostraram que a identidade de um povo é observada nas categorias sociais, culturais, linguísticas e históricas, no funcionamento da língua com o território e seus ancestrais.

Foi verificável que nossa hipótese, ao iniciarmos o estudo, estava correta, pois foi visto que os Potiguara da Paraíba carregam um repertório linguístico que reflete identidade étnica, histórica e social que identificam o povo Potiguara, uma vez que os itens lexicais utilizados no falar dos referidos, assim como recortes de seus discursos, demonstram as peculiaridades existentes desse povo, revelando as memórias e as narrativas vivas da ancestralidade cultural e linguística do povo. Esse fato, e os demais expostos até o presente momento, também respondem à pergunta geradora desta pesquisa, que indagava: de que modo o repertório lexical dos Potiguara da Paraíba, mais especificamente o vocabulário utilizado no mangue, estão relacionados à identidade étnica desse povo?

Enfatizamos que ainda não há na literatura textos que abordam a identidade étnica Potiguara por meio da língua portuguesa, por isso, este trabalho traz contribuições para futuros estudos na área de Linguística que visem aos povos originários, estudos que tenham como foco o português indígena e trabalhos que foquem no povo Potiguara de um modo geral, mais especialmente, em singularidades do léxico ou na relação Potiguara com o manguezal. Contudo, admitimos as limitações que existem em nossa pesquisa, como por exemplo, o fato de não ter sido possível entrevistar pessoas não indígenas que trabalham no mangue e que estão geograficamente mais perto dos Potiguara.

Finalizo este trabalho trazendo um breve recorte de minhas idas ao mangue, das conversas com meu pai e dos momentos de conversa com os, mais que queridos, colaboradores da pesquisa. Recorte do que, enquanto pesquisadora e Potiguara, pude perceber e vislumbrar. Apesar de ser indígena Potiguara, antes de iniciar a pesquisa, apenas via o

mangue, admirava, mas nunca tinha adentrado. Como o trabalho no mangue é muito árduo, cansativo e perigoso, os Potiguara mais velhos, que são pais e mães, dão seu máximo para que seus filhos possam estudar e viver uma vida menos sofrida. Foi justamente isso que meus pais fizeram. Então, apresento, neste momento, uma visão do mangue a partir do que via antes da pesquisa, do que vi durante minhas idas ao mangue e do que foi notado nas entrevistas. Meu pai, como explicado anteriormente, teve o mangue como principal meio de vida durante a infância, adolescência e grande parte da vida adulta, e, posteriormente, se tornou servidor público efetivo. Porém, ele nunca deixou completamente de ir ao mangue. Mesmo sem nossa família precisar que ele fosse para o mangue, ele sempre gostou de ir para pegar, principalmente, siri, amoré e caranguejo. Eu nunca entendi porque ele ia, se quando chegava estava cheio de lama e exausto. Quando falei para ele que precisaria de sua ajuda para a minha pesquisa e que seria no mangue, ele ficou imensamente feliz.

Nossa primeira ida à campo foi um momento ímpar que jamais esquecerei, pois pude ver de dentro do mangue, o quanto ele é rico, sublime, e parece ser infinito. A cada passada que eu dava no solo do mangue, mais eu me afundava na lama, e mais eu percebia o quanto o mangue é um ecossistema magnífico e complexo, o quão habilidoso deve ser alguém para poder trabalhar no mangue, seja para andar nele, seja para capturar os crustáceos e peixes que nele habitam.

Quando chegou a hora de ir embora, foi quando entendi totalmente o sentimento que meu pai tem pelo mangue e que outros Potiguara também sentem, pois eu não sentia vontade de ir embora, me senti como se estivesse no lugar mais confortável e adorável que já estive. Mesmo toda coberta por lama, com inúmeras picadas de mosquito, com minha pele coçando terrivelmente, cansada por ter andado tanto, pelo peso da lama e pelo esforço para conseguir desviar e andar entre as raízes do mangue sapateiro. E antes mesmo de irmos embora, já combinamos o dia que podíamos voltar. A segunda ida à campo foi diferente da primeira, pois, na segunda, precisamos ir de canoa para chegar ao mangue que meu pai queria me levar. Essa experiência foi ainda melhor, porque nele pude ir remando com meu pai até a camboa, que aliás foram quilômetros de remadas. Por termos que passar um certo tempo remando, pudemos conversar sobre diversas coisas, que muitas vezes na correria do dia a dia acabamos não tendo tempo. Ao fim de cada ida ao campo, ainda no mangue, nós fazíamos uma pequena fogueira e assávamos, na brasa, parte dos caranguejos e siris que meu pai tinha capturado. Esse era outro momento em que podíamos conversar sobre a pescaria e outros assuntos diversos.

As idas a campo proporcionaram a mim e ao meu pai um maior contato e desconexão do celular, mídias sociais e de tudo que fosse externo àquela vivência. Dessa forma, acredito que a conexão com o mangue possibilita momentos de distração, de conexão com a natureza, de conversas genuínas e francas, bem como de uma visão diferente do que é o mangue.

Muitos acreditam que o mangue se resume unicamente a um ecossistema que possibilita valor econômico, mas posso afirmar, diante de minhas experiências ao longo de toda a pesquisa, que o manguezal é bem mais que isso. É um ambiente acolhedor, que traz paz, sentimento de liberdade, possibilita conexão profunda com a natureza e com os seres que vivem nele. Após todas as idas à campo, até mesmo no dia que tivemos de remar, cheguei razoavelmente cansada em casa, mas tive uma excelente noite de sono e, após acordar, não sentia nenhuma dor, ou desconforto, apenas saudades de estar no mangue.

Quando fui realizar o questionário com os demais colaboradores, já imaginava que suas respostas a respeito da importância do mangue conteria sentimento de profunda conexão e afeto, pois foi o que senti durante os momentos que tive no mangue e após eles. E, por isso, o mangue é um ambiente tão importante para os Potiguara. Os sentimentos de conforto, leveza, conexão com a natureza e afeto pelo ambiente mangue são tão grandes, que, mesmo depois da pesquisa ter sido finalizada, esporadicamente, vou ao mangue com meu pai.

Ao longo da aplicação do questionário, da ficha social e de nossas conversas informais, pude perceber tais sentimentos não apenas por meio de palavras, como, especialmente, pelo silêncio e/ou balbúcio, devido à emoção de lembrar de determinadas situações proporcionadas pelo mangue e pelas expressões faciais. Aspectos tão importantes e genuínos, mas que não podem ser captados por meras gravações de áudio ou por descrições escritas.

Quanto ao que tange o Ser Pai do Mangue, creio fortemente que ele é uma das principais causas que proporcionam o estado de leveza, liberdade, conexão e estima pelo mangue. Mesmo sem vê-lo, pude perceber que sua função e prática dentro do mangue ultrapassa os limites de proteção do mangue, dos seres que vivem nele e de Ser que “castiga” quem viola as regras. O Pai do Mangue cuida do mangue e das pessoas que trabalham nele, promove, a quem se conecta com ele, revigora a saúde e os demais meios que possibilitam o trabalho no mangue. Acrescento, por fim, que a vivência do campo, seja no mangue, seja nas conversas com os colaboradores, foi memorável e única. Espera-se que para quem adentrou este texto, independentemente da motivação, também o seja.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. **Sociolinguística**: parte I. Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 1, p. 21-47, 2001.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. A constituição social da categoria caranguejeiro entre os Potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 9, 2018, p. 155-175.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.
- ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba)**. 2023. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. Loyola: São Paulo, 2002.
- BANDEIRA, Alípio. **Relatório referente aos índios remanescentes da Bahia da Traição, a nordeste da Parahyba**. Relatório encomendado pelo SPI. SEDOC/Museu do Índio, Microfilme 170, fotogramas 1542-1555. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1920.
- BARCELLOS, Lusival Antonio; SOLLER, Juan. **Paraíba Potiguara**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.
- BARCELLOS, Lusival. **Práticas Educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo, 2014, p.79-98.
- BERNARDO, Cristina de Lima. **Práticas agrícolas e saberes locais do povo potiguara da Paraíba: espaço e produção de alimentos a partir da mandioca**. 2023. Dissertação (Mestrado em antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v 22, n. 4, p. 81-96, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. . In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico testemunha de uma cultura. In: HOINKES, Ulrich; DIETRICH, Wolf. **Kaleidoskop der Lexikalischen Semantik**. Gunter Narr Verlag Tübingen, 1997.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Um dicionário para o português do Brasil. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BLACH, Matheus Cássio. Os Potiguaras da Paraíba: identidade território e patrimônio cultural. **Revista Memorare**. Tubarão, UFSC, v. 4, n. 1, p. 45-68, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, Emanuel Oliveira. **Histórias indígenas e mitos restauradores: os Potiguaras entre santos, festas e ruínas**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. O estudo do léxico e seu papel na otimização do ensino e aprendizagem da língua indígena. In: GOMES, Antonio Almir Silva. **Ensino de Línguas e Educação Escolar Indígena** (Série Ensino de Línguas em Contexto Indígena – ELCIND). Macapá: UNIFAP, 2019, p. 123-138.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani Portugues**. São Paulo: Éfeta Editora, 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. São José do Rio Preto: Unesp, 1994.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/ CGETNO/CGGAM, 2012.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 141-156.

COELHO, Marcos Antônio Tavares; KRENAK, Ailton. Genocídio e resgate dos “Botocudo”: Entrevista com Ailton Krenak. V. 23, n. 63. **Estudos Avançados**, 2009. 193-204.

CORTEZ, Creuza Soares. **Conhecimento Ecológico Local, Técnicas de Pesca e Uso dos Recursos Pesqueiros em Comunidades da Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

COUTINHO, Walter. **O censo potiguara: referências originárias, alinhamentos políticos e adscrição étnica**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2023.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Trad. Samuel Gomes de Oliveira; Lívia Majolo Rockenbach; Athany Gutierrez. **Organon**:Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022.

ECKERT, Penelope. **Variação linguística como prática social**. Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. **Variation, convention and social meaning**. Annual Meeting of the Linguistic Society of America: Oakland CA, 2005.

FELIX, Iranilza Cinesio Gomes. **A Alteridade e a Espiritualidade dos Universitários Potiguara da Paraíba**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. The Project Gutenberg EBook: Ebook, 1913.

FREIRE, Josafá Padilha; NAVARRO; Eduardo de Almeida; PEREIRA, Pedro Eduardo; RODRIGUES, Manoel Eufrásio. **Kunumi kurupĩra rembiarũera** (O menino que foi prisioneiro do Curupira). Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

FREIRE, Josafá Padilha; PEREIRA, Pedro Eduardo. **T'ĩa-nhembo'e Potiguar-ymũana nhe'enga resé** - Tupi antigo para o Ensino Fundamental. Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

FREIRE, Josafá Padilha; RODRIGUES, Manoel Eufrásio; PEREIRA, Pedro Eduardo. **T'ĩa-nhembo'e Potiguar-ymũana nhe'enga resé Tupi antigo**. Secretaria de Estado da Educação e Cultura.

GARCIA, Edson Roberto Bogas; ZAVAGLIA, Claudia. Léxico e cultura: alguns apontamentos a partir da tradução de “foi assim” de natalia ginzburg. **Linguagem: teoria, análise e aplicações**, Vol, 6, 2011.

GERLIC, Sebastián; ZOETTL, Peter Anton. **Índios na visão dos índios: Potiguara**. Salvador: Thydêwá, 2011.

GILES, H; COUPLAND, J; COUPLAND, H. **Accommodation theory: communication, context and consequence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GILES, H; TAYLOR, D; BOURHIS, R. **Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data**. Language in Society, v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, p. 177-192, 1973.

GORETE NETO, Maria. As línguas faladas pelos indígenas: o caso da língua portuguesa. In: **Educação d.C: o papel das mulheres nesse desafio**. COSTA, P. L (Org). Belo Horizonte: PARIMPAR, 2021, p. 89-100.

GORETE NETO, Maria. **Construindo interpretações para entrelinhas: cosmologia e identidade étnica nos textos escritos em português, como segunda língua, por alunos indígenas Tapirapé**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GORETE NETO, Maria. Reflexões sobre o português falado por povos indígenas: resistência e ressignificação. **FAEEBA**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 214-231, 2022.

GUMPERZ, John. COOK-GUMPERZ, Jenny. Introduction: language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, J. J. **Language and social identity**. Cambridge University Press, 1982, p. 1-21.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, J. **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

HYMES, Dell. Social anthropology, sociolinguistics, and the ethnography of speaking. In: HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Tavistock, 1974, p. 83-117.

HYMES, Dell. **The ethnography of speaking**. *Anthropology and human behavior* .Vol. 13, n.53.p. 11-74, 1962.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 mai. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico Brasileiro de 2022**. 2022. Disponível em: Censo 2022 | IBGE. Acesso em: 16 mai. 2024.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2015.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1996.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Princípios da mudança linguística: fatores cognitivos e culturais**. Wiley-Blackwell. Vol. 3, 2010.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 1998. p. 115-138.

- MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Ser professor sendo índio**: questões de língua(gem) e identidade. Campinas: Pontes, 1996.
- MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. **Território de Memória e Territorialidades da Vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios**. 2009. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MENDONÇA, Joselma Bianca Silva de Souza; NASCIMENTO, José Mateus; BARCELLOS, Lusival Antonio. Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. **Religare**, v. 17, n. 1, p.105-140, 2020.
- MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da Língua portuguesa**. Editora Melhoramentos. Disponível em: Sobre o dicionário | Michaelis On-line. Acesso em: 31 out. 2024.
- MOONEN, Frans. História da conquista do território Potiguara: 1500 a 1985. In: **Cadernos Paraibanos de Antropologia**. João Pessoa, 1986, n 2, p. 83-101.
- MOONEN, Frans; MAIA, Luciano Mariz. **Etnohistória dos índios Potiguara**: ensaios, relatórios, documentos. Procuradoria da República na Paraíba Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, João Pessoa, 1992.
- MOREIRA, Luciana Araújo. “Caranguejo tem língua?": um glossário do caranguejo no Maranhão. **Signum**: Estudos da Linguagem: Londrina, v. 12, n. 1, p. 217-235, 2009.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário Tupi Antigo**: A língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.
- NAVARRO; Eduardo de Almeida. **T'ianhe'eng Potiguara nhe'enga rupi** - Tupi-ymuana nhe'enga nhembo'esabypy supé (Curso de Tupi Antigo para o ensino fundamental) (a partir da 3ª série). 2022.
- NAVARRO; Eduardo de Almeida. **T'ianhe'eng Tupi nhe'enga rupi** - Curso de tupi antigo para comunidades potiguaras do Nordeste do Brasil.
- NAVARRO; Eduardo de Almeida. **T'ia-nhembo'e Potiguar-ymûana nhe'enga resé** - vamos aprender a língua dos antigos potiguaras (Tupi antigo para o Ensino Fundamental). Secretaria de Estado da Educação e Cultura.
- NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, E; ZOPPI-FONTANA, M. **Introdução às ciências da linguagem** - a palavra e a frase. Campinas, 2006, p. 147 - 172.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. Brasileirismos e regionalismos. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 42, 1998, 109-120.
- PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical no atlas linguístico do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negro; ABBADE, Celina Márcia de Souza. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. vol 9, Campo Grande, Ed. UFMS, 2020.

PALITOT, Estevão Martins. A Territorialidade dos Potiguara de Monte-Mór: regimes de memória, cosmologia e tradições de conhecimento. **Revista Mundaú**, n.8, p.115-138, 2020.

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição de Monte-Mór**: história, etnicidade e cultura. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PALMQUIST, Helena. **Questões sobre genocídio e etnocídio indígena**: a persistência da destruição. 2018. Dissertação (mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2018.

PAULA, Maria Helena. **Rastros de velhos falares** –léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2007.

PEREIRA, Antônio Alberto. et. al. **História, Cultura e Sustentabilidade do Vale do Mamanguape**: livro paradidático para a Educação Básica. Editora UFPB, João Pessoa, 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROCHA, Michelle da Silva Pimentel et.al. **O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio mamanguape, estado da Paraíba, Brasil**. , INCI: Caracas, v.33 n.12, , p. 903-910, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e cultura**, v. 57, n. 2, p. 35-38, 2005.

RUBIM, Altaci Corrêa; BOMFIM, Anari Braz; MEIRELLES, Sâmela Ramos da Silva. **Década internacional das línguas indígenas no Brasil**: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas. Working Papers em Linguística, v. 23, n. 2, p. 154-177, 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández ; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Odair José Silva. Línguas em contato e diversidade linguística: o léxico regional na música gauchesca. **Letrônica** – Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS: Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 225-238, 2017.

SANTOS, Wellington Lopes. **O léxico do canto do mangue**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SILVA, José Romildo Araújo; ARAGON, Carolina Coelho. **Tupi Potiguara kuapa**: conhecendo a língua tupi potiguara. Secretaria de Estado da Educação: Mamanguape, 2024.

SILVA, Marcio Ferreira. A conquista da escola: Educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. **Em Aberto**. Brasília, 1994.

SILVA, Suana Medeiros. **Pesca artesanal**: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro: Um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita - PB. In: **Encontro Estadual da ANPUH História e Historiografia**: Entre o nacional e o regional, nº 13, Guarabira, 2008.

SOFFIATI, Arthur. Breve história das relações das sociedades com os manguezais no Brasil. **Ambientes**. Vol. 5, n. 1, 2023, p. 172-195.

SOUZA, Antônio Lisboa Leitão; BARBOSA, Liliane Monteiro. O direito à educação escolar indígena na paraíba: uma análise da legislação vigente e da luta do povo potiguaras. **Porto das Letras**, p. 1–16, 2024.

VIEIRA, José Glebson. Catimbó e Toré: Práticas rituais e xamanismo do povo Potiguara da Paraíba. **Revista de Antropologia: Vivências**. n. 54, p. 41- 64, 2019.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do português. Petrópolis: Vozes, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Questionário

- 1- Para você qual a importância do mangue?
- 2- Existe um ser não humano que vive no mangue, conhecido como Pai do Mangue. Você já teve alguma experiência com ele?
- 3- Você acredita que o Pai do Mangue tem alguma função dentro do mangue? Se sim, qual?
- 4- A maré tem diversos estágios, quais os nomes você dá para eles?
- 5- A maré tem um estágio que quando ela está totalmente cheia ou seca, que ela passa um certo tempo sem encher nem secar. Você conhece esse estágio? Como você chama ele?
- 6- Quais os tipos de pesca você conhece?
- 7- Quais os tipos de rede você conhece?
- 8- Quais tipos de mangue você conhece?
- 9- Quais espécies de pássaros que vivem no mangue que você conhece?
- 10- Existe um animal que transita pelo mangue para comer caranguejo e outros crustáceos. Você sabe qual é?
- 11- Existe um peixe que vive na lama do mangue. Qual o nome dele?
- 12- Existe um molusco que se alimenta da madeira do mangue. Qual o nome dele?
- 13- Qual nome você dá à siri fêmea?
- 14- Qual nome você dá a Siri fêmea ou macho encontrado no solo do mangue sem que esteja dentro de grande volume de água?
- 15- Qual nome você dá ao lugar no solo do mangue onde fica o siri fêmea ou macho?

- 16- Qual o nome dado à forma de imobilizar sirí fêmea ou macho com seus próprios dedos e patas/pinças?
- 17- Qual nome você dá a siri fêmea ou macho encontrado no córrego do mangue?
- 18- Qual nome você dá ao método que consiste em fechar o buraco, onde o caranguejo está, com lama mole, para facilitar sua retirada?
- 19- Qual nome você dá ao caranguejo quando está mole?
- 20- Qual nome você dá ao momento em que o caranguejo se encontra em local totalmente coberto por lama para passar pelo processo de mudança de casco?
- 21- Qual nome dado à armadilha feita com fios de saco para capturar caranguejo?
- 22- Qual nome você dá quando o caranguejo se encontra agarrado à redinha?
- 23- Qual nome você dá aos pedaços de pau que são responsáveis por fixarem a redinha no solo do mangue?
- 24- Qual nome você dá à espécie de caranguejo de pequeno porte que contém grande pata/pinça amarela?
- 25- Qual nome você dá à espécie de caranguejo de pequeno porte, maior que o chama maré, que contém pata/pinça avermelhada?
- 26- Existe uma espécie de camarão do mangue. Qual nome você dá e essa espécie?
- 27- Qual nome você dá à espécie comestível que se encontra dentro de uma concha que contém dedos/patas. E o que tem um tampão, como você chama?
- 28- Qual nome você dá à espécie comestível de pequeno porte que se encontra dentro de uma concha encontrada fixada à madeira do mangue?
- 29- Qual nome você dá ao solo do manguezal que não é misturado com areia?
- 30- Existe solo de mangue que não tem apenas lama. Qual os nomes deles?
- 31- Qual nome você dá à semente do mangue denominado sapateiro?
- 32- No solo do manguezal tem uma raiz que pode machucar o pé de quem pisar nela. Qual o nome dessa raiz?

33- Qual nome você dá ao mosquito de pequeno porte que circula dentro do mangue?

34- Quais os tipo de caranguejo?

35- Quais os tipos de siri?

36- Qual nome você dá ao caranguejo quando está muito pequeno? E o siri e aratu?

37- Qual nome você dá a esse crustáceo?



38- Qual nome você dá a esse crustáceo?



APÊNDICE II

Ficha social - indígenas Potiguara

Idade	
Escolaridade	
Gênero	
Profissão	
Aldeia atual	
Aldeias e/ou outros lugares em que o(a) colaborador(a) já viveu	
Aldeia(s) que o(a) colaborador(a) transita	
Histórico de residência dos pais	